3 1761 06184604 4

LIVRARIA ACADÉMICA
J. Guedes da Silva
R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone 25988 — PORTO
LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

A Mulher de luto

por

Gomes Leal

Livraria Central Editora
158, Rua da Prata, 160
Lisboa

A MULHER DE LUTO

GOMES LEAL

A Mulher de Luto

Processo ruidoso e singular

LISBOA
LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor
158, Rua da Prata, 160
—
1902

LISBOA
Typ. de Francisco Luiz Gonçalves
80, Rua do Alecrim, 82
1902

Á' memoria de minha Irmã

A ti, Sombra gentil, que talvez com deleite
cruzas ligeira o Céo, — como aza de andorinha —
sobre os rios azues e as bahias de leite
dos astros da noitinha...

a ti, que tanta vez desfólhas, nas caládas
noites, com tuas mãos rosadas e setíneas,
n'este meu coração crivádo de facádas,
punhados de glicíneas...

a ti, Biblia, ideal encardenada em rosas,
Estatua do Pudôr trazendo um lyrio ao peito,
que róças tanta vez tuas tranças sedosas
nos sonhos do meu leito...

a ti, que tanta vez, pelos bosques de myrtos,
ou nos lagos do Céo religiósos e caládos,
talvez te lembra a hora em que os teus dedos hirtos
me apertáram, delgádos...

a ti, de quem eu ví ternas pupillas pretas
filtrarem, ao morrer, um pranto solitário,
como outr'ora Jesus choráram as violetas
na noite do Calvário...

a ti, cuja saudade, egual a espadas finas,
machucou no meu peito a alegria e o confôrto,
como um ai de Jesus fez dobrar as bonínas
orvalhádas do Hôrto...

a ti, a cuja morte, alegrias doirádas,
esp'ranças e visões fugiram báças, múdas,
como dos seus pombaes as pombas assustádas
pelo archóte de Judas...

a ti, pluma subtil do peito d'alva pomba,
cortando aéria o Azul — laranjal de chimêras —
talvez te lembre a hora em que o sol meigo tomba,
osculando as anthéras...

a ti, que tanta vez — *em túnica de neve* —
róças por minha febre a trança de veludo,
e sinto, mansamente, o passo aério e leve,
á lampada do Estudo...

a ti, a ti dedico, astro dos céos risonhos,
este livro do alem, *escrito em largas vélas,*
a fim de que lembre e te recorde os sonhos
fiádos ás estrelas...

a fim de que recorde este livro de penas
os dramas e as visões dos romances que amámos,
do violíno os ais, e o céo todo açucenas,
para onde tanto olhámos!...

a fim de recordar-te, a ti, cheia de palmas,
de goivos, de cecens, de escabiósas *abertas,*
as nossas convicções d'outr'ora de que ha almas
em estrelas desértas...

a fim de recordar-te os colóquios amigos
sobre as almas leaes dos Castos e dos Justos,
quando a lua branqueáva os pinheiros antigos,
e a fonte entre os arbustos...

a fim de relembrar-te o pavôr das baládas,
recitadas ao alvôr do crescente nos campos,
quando ladrava o cão da noite nas caládas,
á luz dos pirilampos...

E sobretudo — emfim — lembrar-te o sonho etério
em que tu me trouxéste uma penna côr d'ouro,
mandando-me escrever sobre o sácro mystério
das Almas e o seu côro.

Cumpro hoje esta missão. — A's almas que a vil Parca
estrangulou, sem sol, sem deos, sem confiança,
hoje trago aos seus ais, como a pomba da Arca,
um ramo côr da Esp'rança.

A's almas que a Revólta enegreceu as azas,
com as unhas rasgando o magro peito intenso,
queimo n'este incensório, em cima d'estas brazas,
o Amor, como um incenso.

A's almas ao abandono e agarrando-se á hera
de um rochedo feroz, com hirta mão aduncа,
trago um céo de esmeralda onde se lê Espera !
em vez do amargo Nunca !

E ás desolada mães e ás amantes transidas,
goivos fataes da hysteria, almas que vivam de tédio,
trago um óleo com que unjo as palpebras doridas
dos prantos sem remédio.

Vivantes batalhões d'almas, mostrando as chagas,
nos seios nús que rasga a Espada da Saudade...
eu trago ao vosso mal das noites aziagas
o meu mel da piedade !...

Uivantes batalhões d'almas desesp'rançadas,
carpindo cem cessar nos lividos rochedos,
alevantae ao Céo as mãos alucinádas,
vossos trágicos dedos!...

Desgrenhadas visões das paiságens funéreas
as retorcídas mãos da febre erguei aos céos,
alçáe as magras mãos que afilaram hystérias,
porque o Amor *é Deos.*

Elle dará a todo o ensanguentado bando
o frenesim do amplexo e os beijos sideraes.
Dará a uma o filho... a outra o noivo brando...
morto nos hervaçaes.

E tambem, doce irmã das longas tranças pretas,
a mim me fartará dos teus róseos carinhos,
que faziam inveja aos lyrios e ás violetas,
e ao olhar dos passarinhos...

Toma pois este livro, ó jamais Esquecida!
Acólhe-o pois que é teu — Só tu o inspiraste,
nas noites em que pende a lua enternecida,
qual camélia na haste...

Leva-o para as regiões enigmaticas e bélas,
em que chórem d'amor as relvas que tu pises...
— E possa ele sarar tambem lá, nas estrelas,
os ais dos infelizes!...

Processo ruidoso e singular

Que o Espiritismo seja um thema de controvérsia e questão ainda, em Sciencia, comprehende-se, visto que todas as cousas lhe devam ser submettidas, e que ella não déve proceder nunca d'espirito leve, mas sempre arrimáda aos méthodos experimentaes e positivos: agora que a Egreja excommungue solenemente — como na presente obra se narrará — o sacerdote que o prégа ou o professa, quando toda a religião christã é intrinsecamente baseáda em factos anormaes, sobrenaturaes, e de telepatía — é que é absurdamente ilógico, e repugna ao húmano critério.

Tem o Catolocismo, desde longa data, resvalado em semelhantes contradições metafísicas.

O sacerdote excommungádo — que adeante narrará elle proprio as suas memórias — com a vehemencia e a energia que dilatados annos de torturas moraes explicam, e mesmo attenúam a rispidez e acrimónia das invetivas, foi porém mais do que um sacerdote maldito, foi um homem em quem pezou a *mais grave acusação que póde incidir sobre uma consciencia huma-*

na, e o que deu logar ao mais escandaloso processo que se haja instaurado na face da terra.

É este processo ruidoso e insólito, do qual o réo innocente, iniquamente agravádo se pretende justificar, e briosamente se justifica n'estas *memorias*, que é o assumpto do poema.

Tendo tido noticia em Madrid, onde me encontrava, por occasião das festas excecionaes que ali se fiséram, quando foi do casamento do rei Affonso XII com sua prima D. Mercedes, tendo tido noticia, n'uma sala onde casualmente me achava, do facto — incidentemente recordado — de um padre *espiritista* condenado ás galés, d'onde saira recentemente, mas vergando ainda sob a acusação de um crime abominavel, cujo sacerdote na actualidade residia n'uma villa de Aragão: para ali me fiz transportar passados dias, e d'elle obtive espontaneamente, a narrativa oral, mais tarde por elle escrita e assináda.

Circunstancias melindrosas de existirem — vivas ainda — pessoas de familia incriminada, e incriminadas de factos gravissimos, me obrigáram a que alterasse os nomes d'essas pessoas, e mesmo de certas regiões e localidades. Mas os factos ocorrêram *veridicamente* e *autenticamente* como elles se descrévem, na sua tragica sucessão, e com toda a espontanea e delicada sinceridade de quem os descreveu, aos quaes nada mais fiz do que dar-lhes a forma mnemónica da rima.

O autor d'estas memórias, acusado primeiro de um sacrilegio repulsivo, e mais tarde d'uma d'essas

criminosas e execraveis abominações que deshonram uma vida inteira e para sempre enlaivam e desprestigiam um nome, viu-se de repente cercado de incidentes tão nebulosos e enigmáticos, que o coagiram a não poder provar a sua innocencia ante os tribunaes civis, visto que, pela sua abjuração, elle nada já tinha a deslindar com os eclesiasticos.

Condenádo ás galés e ás torturas mais cruciantes dos presidios, dos hospitaes, das enxovias, e até dos manicómios, este homem depois de tantos transes, cumprida por fim a sua pena, é novamente chamado á barra, por um tribunal mais terrivel ainda do que os *francos-juizes* da Edade Média, — um tribunal da familia ainda não saciáda de vinganças odientas, — e eis que n'ele esteve prestes a ser condenádo á morte mais barbara e afrontosa, se o não salvasse — quando ele menos o esperava já — uma intervenção mysteriosa e anormal.

No proprio palacio, testemunha muda de scenas tão passionaes e invulgares, de que o tentáram espoliar, por avareza e cupidez, os Láras, os sinistros Láras de sangrenta historia, tios da radiosa Mulher que vivifica todas estas páginas, n'esse proprio palacio melodramatico, e já escalavrado e desmantelado pelos vendavaes do tempo e os desgostos dos seus possuidores, me entregou ele estes papeis, rogando-me que os publicasse, caso que os Láras quizessem fazer suprimir uma outra cópia que tracejára, e que elle ingénuo... depositára um dia em mãos que crêra segúras.

Depois da sua morte, taes memorias desappareceram, por criminosa culpa d'aqueles que tinham interesse no seu desaparecimento, e por isso nós as entendemos dever ressuscitar hoje. Ressuscita pois o desagrávo d'uma alma limpida e réta, que faz, ella propria, a historia do seu singular processo.

A alma dedicada e pundonorosa de D. Leandro de Aguilar, que viu, é certo, ante um tribunal infame, esclarecida a sua inocencia, por uma circumstancia única e que já chamámos *anormal*, mas que depois tornou a vêr em vida, enlameado o seu nome pela grosseira e brutal opinião que não tivéra conhecimento da verdade, déve rejubilar profundamente, nas regiões onde paira, por vêr justificada e desagravada por fim a sua inocencia triunfante.

As *memórias* de certos homens precláros, que foram testemunhas oculares e perigosas d'altos sucessos, e de terriveis e formidaveis cousas—de sanguinolentas e escandalosas cousas—teem sempre encontrádo grande oposição nas familias, ou nas autoridades locaes, quando se trata da publicação d'ellas. Assim é que muitas memórias ainda jázem inéditas, e jazerão talvez por muito tempo, até que o pó dos seculos tenha apagado todos os ressentimentos, e o vestigio de todas as vaidades. As que vão lêr-se, porém, tivéram por depositario um homem, costumádo ha muito a não curvar-se a arrogantes exigencias, nem a interesseiras e aviltantes condescendencias baixas!...

O protogonista, — na historia do seu processo, — acúsa rispidamente um clero envilecido e rapáce, de

combinação com interesseiros nobres da sua familia, de haverem tecido a mais arteira e vilipendiosa calunia que se haja forjádo em vida. Estas verdades irritam e molestam sempre: por isso é natural que as tratem de suprimir!...

Vehementemente, calorosamente, vibrantemente — e com verdadeiras lagrimas escorrendo sangue — o autor d'estas memórias protésta, com tão alto e eloquente clamor, pela sua inocencia e justiça, que as lagrimas acódem espontaneas, e o coração mais empedernido e sêco pelo egoismo mundano, mau grádo seu, se abrandéce e sobresalta.

Na realidade, amar com um culto transcendente e alto — tão alto como o vôo do pensamento ou do desejo humano! — uma mulher de uma beleza e distinção raras, e vêl-a salsujada n'um processo escandaloso, e depois o seu cadaver desenterrado ficar sujeito a um exame publico, que significava ao mesmo tempo um enxovalho e uma profanação de arrancar lagrimas, e essa profanação ser requerida pelos seus consanguineos, pelos próprios *seus*, déve ter estorcido bem fundo um coração poético e delicado.

Portanto: se os seus gritos lacerárem os ceos aflitos e ensanguentados: se os seus rugidos atordoárem os pacificos e os fleugmaticos: se os seus allucinamentos de revoltado ensurdecerem e crispárem os nervosos — como uma unha rechinando n'uma vidraça — e se atravessarem, como sanguineos cometas, as visões doentias dos hystéricos, que os nervosos ou fleugmaticos tapem os ouvidos... mas deixem escutal-o o coração.

O que ha de simpático na narrativa d'este processo ráro, feito com singelo desassombro e firmeza, é que o desagravo não é tanto firmádo para justificar a inocencia de um homem... como para purificar a honra de uma querida mulher *morta*.

Mas é tempo já que nos calêmos. — Deixemol-o defender a sua causa, que ele o fará com energia e nobreza.

É ele que tem a palavra:

ANTES DO MEU PROCESSO

I

Visto pois que o meu caso infausto e escandaloso
já tem corrido mundo:—e as lingoas da maldade
bolsáram contra mim seu vitupério odioso...

II

visto que eu penetrei de Satan na Cidade,
e as mitrádas legiões dos seus *Anjos falsários*
lançáram-me os calháos das ruas, sem piedade...

III

visto que um tribunal formádo de sicários
meu processo julgou, qual julgára Tibério,
presidindo um tropel de chatins sanguinários...

IV

visto que a gléba hostil me encheu de vitupério,
e sobre o caso atroz, inexplicavelmente,
pairou sempre—ai, de mim!—sempre o véo do mysterio...

V

visto que com rancôr e com sanha inclemente
os máos me hão condenádo a um pávido degredo,
e amarrádo ás galés, ignominiosamente...

VI

visto que com perjúrio e com animo trêdo
me hão atirado á face a lama dos chiqueiros,
e ás servís multidões me hão apontádo a dedo...

VII

visto que os maioraes do mundo e os bordeleiros
sem quartel, me hão caçado e feito montaría,
como a um javardo vil, sabújos e rafeiros...

VIII

visto que me hão lançádo ás palhas da enxovia,
que o meu comer foi cinza... o meu vinho triága..
a minha gloria escarneo... o meu sono agonia!...

IX

eu vou lançar no mundo o suór que me alága,
o meu suór de sangue!—e a pedra d'uma campa
quebrarei, pois tal pedra uma inocencia esmága!

X

Que Deus perdôe a quem me faz quebrar a tampa
do sácro mausoléo!... Mas terei o heroismo
de ao calvario do horror alumiar toda a rampa!

XI

Que Deos perdôe a quem, com seu charro egoismo
mesclou uma mulhér radiosa e de bom senso,
inocente e sem culpa... á escumálha do abysmo!...

XII

Que Deos perdôe a quem, com seu torpe consenso,
me lançou na Revólta e no ranger dos dentes,
e em transes tão mortaes, que eu chóro se em tal penso!...

XIII

Que Deos perdôe a quem laivou os eminentes
brios de uma mulher—e *o seu nome impolúto* —
e fez chorar, sem trégoa, uns olhos inocentes!...

XIV

Que Deos perdôe como eu!... Almas todas de luto!
almas vestidas d'ais! almas espadeirádas!
pelas lingoas do mundo e o seu báfo corruto!...

XV

almas que alevantaes as mãos macilentádas
ao céo, cheias de fome e sêde de Justiça,
almas cheias de pó, de insultos, de pedrádas...

XVI

vêde em mim uma irmã que váe entrar na liça,
vestida de rasão, de pureza, inocencia,
e escutae quanto póde o Impudôr e a Cubíça!...

XVII

Espiritos do bem, de juizo, sapiencia,
sentae-vos na cadeira austéra da Verdade:
—Tomae a vara augusta e julgae com consciencia.

XVIII

E vós almas de amor... todas mimo e piedade!...
que não velástes nunca as insónias da orgía,
nem uivástes, como eu, os uivos da Impiedade...

XIX

almas honestas, sim!... mas com calma e poesia,
que ignoraes todo o mal da terrena feitúra,
que sois cápa do Orphão e da Viúva alegria!...

XX

almas como o chilrar de veia clara e pura,
mas que abrandam os ais dos tristes e infelizes,
e aquelles que enlaivou a calúnia perjúra...

XXI

almas rétas, leaes de todos os paizes!
vertei no meu esquife uma *lagrima*, ao menos...
—depois que eu durma, em paz, nas hervas e as raizes!

....
.....
....
....

A MULHER DE LUTO

I

Lá, n'um alto penhasco enegrecido e bruto,
onde os córvos da noite e os môchos teem guarída,
se ergue o altivo alcaçar, vive a *Mulher de luto.*

II

Lá, n'essa velha rocha extensa e desabrída,
onde os ventos da noite uivam lutuósamente
vivem os dois irmãos — *os Láras* — doida vida.

III

Lá no altivo palácio, onde a lenda corrente
faz espétros surgir nas salas solitarias,
sópra um terror fatal que afasta toda a gente.

IV

Só eu rio das mil visões imaginárias!
Só eu corro a cavalo ás charnécas desertas!
—Eu néto dos vilões, néto dos velhos párias!...

V

Só eu, filho revel das sciencias libértas,
scético, rico, audaz, ouso rir dos mystérios
e das lendas que põem as turbas boquiabertas!

VI

Só eu río de Deos e dos Anjos sidérios,
Só eu—vaidade atroz!—ouso insultar a Morte,
e, ás casquinádas, calco o pó dos cemiterios.

VII

A Siencia é a luz.—Mas ai! dos que sem norte,
fátuos, cuidam tomar a sua claridade
pela luz de Dagon, rei da infernal cohórte!

VIII

Atraz d'isso que chama o sábio a realidade,
pende cerrádo o véo do Archi-Ser terrivel,
— do *Alguem* que guarda sempre a suprema verdade!

IX

Foi assim que eu sincéro, alma leal, sensivel,
de degráo em degráo — por vaidosa jatancia —
caí na confusão da angústia intraduzivel!

X

Mas remontemos mais.—Corrêra a minha infancia
entre mil pastoris boscagens melodiósas,
n'uma leitósa paz, azulina ignorancia.

XI

Mais tarde, ao abandonar as collinas maviosas,
lembra-me, solucei—como se essa partida
fosse o ultimo adeos aos loureiros e ás rosas!...

XII

E de certo que foi!—Jamais, jamais na vida,
achei á cotovia a voz tão afináda,
—e o meu primeiro adeos foi o da despedida!

XIII

Estudei e cursei Theologia sagrada.
Li mil livros—babeis de estulticia e demencia!—
e um dia esfarrapei a batina odiáda...

XIV

Regressei ao meu lar, farto de atroz siencia.
Quiz abraçar, sorrindo, as pombas e as boscágens,
mas, coitado de mim!... fugira-me a inocencia.

XV

Morrêra minha irmã... As florídas paisagens
não tinham, para mim, risos, sombras, nem ninhos...
e apontavam-me o Céo os dedos das folhagens!

XVI

Havia um vácuo em mim.—Trinos dos passarinhos
par'ciam-me imbecís... as dáhlias pretenciosas...
o céo de um sujo azul... banaes rosas e espinhos!

XVII

—Com desdem criticáva a fátua côr das rosas.
—Os hombros encolhia ao branco alvar dos lyrios.
—Fastiávam-me os ais das rólas amorosas!

XVIII

Achava banal Deos, autor de taes delirios,—
que inventára o *arrúlho* e a atroz monotonía
— da *cantáta* do amor nos sóes e nos empyreos!

XIX

Ora, um dia de humor tristonho em que eu corría
no meu cavalo negro a toda a desfillada,
na alcantiláda serra, inhóspita, bravía...

XX

ví surgir de repente a forma entresonhada,
a forma que jamais me saiu da memoria,
—ha tantos annos já de cinza e derrocáda!...

XXI

Era ella, essa mulher que é toda a minha historia:
desde a cabeça aos pés, toda de luto, séria,
—n'uma atitúde ideal de tristeza marmórea.

XXII

Cavalgava tambem com grande aprúmo: — Etéria,
o seu busto de estatua e a face modelar
tinham um córte extranho, á luz da tarde aéria.

XXIII

Como um doido, eis começo então a galopar,
a fugir, a fugir, atabalhoádamente,
por penhas, barrocaes, por tormentoso algar...

XXIV

De quem fugia assim?—Ao Fado certamente,
ao meu Destino atroz, á atroz *Fatalidade*,
que eu cria repelir, por instincto inconsciente.

XXV

Com tal fúria corria e tal celeridade
que a floresta tambem — como a do Rei Macbeth —
par'cia correr, cheia de ancia e maldade.

XXVI

Quanto mais meu cavalo espumando, arremétte
por sarças, barrocaes, por talúdes a pino,
mais terror insensáto e estúpido me méte

XXVII

essa altiva mulher de rosto máte e fino,
com seu tranquilo olhar, toda de luto, a prúmo
no seu cavalo a passo!... olhando o sol divino.

XXVIII

Por que éra um tal terror?—Não sei. Perdí o rúmo.
E a *epilépsia—esse mal atroz dos meus Maióres—*
a *epilépsia ai!* me varreu como fumo.

XXIX

Não rolára jamais nos meus tempos melhores
na minha rósea infancia... a minha infancia incauta!...
com tal attaque. Nunca ouvira taes horrores.

XXX

Nem depois, nem depois, na vida esturdia e lauta,
que eu tresnoitei, a rir, nas capitaes egoistas,
entre as prágas do jogo, entre as danças, entre a flauta!...

XXXI

Exanime tombei, rolei do meu cavalo,
sobre um frio hervaçal, da aresta de um talúde,
regelado de mêdo e de um convulso abálo.

XXXII

Quando o olhar descerrei para o dia e a saúde,
humilhado, febril, convulso, irresolúto,
tôrvo como o infeliz que não tem quem o escúde...

XXXIII

achei-me no solar d'esse penhasco bruto:
encontrei-me estendido ao comprido n'um leito:
—e em pé, como uma estatua, hirta, *a Mulher de luto.*

OS FANTASMAS NÓTURNOS

I

Levantou o seu véo.—E então, musicalmente,
narrou que me encontrára estendido na herva,
depois de galopar desnorteádamente.

II

O' musica da voz!—Quem é que não conserva
na alma uma saudade arraigada que o inspira,
de uma voz musical... de Rainha ou de serva?

III

Theodóra—era o seu nome—aéria como lyra
de prata, n'um luar sentimental de maio,
na voz tinha o cristal d'uma agoa que suspíra.

IV

Depois os Laras veem.—O fusilar do raio
não chispa como o olhar d'estes tôrvos bandidos:
—um é vêsgo e feroz, outro astúto e cambaio,

V

Os seus olhos reveis, viciosos, ardídos
pelas carnaes paixões, a luxúria, o cynismo
crávam-se em mim fataes—como cães aos latídos.

VI

Depois deixam-me só.—Espraio o olhar e scismo:
—Eis-me no antro emfim da bella *feiticeira!*
—Eis-me n'este palacio, este enigma, este abismo!

VII

Lá na umbrósa floresta, ante hedionda caveira,
quantas vezes talvez, de Satan no *sabbat*,
dançáram, ao luar, as bruxas na clareira?...

VIII

Quantas vezes, apóz alguma orgia má,
o espétro de um barão de doiráda couraça,
surge da campa e vem insultar a Jehovah?

IX

Que vezes, a chorar, nos corredor's perpassa
o passo de um fantasma... uma morta condessa...
que lastíma, de noite, uma trágica raça?

X

Que vezes, ao luar, a esplanáda atravessa
um pagem de saial, que reclama justiça,
agitando nas mãos degolada cabeça?

XI

Dizem que ás vezes surge uma branca *noviça*,
que atravessa os salões, com uma véla acesa,
na déxtra, e vém rogar aos que encontra uma missa.

XII

Outras vezes do chão surge vermelha mesa
d'austero tribunal, com trez mortos juizes,
julgando uma mulher formosissima presa.

XIII

—Escutam-se os seus ais rasgádos e infelizes.
—Escutam-se pregar táboas d'um cadafalso.
—Distinguem-se orações, salmos, sobrepelizes.

XIV

Os terriveis Avós dos Laras d'olhar falso
dévem saber, talvez, tradições bem sombrias,
—funéstas vexações do lavrador descalço?...

XV

Quantas vezes Theodóra—em funéreas teorías—
não terá evocado o grupo dissolúto
dos tragicos Avós, sob abobadas frias?...

XVI

Quem sabe que mysterio inaudíto e absoluto
avincou de tristeza o seu rosto tão sério,
—e lhe faz arrastar tão enigmático luto?...

XVII

Ha muito que seus paes jázem no cemiterio,
não teve noivo ideal, trucidádo em combates,
porque pois esse luto... esse enigma, ou mysterio ?

XVIII

O' sicarios Avós! ó terriveis Magnátes!
ó Laras ancestraes, bestas feras odiaveis,
quantas vezes de sangue heis laivádo os penates?...

XIX

Os dois que restam só, os chatins miseraveis,
os tios de Theodora, os dois Láras malditos,
são a escumálha vil de tempos inarraveis!...

XX

Barões de lança e cruz, homens de ferro avítos!
quantas carnes, na forca, estirástes a lua,
sob o olhar de Satan e do milháfre aos gritos?...

XXI

Quando eu scismáva assim—visão barbara e crua!—
trez vezes a seguir, como alguem que reprehende,
vi erguer-se uma *mão*, branca, pallida, núa...

XXII

Trez vezes esta mão de morta ou de duende,
que estrelavam anneis... me ameaçou no espaço...
—como faz o mortal a quem um outro offende.

XXIII

Trez vezes esta mão de morta, cujo braço
éra gélido, branco, escultúral, macío,
ergueu-se e ameaçou-me... acobardádo e lasso.

XXIV

Depois desappar'ceu.—Um panico arrepío,
um mystico tremor... um não sei quê d'espanto...
todo o meu ser crispou, como um gúme com fío.

XXV

Mal reposto inda em mim, eis que enxérgo n'um canto
um grande espelho oval—*coruscante e polído*—
girando sem cessar, como em mágico encanto...

XXVI

Com olhar dilatado, enorme, estarrecido,
seguí anciosamente esse giro extra-humano,
sêca a goéla, olhar fito, o peito sacudido...

XXVII

O que vería eu mais?... O' funerário arcano!
ó solene terror das cousas insondaveis!
vivêra eu, até hoje, atoládo no Engano?...

XXVIII

Teria, até hoje, eu, proclamando execraveis
teorías de revolta ás Verdades ocultas,
roládo na abjeção das cousas insanaveis?...

XXIX

Teria até hoje eu, como as hordas incultas
que apedrejam o sol, achincalhádo, inépto,
crenças sacramentaes de gerações sepultas?...

XXX

Eis que o espelho parou.—Um hórrido esqueleto,
surgiu no vidro oval, ao principio, esfumado,
indeciso e confuso em seu pávido aspéto...

XXXI

Mas depois, pouco a pouco, o vulto descarnado
eis tóma linhas, côr, forma, aspéto, presença,
e um corpo se formou... feminino e de agrado.

XXXII

Um corpo de mulher!—Funda amargura intensa
avincava esse rosto emagrecido e belo,
como certas fataes damas da Renascença.

XXXIII

Longo vestido preto e infindavel cabelo
—negro como do côrvo a luzidía aza—
rojavam pelo chão, n'um ar de pezadelo...

XXXIV

O fantasma espraiando o olhar côr de braza
saiu do espelho oval, agitou-se no espaço,
mou formas... moveu-se. . e cruzou toda a casa.

XXXI

Fitei bem o seu rosto e o alabastrino braço.
—*Sua mão toda aneis e o braço resplendente*
seriam os que eu vira, em gestos d'ameaço?...

XXXII

Como ao letal calor d'uma estúfa oprimente,
prenhe d'essencia mil, de venenosas galas,
na goéla senti um pó sêco e mordente.

XXXIII

Mas a Sombra a carpir, com dramáticas falas,
com hystéricos ais, com chorósos suspiros,
uivante, percorria a penumbra das salas.

XXXIV

Todo o alcaçar corria, em fantasticos giros,
reposteiros correndo, hierática, pausáda.
com o passo subtil e aéreo dos vampiros.

XXXV

Trazia um candelabro em cada mão gelada.
E, cada vez que via um poento retrato,
soltava roucos ais, qual de mulher violáda.

XXXVI

Alçava o candelabro, em frenético rapto
d'odio oculto ou paixão, ao nivel da cabeça...
flamante como a flôr purpurina de um cáto.

XXXVII

—«Feiticeira!—gritei—de Satanaz possêssa!
«bem te tenho eu seguido em tua romaria...
—«Dou-te um tiro, estupôr, se não fóges depressa!

XXXVIII

Mas a Sombra sem vêr, qual branca estatua fria,
passou rente de mim, hirta, silenciosa,
rígida, e o seu olhar parádo não me via.

XXXIX

Quiz agarral-a então, com mão robusta e irosa,
mão plebea e brutal... Mas qual mão de granito
rojou-me a sua, ao chão, com sanha prodigiosa.

XL

Nunca vi força tal! — Raivoso d'este atríto,
quiz premil-a inda mais, mas regougou singéla:
—*Ai do padre maldito!... Ai do padre maldito!...*

XLI

Depois, rente de um muro e á beira da Capéla,
sumiu-a a espéssa, muda, enorme cantaria,
—sem mais um grito, um ai, rásto ou vestigio d'éla.

VATICINIOS MÁOS

I

Desci, todo irritádo, a larga escadaría
do palacio, e enfreando o meu negro cavallo,
larguei-o a toda a rédea—em doida correría.—

II

Doida foi a carreira e doido foi o abalo
que de chófre senti, ao vêr esbarrondada,
aluir-se a Razão.—Táes agonias cálo.

III

—Doida foi a carreira, extranha, esguedelhada!
—Doida a vertigem foi dos meus doidos sentidos!
—Doido o galópe, emfim, na floresta caláda!

IV

A'quella hora alta, os gamos aturdidos,
e os veádos com medo, alérta, do imprevisto,
fugiam, destroçando os ramos sacudidos.

V

—Era um galópe infréne, excentrico, não visto,
—um galópe atravez dos carvalhos vetustos,
—galópe de Satan, d'Attila, ou o Anti-Christo.

VI

Os broncos matagaes e os pinheiraes adústos
onde o luar chovía, os ramos clareando,
par'ciam batalhões de fantasmas augustos.

VII

Quando o vento da noite, as franças ramalhando,
e embebido de mil emanações agrestes,
da salutar resína os pulmões saturando,

VIII

acalmou mais um pouco as minhas dor's terrestes:
—puz o caválo a passo e afrouxando-lhe a brída,
os meus olhos alcei aos turbilhões celestes.

IX

O Céo tinha uma face humana enternecida,
d'esse suave azul todo terno e alagádo
de lagrimas de prata... egual á minha vida!

X

Que lacteo e humano céo!—Todo o meu ser dobrado
sobre a amargura propria, á luz dos santos lyrios,
repousava, a sorrir, qual de unguentos lavádo.

XI

Acalmaram-se mais os meus rôxos delirios.
Não mais encarvoiçou meu turvo pensamento
os prognósticos máos de futuros martyrios!...

XII

A mysteriosa mão que aterrára um momento
a minha alma assolada... a mão ameaçadora...
do espétro éra decerto um pezadello odiento!

XIII

Mas o que enxérgo além?—Visão perturbadôra!—
D'archotes aos clarões, de chófre, em minha frente,
quatro espétros meu passo embárgam, a tal hora!...

XIV

Avançam para mim. Eis trávam, de repente,
das rédeas!... O terror fulmina-me e entardéce
a voz que tenta ser colérica e insolente!

XV

—Como é que hei de contar o que assombra e emudéce?
—Como é que hei de narrar o que é o inarrável?
—Como é que hei de esquecer o que jamais me esquéce?

XVI

Que direi, que direi, da visão formidavel?...
Os cabellos em pé... trágicos... quasi brancos,
toda a noite vaguei na florésta execrável.

XVII

Vinha arraiando a aurora.--As penhas e os barrancos,
como tingidos d'oiro e sangue de violetas,
sorriam, celestiaes, com vulcões nos seus flancos.

XVIII

—Já a noite enfeichára as suas negras sétas.
—Já a lua embainhára o seu alvo cutélo.
—Já o astro do pastor tinha o alvôr dos Ascétas.

XIX

Já o rócio orvalháva a flor, e o Sete-Estrello
desmaiava ao poente... e a flor da romanzeira
abria o cólo airoso ao sol sanguineo e bélo.

XX

—E eu sempre a galopar em rábida carreira!...
—Eu sempre enfebrecido, o cabello suarento,
—ao vento esguedelhádo e ao estridor da ribeira!...

XXI

Não sei quanto durou o infindo assombramento!...
Sei que lapis em punho, a escrever febrilmente,
Theodóra me encontrou, sentado em rudo assento.

XXII

Com os ilháes em sangue, a rinchar frouxamente,
meu cavallo morria, olhando-me, transído
do cançasso, a fadíga, ou da espóra inclemente.

XXIII

Theodora então me diz—com rir indefinido—
«—Por que assim madrugaes, mais matinal que as áves?...
«Tresnoitaes, ao luar, cavaleiro perdido?»

XXIV

«—Senhora, retorquí, com fríos modos graves:
«Vosso palacio tem mais fantasmas que as lendas,
«mais mortos que os caixões das católicas náves!...

XXV

«Descrente fui,—bem sei,—mas as scenas horrendas,
que evocastes talvez, para meu uso e ensino,
curvado aqui me tem as vossas ráras prendas!...

XXVI

«—Cavalheiro, tornou com seu rir cristalino,
«Não sei que me narraes? Que historias sobrehumanas
«são essas de pavôr?... Pavôr, n'um paladino?»

XXVII

—«Paladino não sou. — «Mas as lingoas insanas
—«que ousárem apoucar meu braço intemeráto,
—«bem caro amargarão as audácias ciganas!...

XXVIII

—«Não se póde lutar contra o *Ignóto* abstráto!
—«Braço viril não póde arcar com o *Mysterio!*
—«Só contra a *Campa* esgrime o farfante insensáto!...

XIX

—«O que heis escríto ahi?—volveu com modo sério—
«Sois poeta decerto: e alguns trechos divinos
«esboçastes talvez de um poema funéreo?...»

XXX

—Nunca poeta fui.—Porém tracejo hynos,
«que às vezes mágoas, tédio, a doença, a tristúra
«inspiram — São como ais, como dóbres de sinos.

XXXI

«Por vezes, não teem rima.—A melopeia obscura
arrásta-se, a gemer, monótona, dolente,
qual fastienta chuva em azinhàga escura.

XXXII

«Parécem vagos sons de hystérico doente...
Alguma cousa egual ao úivo da nortáda
no relvoso hervaçal d'um solar decadente.

XXXIII

Vou lêl-os, mesmo assim, com a extranha toáda
do seu rytmo talvez entristecido e vágo,
qual agoa a marulhar n'uma rocha escalváda...

XXXIV

E lí, como um doente ólha as névoas d'um lágo:

OS ESPIRITOS

I

Hontem, trepei á serra pardacenta.
Quíz meditar, sósinho, ás horas tardas,
quando o luar clareia as hervas altas
do hervaçal inculto.
Frouxas as rédeas, cavalgava ao acaso...
Mas quando entrava o matagal cerrádo,
quatro espiritos negros, quatro espétros
prenderam meu cavalo.

II

Não tinham rostos, ai, das sombras cáras !...
Nem tambem, nem tambem, de amigos mortos,
Com quem, outr'ora, nos festins da vida,
batido houvesse a taça !...
Alguns tinham archotes, outros látegos.
Terriveis cousas me disseram, baixo,
que lingoa alguma exprime !

III

Meu cavallo rinchou pávido e trémulo...
Meus nervos se crispáram com angustia.
Mas o primeiro espirito avançando,
travou da rédea, e disse :
—Pádre blasphémo ! que enlameaste os ritos
e a estóla nos bordeis, em teu destino,
puz meu dedo de ferro !

IV

O segundo acercou-se, e por seu turno,
baixo me segredou : — *Padre execrando !*
sobre teu craneo riscarei confusas
Babylonias de horror.
No almofariz de bronze, triturando-o,
noite e dia, encherei de mil soluços,
teu coração sem deuses !

V

O terceiro, com voz mais lenta, disse :
— Toma estas chaves que tu vês brilharem
d'estes archótes, aos clarões roxeádos,
que ensanguentam as hérvas.
São as chaves fataes dos nove abysmos,
dos nove infernos de abjecção e espanto,
onde tu rolarás, lavando as noites,
com prantos sem remédio !

VI

O quarto emfim fallou, em voz tão baixa,
que o meu ouvido perceber não poude...
Porém taes cousas átras e fatidicas,
ah ! tão terriveis, disse :
que os tres outros espétros, commovidos,
torcendo as mãos no ar, em ais romperam,
e irremissiveis prantos côr de sangue,
múdos, múdos choráram...

XXXV

Quando acabei de lêr os versos derradeiros,
Theodora sombreára o seu rosto sublime:
e, scísmando, exclamou : — «*Prenuncios agoureiros !*

XXXVI

«Parécem ameaçar um fatídico crime !...
—«Sacerdote não sou! — bradei — Portanto o córo
dos espétros mentiu!— E no emtanto me oprime !

XXXVII

—«Não vos assombre o caso! exclamou quasi em chôro
«As visões, muita vez, tratam como presentes
«os factos anormaes e de um futuro agouro !

XXXVIII

«Conheço uma aldeã .. porém das mais vídentes
«paralítica quasi, hystérica, expirando,
«que em seus delirios diz mil cousas surprehendentes !...

XXXIX

«Móra cerca d'aqui.—Os ramos baloiçando,
«d'aquella acácia mal nos encóbre o telheiro,
«onde éla morre e entôa um certo canto infando.

XL

«Consultemol-a pois!—Trilhando um máo carreiro,
ambos, ao róseo alvôr da aurora caminhando,
transposémos em breve o limiar do pardieiro.

XLI

N'um pobre catre limpo e mui branco, entoando
não sei que melopeia excentrica e arrastáda,
agonisava a anciã.—Vinha o sol arraiando.

XLII

—Margarida!—bradou Theodóra, em voz cantada—
«Ouves? Olha pr'a mim!... Fita este cavalheiro!
—«Que dizes d'esta fronte enérgica e alteáda?...

XLIII

Fitou-me a velha então. E o seu rosto trigueiro,
esqueletico, extranho, ossúdo, macilento
enrugou-se, e entoou ás luzes d'um tocheiro,

XLIV

este embróglio anormal com um bizarro accento:

O VATICINIO ENIGMATICO

I

Quem manda ao ser fallivel, sem critério,
pôr mão audaz nas áras do Mysterio?...
Insensato!—Na auróra arroxeáda
fáça estrugir clarins para a caçáda.
Nas sombras do crepusc'lo, entre as ramágens,
não queira vêr chiméricas imagens!...

II

Lá vão, lá vão, nas balsas e arvoredos,
de mãos dadas, ciciando mil segredos,
mui baixinho, dizendo as cousas ternas
cousas liriaes... mimosas... sempiternas,
emquanto que o Cypreste—ao fim do dia—
abana aziagamente a rama fria.

III

Entre os cirios do templo, luzes, flores,
a gloria o aclamará, cheio de dôres.
Eis lhe vejo, porém, na face aflita,
a lagrima rolar lenta e maldita.
E ai, de rastos, no pó da sepultura,
vivo, ir ser enterrado... Sorte escura!

IV

Cáem as sombras tôrvas na Capéla.—
Rebúscam o palacio... Onde está *Ela?*
Correm luzes d'archotes na floresta,
riscando a noite dos brandões funesta.
Lá, nas sagradas lagens reclinada,
no sangue a vejo, sim!... Mas onde a Espada?

V

No iniquo tribunal, á luz das vélas,
dos juizes as faces amarélas
se alongam, contra o pálido inocente.
Mas eis que a campa—ó facto surprehendente!—
range... fende-se .. estála a pedra dura.
—E a *Visão* surge, archi-tremenda e pura!

XLV

Assim ella mugiu, com voz plangente e rara,
como um sálmo d'egreja espacejado e grave.
—Depois tombou p'ra traz e sorriu.—Expirára.

O SACRILÉGIO

Quem manda ao ser falivel, sem criterio,
pôr mão auda; nas aras do Mysterio?...

I

Alucinádo entrei, agitado, aprehensivo,
—dando o braço a Theodora, em meio dos carreiros,
—cheios d'hervagens vís, n'esse alcaçár altivo.

II

—Dias negros porém trázem dias fouveiros!...
O medonho *Ananké,* a atroz *Fatalidade,*
chove ás vezes bom sol nos ranchos dos tropeiros!

III

O Triste, tambem tem dias de alacridáde!..
e o *Desdichádo* vil, em todos os paizes,
—supõe que Deus, no sol, lhe sorrí com bondade!

IV

Leitor, só te direi:—que em meio dos matizes
da violeta, o jasmim, do frescôr das giéstas,
com Theodóra vaguei em paizágens felizes!...

V

Dias gratos fruí, tardes brandas de séstas!...
E ouvi o ideal rumor das agoas deleitaveis,
sem medo aos lutos máos, nem ás sinas funestas.

VI

Expuz-lhe o meu amor em phrases inefáveis,
com a viva explosão d'um peito ingénuo e franco,
e humilde, ante o esplendor d'uns olhos admiraveis.

VII

E a minha alma seguia-a, ás vezes, n'um barranco,
afastando os tojaes... os cardos... as ortigas...
— como uma folha sêca atraz de um setim branco!

VIII

Ella tinha pr'a mim palavras bem amigas.
—Mas havia um mysterio em sua sina, um *vóto*
um *vóto*... um negro *vóto* a tradições antigas!

IX

Qual elle é, não direi!—Esse mystério ignóto
sómente o revelou n'uma noite tremenda,
—noite que foi pr'a mim como que um terramóto!

X

Tremia a sua mão na minha, pela senda
em que a romã se unia á esbelteza do lyrio,
violetas tinha o Sol e palacios de renda.

XI

Só vós... vós os que amais com fervor e delirio,
podereis bem sentir, das aves á harmonia,
quanto é duro calar da paixão o martirio!...

XII

—Conspira contra nós a voz da cotovía.
—Conspiram, contra nós, as conceições das flores,
borboletas voando... os sons da correntía!...

XIII

O aparáto teatral do Sol, cheio de dôres,
como atléta morrendo, em tintas d'aquarélla,
causa terna emoção, sempre, em tristes amôres!...

XIV

Um dia—*bem me lembra*,—á lúgubre Capéla
Theodora conduziu-me, as mãos entrelaçadas,
e ajoelhou com fervor ante uma Virgem béla.

XV

Virgem de marmor' negro e feições bronzeadas,
toda trajando luto, extranha, gigantesca...
— No negro coração cravádas sete espadas!

XVI

Par'cia um pezadelo, uma visão dantesca,
quasi egual, quasi egual ao misterioso lúto
de Theodóra, a meu lado, esbélta, principesca!

XVII

Necessario é dizer--pois que urgente o repúto—
que Theodóra me havia ha tempo iniciádo
no *Ocultismo*, mau grado o crêr-me irresolúto.

XVIII

Porem eu estava ainda assás leigo e atrazádo.
--Urgente é fixar este incidente horrivel,
que pr'a sempre me fez infausto e desgraçado!...

XIX

Apontou-me depois, n'um gesto intraduzivel,
o tumulo da Mãe, bem cerca d'esse altar,
e bradou-me:—Vou vêr se este amor é possivel!

XX

Caíu de rojo, então, na campa, a prantear,
E disse-me:—«Attenção! Vou evocar *Aquéla*,
que d'um voto que fiz me póde desligar!

XXI

«Nada receies Leandro!...» E apóz, mystica e béla,
rolou-se em convulsões, n'uma extranha agonia,
que a voz não póde dar, nem frouxa sombra d'ela!... (1)

---

(1) Todos os *mediuns*, ao evocar um espirito, cáem em convulsões epilepticas. Conhéce-se hoje que as Pythonissas de Apollo éram *mediuns* e de ordinario os oraculos éram inspirados pelos Espiritos. Veja-se, no fim, a *Nota*.

G. L.

XXII

Par'cia a Pythoníssa, em trípode sombria,
convulsionada, olhando a Virgem côr de luto,
—ou a Bruxa d'Endor, em campa raza e fria.

XXIII

Mal posso descrever, hoje, de rosto enxúto,
o que então ocorreu!... Minha atroz singeleza
valeu-me o estigma víl do monstro mais corrùto!...

XXIV

Cheio d'ancia, pavor, ou de pánico preza,
—ao fitar de Theodora as feições decompostas—
ó ao impulso cedí, tomádo de surpreza.

XXV

Prostrando-me a seus pés, de rastos, de mãos postas,
gritei-lhe: Acórda!... Acórda!... E empuxando-a da lagem,
fil-a no chão cair, as vestes descompostas.

XXVI

Que transe tão fatal!—Theodóra, amedrontada,
sacudida de golpe, assim, abruptamente,
despérta, toda em ais, aos gritos, dementáda.

XXVII

Eis, n'isto os Láras veem.—Eis n'isto, de repente,
acorrem serviçaes, cavalariços, toda
a famulágem víl rugindo bestialmente...

XXVIII

Tudo isto me apostrófa e invetíva, de róda.
Tudo insultos me cospe.—E qual, n'um sortilegío,
ví toda uma hórda vil que me ultrája e me enlóda.

XXIX

E o Lára mais soez—tomando um ar egrégio,
e, dando ao vêsgo olhar uma expressão austéra,
bradou-me :—Sáe d'aqui, monstro do *sacrilégio !*

XXX

—Sáe d'aqui ! o outro disse:—Homem d'alma de féra !
—Sáe d'aqui ! regougou a escória da gentálha.
—Sáe d'aqui ! ajuntou Theodóra, em voz sevéra.

XXXI

E á injuria, aos empuxões, toda a vil escumálha,
me levou, de roldão, p'ra fóra do alcaçar,
—como um ladrão chué que a ralé enxoválha !

XXXII

Só então me lembrou o prenuncio d'azar,
que a histérica anciã gemeu, com ar funéreo,
—em termos guturaes... lentos... de arrepiar :

Quem manda ao ser falivel, sem critério,
—disse éla, tibiamente e devagar
pôr mão audaz, nas áras do Mystério ?...
. . . . . .

XXXIII

—Montei no meu cavállo, atónito, a bolsar
protestos, objecções, ultrajes, mil suspiros,
mil cousas passionaes—a rugir e a chorar.

XXXIV

Uma dança macábra, em meu cérebro, aos giros,
turbilhonáva, a rir, como um máo sortilégio,
cheio de lárvas vís, d'espétros, de vampíros.

XXXV

—E ao vulto de Theodóra, imagem do Corrégio,
—ajuntávam-se mil rugídos, vozes, brádos
—d'agoas, ramos, caudaes, gritando :—*Sacrilégio !*

XXXVI

—Meu cavallo voáva em êrmos descampados...
—Debuxava o luar, no sólo, o florilégio
—de ramos e de hervaçaes, negros, entrelaçados.

XXXVII

—E aos latídos dos cães, como em sácro colégio,
—ou n'um claustro o côro, entoando ladainhas,
—ramos, ágoas, caudaes, gritavam :—*Sacrilégio !*

XXXVIII

—Este século tem crenças já bem mesquinhas!
—Noentanto o caso atroz tivéra o privilégio
—de acordar-me illusões, mortas como andorinhas.

XXXIX

—E a Religião em mim tomou tal vulto egrégio,
—que, ao fragor e ao tropel do meu negro caválo,
—tudo, tudo em redor, uiváva: —*Sacrilégio !*

O SERMÃO DE LÁGRIMAS

Entre os cirios do Templo, luzes, flores,
a gloria o aclamará.... cheio de dóres!

I

— Violento, nervoso, irritável, votádo
—de ordinario á Leitura, á Sciencia, á Quiméra,
—entrei em casa, hostil, doente, esbarrondádo.

II

Quebrei tudo que achei ás mãos e desfizéra
algum dos Láras vis — no meu furor plebeu, —
e escaqueirára o Sol e aniquilára a Esféra.

III

—Foi, desde então, leitor, que o meu mal procedeu!...
—Foi d'então, ai de mim! que os torpes salafrários
—dos Láras, sobre mim lançáram seu labéo!

IV

Ha muito — por cubiça — os glutões e frascarios,
violador's de aldeãs, alcóolicos, volteiros,
opúnham a este amor mil empecilhos vários!..

V

Mas, d'então para cá, seus manejos arteiros
leváram-os a mil infamias inarraveis...
—mil cousas dignas só de chatins e tasqueiros!

VI

Leitor, não desço aqui a intrigas miseraveis.
— Por testemunha invóco, a ti, Deos da Verdade!
— Só direi, só direi, as mais abomináveis!..

VII

Escreveram a toda a aldeóla ou cidade,
mais visinhas — narrando ás familias honestas —
calúnias dignas só da sua atrocidade!

VIII

Cem cartas escreví a Theodóra modestas,
e humildes, implorando o seu bom senso récto
sobre intenções leaes—que ella creu *deshonestas*

IX

Jamais me respondeu. — Todavia este aféto
protestando inocencia, agitaria um peito
mais alto do que o Céo ou o ente mais abjéto!...

X

O Mysticismo então, o quebranto, o irrespeito
por um mundo impostor, caínho, máo, corrúto,
leváram-me a Jesus — plácido, são, perfeito.

XI

Tomei ordens.—Depois, presbytero de lúto
por um infausto amor, sem pátria, vagabundo,
quiz vêr Jerusalem, o *Mar Morto*, e o seu *frúto*. (1)

XII

Sentei-me em Chorasin, onde o lyrio jocundo
cresce, e ví de Saron as rosas deleitaveis...
e o val, de Josaphát que aterra e ensombra o mundo!

XIII

Bebí de Siloé as agoas confortáveis....
e mais as de Bethlem, nas quaes o rei David
do desterro chorou as lástimas notáveis!

XIV

Sentei-me no Calvário e no Gíthsmaní,
e ao mystico luar do hôrto das Oliveiras,
suei sangue tambem... pensei Theodóra em ti!

XV

Cruzei da Galilea as ágoas prazenteiras,
vaguei pelas azues bahias deliciosas...
que Magdalena olhou, noites, tardes inteiras!

---

(1) Estes frútos conteem cinzas interiores. São os frútos de Tentápoles, as cinco cidades malditas: *Sodoma*, *Gomorra*, *Adama*, *Seboim*, *Segór*.

XVI

Quantas vezes do Christo as expansões piedosas
ella sorveu, bebeu, extática, chorando...
como rôla carpindo, a um pôr de sol de rosas!...

XVII

Que vezes o envolveu no seu cabelo, arfando
d'emoção, de pudôr, d'esse enternecimento,
que é gloria da mulher de um peito casto e brando!..

XVIII

Não é só — Palestina! — o túmulo cruento
do teu triste Jesus, hoje da raça moira,
que poetisa o teu céo magoádo e sanguento!...

XIX

Não é só — *Jersaquem!* — o teu Christo que doira
tua historia. E' tambem a alma de Magdalena,
seu amor sobrehumano e a sua trança loira!...

XX

....
....
....

XXI

Quando á Europa voltei, minha trágica pena
não minorára, não! — D'istrahi-me prégando,
nas velhas catedraes, desde o Oriente ao Sena.

XXII

Mas, de regresso á patria, a Fama, exagerando,
proclamou-me orador de tal facudia e plana,
—que eu pasmáva de vêr a turba acreditando!

XXIII

Festejava-se então a Sagrada Semana.
Sevilha quiz ouvir-me.—Em sácra Sexta Feira
a minha voz alcei na Catedral Romana.

XXIV

O templo estava cheio. A turba forasteira
decérto éra maior que a da cidade própria,
e, entre ella, vi Theodóra ! — Encarou-me altaneira.

XXV

Que terror não senti ! — Toda a eloquente cópia
de gritos, maldições, de invétivas, de afétos,
de tudo isto sentí ...o vácuo, a ausencia, a inópia

XXVI

Por fim, cobrei alento.—E apóz dois traços réctos
da paixão de Jesus, abordei a thése alta
da *Inocencia infeliz* — julgáda por abjétos.

XXVII

E concluí assim : « — Grandes da cruz de Malta !
«Arcebispos ! Cardeaes ! Principes ! Confessores !
«vosso Rei ali está — *de dois ladrões na malta.*

XXVIII

«—Tão duramente o Tempo arráza os Julgadores !
«—Tão plácida a Verdade escarnéce os Juizes !
«—Tão loiramente o Sol os prégos torna em flores !

XXIX

«Aquele que perdoáva ás syrias meretrizes,
«Aquele que sorria aos vís Samaritanos,
«Aquele que afrontava os ventres dos felizes...

XXX

«Aquele que acalmou todos os ais humanos,
«Aquele que laváva os pés aos bateleiros,
«Aquele que éra múdo aos bofetões romanos...

XXXI

«Aquele que na ceifa éra o irmão dos ceifeiros,
«Aquele que amimava os pés dos pequeninos,
«Aquele que o Karioth deu por trinta dinheiros...

XXXII

—«Esse contádo foi no meio de assassinos !
—«Esse contádo foi entre os salteadores !
—«Antipas chama-o zóte e rei dos malandrínos !

XXXIII

«Que exemplo para vós, Fariseos julgadores !
«que passais fartos, vãos, pomposos, emplumados,
«—em quanto o Réo espréme a esponja vil das dóres !..

XXXIV

—«Não julgueis, não julgueis, para não ser julgádos !
«Que vezes, a Justiça humana, feita lobo,
«não máta a tenra ovelha, e é surda aos justos brádos !

XXV

—«*Este* que não roubou, está entre homens de roubo!
—«*Este* que não matou, está entre os da Violencia !
—«*Este* que nunca riu, passou por zóte e bôbo !

XXVI

«Não ha nada mais crú, que mais dôa á consciencia
«do homem récto e bom, que saber que oprimiu,
«sem causa... a desgrenhada e chorosa Innocencia !...

XXVII

«Quantos, sem ter razão, a Justiça puniu !...
«Quantos não teem jazido em sórdida enxovia,
«sem sol, sem mãe, sem lar... e a quem Deos não sorriu!

XXVIII

«Quantos inda hoje irão, ó meus irmãos, na fria
«onda de um mar revolto, ás sórdidas galés,
«que a Justiça infamou... e Deus absolveria !

XXIX

«Quantos não teem ouvido os ultrages chués,
«como aquelles crueis que o grande Cristo ouviu.,.
«— e aos quaes os Anjos, hoje, estão de rôjo aos pés!...

XL

«Um *Triste* conheço eu que a calúnia poluiu,
«a quem seu proprio amor ha expulso e enlaivádo...
«—a quem tudo ultrajou, renegou, e cuspiu!

XLI

Orai, ó meus irmãos, por esse *Infortunádo*!
por esse homem que cála a secréta amargura,
—a injustiça do mundo e o haver muito *amádo!*

XLII

Aqui, eu perturbei-me... e da voz a tremúra,
e um pranto que molhou minha humilde batina...
—a todos patenteou uma desgraça obscura.

XLIII

Todos lêram, em mim, minha amargosa sina...
E o esforço vão que fiz, contra a dôr e o quebranto,
fez rebentar, na egreja, a aflição feminina.

XLIV

Toda a egreja contida, até então, no santo
silencio sepulcral, ainda que opressivo,
explosiu sua dôr... em ais, em grita, em pranto.

XLV

Mas succedeu então—facto bem sugestivo!—
que a minha occulta mágoa ha tanto represáda,
deu largas á expansão... e eu chorei convulsivo.

XLVI

Quando de novo alcei a voz amargurada,
proseguí :—Meus irmãos, *eu creio no Ocultismo,*
«—e o Christo no Thabor é a prova sublimáda !

XLVII

«Creio que é facultativo hoje evocar do abismo
«do Numero, do Tempo, as Formas, ou do Espaço,
«aquelles que hão sofrido um grande cataclismo!

XLVIII

«E o que evocar, verá,—com terror e cançasso —
«que é mais facil contar os astros e as areias,
«—*que contar os que teem, sem causa, ido ao baráço !*

XLIX

«—Chorae portanto, irmãos, as lástimas hebreas!
«—Chorae por essa Mãe angustiosa e sublime!
«—Chorae por *Essa* a quem o Amor doira as cadeias!

L

«Mas lastimae tambem aquelles que, sem crime,
«jázem no fundo vil das masmorras soturnas,
«sem sol, sem lar, sem Deus... e que a Justiça oprime!

LI

«Orai por todo a quem, como ás aves nóturnas,
«vibram ultráges míl, calúnias, falsidades,
«—e mórrem, ao desdem, como os lobos nas furnas!

LII

«Orai por esses que, nas prisões das cidades,
«sem crime, sem rasão, sem mães, e sem amádas...
«—vértem um pranto múdo, entre os ferros das grádes!

LIII

«Orai por essas mil almas crucificádas!
«e por esse tambem *Infortunado triste,*
«de que eu falei... que cúrte angustias não sonhádas!»

LIV

De novo enterneci-me. A' dôr não se resiste.
Uma enorme explosão de prantos, de gemidos,
pela egreja reboou. Tudo aclamáva o Antiste.

LV

Olhei para Theodóra, inda de olhar nubládo.
—Só *Ela, Ela só,* causa só dos meus prantos,
causa só dos meus ais... havia-se ausentádo!

LVI

Com olhar ráso d'agoa e investigando os cantos
da cathedral saí, pausáda, lentamente,
prostrando-me ante a Cruz e ante os Symbolos Santos.

LVII

No outro dia, na Egreja, ovação estridente
aclamou-me ao entrar. O templo éra um conjunto
de luzes, flor's, canções.—Theodóra estava ausente.

LVIII

Aleluia ! Aleluia ! éra o geral assumpto.—
Resurgira o *Senhor* !... Mas, n'essa noite, em casa,
—eu entrei, triste, aos ais, frio como um defunto.

A BATINA RASGADA

Eu lhe vejo, porem, na face aflita,
a lagrima rolar lenta e maldita...

I

—Hip ! Hip! Hurrah! Hurrah!—saudemos o deus Pan!
—Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah !—gritemos Evohé !
—Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah !—Evohé ! Bacho! Péan !

II

Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah !—ao nosso Avô Noé !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah !—ao grande Anacreonte !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah !—matemos o Ananké !

III

Hip ! Hip! Hurrah! Hurrah !—aos pampanos do monte!
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah !—ás noites da Gandaia !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah !—enfórque-se o Charonte !

IV

Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah !—á Vénus, mas sem saia !
Hip ! Hip ! Hurrah! Hurrah !—ao Champagne Clicquot!
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah !—ao Tonel sob a olaia !

V

Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — ao frascário Marlow !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — ao bispo S. Martinho !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — aos espétros do Pöe !

VI

Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — á eloquencia do Vinho !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — ás canções do Catullo !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — ás Venus do caminho !

VII

Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — ao lascivo Tibullo !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — ás ceias sem manhã !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — á pança de Lucullo !

VIII

Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — saudemos o deus Pan !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — gritemos Evohé !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — Evohé ! Bacho ! Péan !

IX

....
....
....

X

Tal éra o canto atroz, orgiaco, chué,
— hyno do Desespero aliado á Folía —
em que a descrença rí e a orgía bate o pé.

XI

Tal éra o ditirambo extranho feito á Orgía,
— hyno que eu composéra a rir, rangendo os dentes —
na alma treva e horror, na boca espuma fria !

XII

Antes porem da hora em que os ébrios dementes
rólam sob a toálha, estúpidos, oleósos,
bestiaes, a ladrar cantos máos, repelentes, —

XIII

quebrei um copo e disse: — Infames crapulosos !...
dáe tregoas, por um pouco, ao riso debochádo,
e ouví o que amanhã fará palrar ociosos ! —

XIV

— Sabei, doidos ! sabei que eu fui excomungádo !
— Sou um *precito* pois ! — Arrédem-se de mim !
— Não me apértem a mão ! Sou como o cão gafádo !

XV

Da Andaluzia o Bispo, o obéso Serafim,
que tem no seu passal umas cem *bispas* loiras,
umas todas burel, outras todas setim, —

XVI

Esse bispo glutão que ama turcas e moiras,
umas que andam na ceifa, outras que andam na serra,
umas moendo o grão, outras amassadoiras —

XVII

esse bispo aldravaz quiz provocar-me á guerra,
e o melcatréfe bráda ao Orbe e á Cristandade
— que sou um hereje vil... precito sobre a terra!

XVIII

— Excomungou-me pois com pompa e magestade.
E porquê, e porquê? — Por, do pulpito augusto,
o *Ocultismo prègar.* — Que heresia e impiedade!

XIX

— Meus amigos! achaes que o sacro bóde é justo?...
— Achaes que hei de espapar a fronte achincalháda,
— sob a tamanca hostil d'esse vilão robusto?

XX

— Nunca! Vou arrojar-lhe a batina rasgada
á face episcopal. — Na fácha do birbante
o éco hade estoirar da heréje bofetáda!

XXI

Dizendo isto — a espumar — colérico, vibrante,
com largo gesto, entono, o olhar que fulmína,
vendo o seio ás mulher's anciar palpitante...

XXII

— de pé, rasgando o assombro e a emoção repentina,
— sobre cristaes no pó, camélias desfolhadas,
— erécto, esfrangalhei, d'alto a baixo, a batina.

XXIII

Toda a sala palmeou com ruidósas palmádas
a minha decisão íntrépida, e a manhã
que alem rompia já, ouviu entre risadas:

XXIV

Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — saudemos o deos Pan !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — gritemos Evohé !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — Evohé ! Bacho ! Péan !

XXV

Puz termo á grita e disse : — Senhor's, á boa fé !
que estaes ébrios, não eu ! — Ouví a cárta agora
que eu mando ao soez Bispo, ao poltranaz chúé.

XXVI

E li : «— Bispo primaz da Andaluzia ! E' a hora
«de comtigo ajustar as contas e prudente
«é que oiças o que eu digo. . embóra heréje, embóra !

XXVII

«— Quem te autorísa a ti, a excomungar-me insciente !
«quando todo o teu Velho e Novo Testamento
«estribam no *Ocultismo* o prestigio e o ascendente ?

XXVIII

«— Condénas o *Ocultismo*: e no emtanto o portento
«dos prestigios bibliaes e os novos Evangelhos
«tem João, Jonas, Josué, Balaão e o seu Jumento.

XXIX

«A ambos — Balaão e burro — um anjo deu conselhos.
«E um outro a Abrahão surgiu, quando ao imolar Isác,
«viu um cabrito em sarça enredando os chavelhos.

XXX

«E, quando Matheus narra a angustia de Ramá,
«eis que outro anjo surge, e ordena ao páe do Christo
«que deixe a Galilea e as serras da Judá.

XXXI

«— Dize pois, ó Primaz! como é que chamas isto ?...
«Acaso ignóras tú a historia do Messias,
«a visão do Thabôr e outras que não regísto ?

XXXII

«— Acaso ignóras tu o anjo de Tobias:
«— Samuel resurgindo a voz da Pytonissa:
«— as visões de Daniel, de João, de Isaias ?

XXXIII

«Dirás — decerto o sei — com devoção postiça,
«que éram rectos varões... e que taes maravilhas
«sucédem só a quem jejúa ou que ouve missa.

XXXIV

«Mas eu te provarei que em lógica não brilhas:
«— pois Abrahão traficou com sua esposa Sára,
«— e Loth desflorou as suas proprias filhas.

XXXV

«A fina Idealidade — *a flôr ideal e rara!* —
«não cresce em craneos vis. — Portanto joias, flor's,
«do Ideal não estrágo em tua crusta ignára.

XXXVI

«Só te digo ó Primaz! escória d'impostores,
«que o teu zelo é postiço... e a essa face avinhada
«arrójo esta batina e escarro em teus furores.

XXXVII

«— Vae pois, — rôta batina, humilde, e esfrangalhada,
«bradar ao máo Pastor... que andaste amigamente,
«pela chóça do humilde e a viúva mal trajáda!...

XXXVIII

«— Diz-lhe que nunca entraste em bordel repelente,
«— senão para dar pão á tisica e á entreváda...
«— pois tens um só amor e um culto unicamente!

XXIX

«— Diz-lhe que nunca entraste em alfurja enlaivada
«d'um claustro, a seduzir a humilde penitente,
«e de monja a tornáste em combórça sagrada!...

XI.

«— Váe! dize-lhe que viste a rôtasinha gente
«beijár-te muita vez a ouréla nos caminhos,
«como outr'ora a Jesus... nas paisagens do Oriente ..

XLI

«— Vae, dize-lhe inda mais, que andáste entre os espinhos
«sem sandália, ou bordão, no pó das azinhágas,
como Paulo e João .. trajando frescos linhos...

XLII

«— Vae, diz-lhe que te amei ! — E em hóras aziágas
«minha rôta batina ! éras tu meu consôlo,
«nos desertos d'areia, ou nos êrmos das vagas !...

XLIII

«— Quanta vez ! quanta vez ! no esbrazeádo sólo
«da Syria, sem riácho ou frescor de palmeira,
«rugindo do tufão d'areia o ardente rôlo...

XLIV

«triste, cuidando vêr minha hora derradeira,
«lembrando-me do verbo evangélico e humano,
«— só tu me consoláste ! ó fiel companheira !...

XLV

«Eras pobre, bem sei !... Mas o vil Publicano,
«o Orphão, a Viúva, a aldeã de loiras tranças,
«curvávam-se ante ti... beijávam o teu pano !...

XLVI

«— Beijavam-te tambem as tenrinhas creanças !...
«— Não ladrávam os cães das herdades visinhas...
«— Lambiam-te, ao passar, como ovelhinhas mansas...

XLVIII

E até nas cathedraes, ao poente, tristinhas,
no esplendor dos vitraes, ou nos nichos musgosos,
olhávam-te a sorrir os Mágos e as Rainhas!...

XLIX

Os côxos, os truões, os cégos, os rixósos
conheciam-te ao longe... e pediam-te esmóla,
humildes como cães, com olhos lastimosos!...

L

Creanças, ao sair saltitantes da escóla,
não troçávam de ti!... Em róda, coitadinhas,
— beijavam minha mão, sem páo e sem sacóla!...

LI

E, como que imitando as rôtas creancinhas,
apesar de ser's negra, adejavam as pombas,
ao teu pé... e tambem! tambem as andorinhas!...

LII

—Não púde concluir... ouve ó mundo que zombas!
que um pranto me caiu, como ao homem d'espada,
que calca o rosto ao irmão, morto nas hecatombas!...

LIII

Ao meu servo entreguei a batina rasgada,
minha rôta batina!... e, a ocultas enxuguei...
a lagrima do adeos á *companheira amáda!*

LIV

Cávo silencio fez-se, em róda. Baqueei,
rasgádo de emoção, de chófre, n'um divan.
—A orgia cascalhou, sem tom, nem som, nem lei.

LV

Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — saudemos o deos Pan !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! — gritemos Evohé !
Hip ! Hip ! Hurrah ! Hurrah ! —Evohé ! Bacho ! Péan !

O DIADEMA DE PAPELÃO DOIRÁDO

Nas sombras do crepusc'lo, entre as ramágens,
não queiras vêr quiméricas imagens !...

. . . . . .

I

— Apóstata ! Blasphémo ! Histrião ! Renegádo !
— Sacerdóte maldito ! Heréje ! Atheu ! Farçante !...
—taes eram os bordões de um panfleto sagrado.

II

— Ah ! todo o vil beatério e a escumálha intrigante
da tonsúra e roupeta erguêram altos gritos
a respeito da carta ao episcopal birbante.

III

Mas os Láras — então — esses burlões proscritos
da sociedade sã, ou de honrádo quiláte,
redobráram sem pejo os seus pasquins maldítos.

IV

Espalháram que eu éra o D. *Juan* bonifráte:
— o lobo que envergára a lã da branca ovelha,
—a fim d'ás seduções pôr a cr'ôa e o remáte.

V

Narráram que se ouviu, por alta noite velha,
entre canções de orgia e femeas deboxádas...
eu renegar Jesus, quebrando uma botelha.

VI

Mas não narráram, não! — as mágoas desgrenhádas
o almofariz de ferro... a bigorna... o martelo...
que trilháram d'esta alma as fibras mais caládas?

VII

Não narráram que o atroz Desespero amarelo
me arrastára á Revolta e ás canções á *Matéria*,
em repto á excomunhão, e ao seu feroz cutélo!

VIII

Não narráram que tal fôra a minha miséria,
que tendo só colhido espinhos, fébres, dôres,
peór que o ceifador que aguarda a hora da féria...

IX

eu rolára na orgia, entre crestádas flores,
renegando dos céos, enlaivando os meus louros,
—sem pae, sem mãe, sem deos, sem beijos, sem amores!...

X

—A galópe, portanto, ó meu cavalo! Mouros
são estes christãos vís que escouceiam o Christo!
—A galópe! a galópe! Atraz prantos e chôros!

XI

—A galópe ! a galópe ! A'vante ! Longe d'isto !
—A galópe ! a galópe ! Atraz estes outeiros !
—A galópe ! a galópe ! Ao Ideal ! Ao Imprevisto !

XII

—A galópe ! a galópe ! Atraz estes lameiros !
—Atráz os vís calháos d'este inferno execrável !
—Atráz os Láras vís, atráz os seus rafeiros !

XIII

—A galópe ! a galópe ! Ao Imprevisto inefável !
—A galópe ! a galópe ! Aos limites do Espaço !
—A galópe ! a galópe ! Ao Imprevisto ! Ao Improvável !

XIV

Assim clamáva eu, com forte e rijo braço,
domando o meu caválo, e com calção violento
fasendo recurvar os seus jarrêtes d'aço.

XV

Assim clamava eu, calcando o Desalento,
e galopando, eu sei !... para esse atroz destino,
que, ai de mim ! badaláva, além, com dóbre lento.

XVI

De tempos immemoriaes, — inda môço e menino—
frequentára o teátro: e pr'a mim os tabládos
tinham um raro encanto e um feitiço azulino.

XVII

Como chegasse ao pé de uns alamos copádos,
atrazei-me a escutar — ás sombras do sol posto —
manso rumor d'uma ágoa em seixinhos prateádos...

XVIII

Soprava a arágem meiga e tépida de Agosto
um canto tão subtíl, ás horas das Trindades...
que alí o luto e o horror se tornávam em gôsto.

XIX

Apeei-me e sentei-me, a distrair saudades,
e a idea de teátro e de ruidosas palmas,
de ovações, ai de mim!... me infláram de vaidades.

XX

Nos limpidos cristaes das fontainhas calmas,
e atravez o rumor macío das folhagens...
vi um vulto gracíl que enfeitiçava as almas.

XXI

Os braços estendeu-me e sorriu... As miragens
que eu tinha dentro d'alma, éla doirou de sorte
que lhes deu céos azues, quaes vitraes com paisagens.

XXII

Levantei-me d'alí, decidido. — Era um fórte.
Fôra padre, bem sei!... mas a humilde roupeta
rasgára-a, em vil *orgia*, a blasfemar da sorte!

XXIII

Que escandaloso horror, que indignação inépta
rebentariam n'alma odienta dos beatos!...
—Que importa, éra uma audacia. Era vingança récta.

XXIV

Levantei-me de golpe. Era este um dos meus raptos
de energia e de ação, por ódio á ciganagem
dos Laras, dos chatins, mais dos padres ingratos!

XXV

Só tarde, ai! me lembrou:—que, ao *sol pôr*, *nas ramagens*—
a histérica anciã me avisara, morrendo,
não pretendesse vêr *quiméricas imagens!*...

XXVI

Ergui-me pois de chófre, intrépido, correndo,
ao meu negro cavalo, atagantei-lhe as ancas,
—e esporeei-o até o sangue vêr correndo.

XXVII

Mas que escandalo foi!... quando eu, de plumas brancas,
pela primeira vez, entrei, de fronte altiva —
— e *fiz o Rei Fingal*, ante as santas carrancas!

XXVIII

Nunca houve scena assim, ruidosa, extranha, viva!
— Mil palmas e ovações estrondeáram na salla,
no ultimo acto, emfim, quando, é livre a *Cativa*.

XXIX

As damas mais gracís, com seus trájos de gala,
com rendas de Kachmir, sardónias de Cabúl,
—soluçavam, dando ais que só a angustia exála.

XXX

As tricas clericaes goráram : e eu no azul
nadava do triunfo e a gloria conquistada
contra o odio, a intrigálha, e o beatério taful.

XXXI

Todas as noites sempre éra a sála atulháda
pela turba almejando ouvir o comediante,
que fôra um prégador d'alta fama e nomeáda.

XXXII

A minha excomunhão, a resposta ultrajante,
que eu déra ao bispo audaz, o sermão que prégára,
em Sexta Feira Santa: — éram o assumpto constante.

XXXIII

E alem d'isto, este amor que em segredo calára
do mundo. . este doêr de saudosos martyrios...
—dávam-me ao rosto magro uma tristeza rára.

XXXIV

Que travôr, que paixão, que sarcasmo, delirios,
eu dava á voz do Hamleto, ao vêr no cemitério
— Ophélia, em seu caixão, passar á luz dos cirios!...

XXXV

Que tenebroso olhar, que terror, que mysterio,
dava ao rei Macbeth, a martelar caixões,
—por causa d'esse amor à *lady* d'ar funéreo ! . . .

XXXVI

Como eu dava ao rei Lear extranhas convulsões,
na sua insania atroz, chorando ingratos filhos. .
no bosque à ventaneira, aos raios, aos trovões !

XXXVII

Como eu dáva ao Othello os tenebrosos trilhos
do ciume insensáto e o remorso selvagem,
por Desdémona ideal, mórta, côr dos junquilhos ! . . .

XXXVIII

Como eu dava ao Antony a musical lingoágem
da paixão infeliz. . . mesmo até quando arranca
a espada contra a amante, esbelta como um págem ! . . .

XXXIX

Como eu interpretava a paixão nobre e franc
do Fausto, a contemplar morrendo Margarida. . .
—essa carne gentil, macia, loira e branca !

XL

Mas tudo isto eu sentia ! . . . O ódio, o sangue, a vida
a paixão, o furor, o desespero, a esp'rança,
o ruir, o desabar d'uma alma incomprehendida. . .

XLI

tudo isto tinha voz, tudo isto éra *vingança !*
tudo isto éra o meu sangue, em caxões, revoltádo,
—vinha mais da minha alma inda que da lembrança !

XLII

Todos esses heróes : o rei Lear dementádo,
o enigmático Manfredo, o torturádo Oréstes,
o Oédipo proscríto, errante, amaldiçoádo...

XLIII

Promotheo no granito, a urrar nótas agréstes,
o Cid Campeador, com seu elmo guerreiro,
o Hambet; taciturno, oculto entre os cyprestes...

XLIV

como eu os admiráva e comprehendia inteiros !
como eu lhes partilháva as mágoas e as afrontas !
—como eu choráva bem seus amor's verdadeiros !...

XLV

Um dia resolví — sempre este amor a contas !—
escrever a paixão funesta que sem tino
meu sangue combustáva em mil vesanias tontas.

XLVI

E fiz *o Rei Fingal* — Este rei paladino
vencêra e destronára a rainha da Islandia,
e matára-lhe o esposo em combate leoníno.

XLVII

Para a Escócia a levou catíva, e a atroz Finlandia
o facto celebrou em seus anáes lendários,
e fálam d'ele mil tradições da Groelandia.

XLVIII

Seja verdade ou lenda, o caso é que cem vários
paladins e barões víram o rei Fingal
a *Catíva* incensar com dons extraordinários.

XLIX

Mas guardando o seu *lúto intérmino e imortal*,
a Catíva do rei — do seu marmóreo labio —
não desfranziu jamais um sorriso jovial.

L

O rei Fingal, porem, rei paladino e sábio,
não a afrontou jamais. — Caprichára, ao contrario,
em ser casto e em ser bom, qual Scipião ou Fábio.

LI

De honrarías a encheu, e a um barão seu contrário,
mil batalhas ganhou, cidadélas, castélos,
— os quaes cedeu ao irmão da Catíva, a Lothário.

LII

Mas a régia Catíva, a tantos mil disvélos,
opúnha uma tenaz indif'rença, que o lúto
tornava mais glacial que os seus barbaros gêlos.

LIII

Um dia o rei Fingal prostrou o mais astúto
dos reis : e tal victoria estrepitósa alcança
que cólhe de troféos e espólios basto frúto.

LIV

—Todo o povo apregôa a sua invicta lança !
—Todo o povo celébra o egrégio Campeador !
—Todos lhe arrójam flor's, tudo a seus pés se lança !...

LV

Só com mágoa, com ais, com lástimas, com dôr,
elle enxérga á Catíva — estrangeira a taes palmas —
alheia a taes troféos, n'um lúto de rigor.

LVI

Então o grande Heróe, com uma nobre calma,
mas vertendo lá dentro a lágrima encobérta
das mágnas aflições... como quem solta a alma...

LVII

á Catíva bradou : — «Senhora, estás libérta !
«Regressa ao reino teu, e volta a ser Rainha !
—«Fique eu só a carpir em ruina deserta !...

LVIII

«Não vos pungiu jamais minha afeição maninha !
«Não vos dôa portanto o lúto de vencida !
—«O vencido fui eu !... vencida a sorte minha !...

LIX

«Uma batalha gánha, e outra maior perdida !
«Catíva eis a teus pés *vencido o vencedor* !
—«Para tudo eu te dar, até te dou a vida !...

LX

Dizendo isto, matou-se. — O ferro sem pavor,
que tanto se extremára em prélios mil, tão vastos,
—trez vezes o embebeu no peito o Campeador.

LXI

A Rainha cativa então caiu de rástos,
e, n'um pranto, todo ais, convulsivo, anormal...
beijou-lhe a fronte, as mãos, os seus cabellos bastos...

LXII

O seu pranto, aos roldões, doía, a fazer mal.
Tardía era porem essa dôr, mui tardía !...
—Era morto, de vez, o grande rei Fingal.

LXIII

Quando eu representava este drama, irrompía
trovejante clamor de mil bocas plebeas...
—desmaios, prantos, ais, na mais alta hierarchia.

LXIV

Sem me gabar, oh ! não !... que as imodéstias feias
ha muito as enxotei d'esta alma árida e núa...
direi que me hão tentádo as mais altas sereias.

LXV

Porem minha alma é — *escalrácho* sem lúa —
azinhága, onde algum ráro amor de passagem,
noctambulo, olhando à scena árida e núa...

LXVI

que queira ali entrar, vendo a calva boscàgem,
o êrmo... o descampádo... o trilho pedregôso...
regressa para traz, sem nervo e sem corágem.

LXVII

Mas um dia atreví-me a escrever, audacioso,
a um amigo meu, acerca de Theodóra.
—Que dizia de mim?.. interrogáva ancioso.

LXVIII

Respondeu-me que a béla e excentrica Senhora
continuáva a evocar espiritos aládos,
em grande solidão, abstráta e sonhadora.

LXIX

E que, acerca de mim, seus labios delicados,
qual carmineo setim, disiam, desdenhosos:
—que *de hereje eu descêra a histrião dos tabládos!*

LXX

E o amigo acrescentava: — «Entre os seus pios gózos
«costúma promover no teátro, cada ano,
«um benificio em prol dos orfãos lacrimósos.

LXXI

«Arranja as málas, vem! — Com teu genio sob'rano»
«verás que tens de rôjo a cainçáda inteira,
«que ha tempos te ladrou. — Vem ser deus ou tyrano!»

LXXII

Fez-me a carta chorar! — Então, da cachoeira
de brádos, d'aflições, d'ais selvágens, rasgádos,
gritando, uivando a dôr tragica e verdadeira...

LXXIII

de todo o augusto mar de soluços rimádos...
de todo o aziágo mal das almas repelidas..
—Theodóra via só... o *histrião dos tablados!*

LXXIV

Mas cheguei, ví, vencí — As raivas desabrídas
prostraram-se ante a glória, e a villa sertaneja
suou e tresuou em palmas comovídas.

LXXV

A fidalga reunião do beatério d'egreja
fingiu não conhecêr-me. — Em mim só via o actor,
o ráro comediante, o histrião, ou quér que seja.

LXXVI

Um benificio pois dos orfãos a favor
foi-me implorado só, como preito ao talento,
uma obra pia e sácra... uma obláta ao Senhor.

LXXV II

—Resolvi pôr em scena o grande rei Fingal.—
Theodóra, a mais fidalga entre essas damas pias,
não podia eximir-se ao acto espiritual.

LXXVIII

Devo narrar primeiro... Ai! como cousas frias,
na aparencia triviaes... decidem do destino
humano, e pódem dar tão desastrósos dias!...

LXXIX

Devo narrar, disse eu, que um ladrão, um Mandrino,
d'estrada, rapinára a mála onde ia a c'rôa
do grande rei Fingal, lavráda e d'oiro fino.

LXXX

Só tarde o conhecí. — Portanto, à pressa, à tôa,
uma c'rôa chué de papelão doirado
serviu de diadema a esta real pessoa.

LXXXI

Teátro todo cheio. — O povo elétrisado
pela fama do drama, aguardáva, impaciente,
que ás luzes da ribalta eu calcasse o tabládo.

LXXXII

Cada acto um triunfo. — Eis porem, que imprudente
um largo gesto meu atira á luz da rampa
—meu diadema real... que arde bem de repente!

LXXXIII

Uma risáda atroz, como o ferro que estampa
no grilheta o sinal dos labéos infamantes...
pela sála reboou, mais glacial do que a campa.

LXXXIV

Era o rir de Theodóra. — Humilhádo uns instantes,
tentei fugír, corrído, aos apúpos da sála,
vaias, mófas chués, dichótes irritantes...

LXXXV

Mas a cabeça alcei. — E, com trágica fála,
accrescentei de chófre á actriz, trémula já,
— e a Theodora fitei, com dôr que náda eguála:

LXXXVI

«— *Senhora!* uma palavra ainda, escúta lá!
«Vou partir para a guerra. Ai de mim! Estrangeira,
«—o meu *diadema ardeu! .. minha alma em cinza está!* ..

LXXXVII

A queixa éra tão sóbria, humilde, verdadeira...
soubéra remediar tão bem o cáso infando,
que a emoção levantou de pé a sála inteira.

LXXXVIII

Foi um delirio insano. O publico, aclamando,
pretendia fazer deslembrar a injustiça,
— as vastas ovações, sem trégoa acumulando.

LXXXIX

Mas minha alma sangráva!—A calma éra postiça.
Tinha a cabeça em fogo, e em borbotões nas veias
o meu sangue éra lava, e láva escaldadiça!

XC

Ella riu! suspirei, contemplando as plateias,
onde esses Láras vis, chéfes da vil matúla,
marcávam a pateáda ás servis alcateias.

XCI

Ella riu! trovejei com uma raiva fúla,
— mas dominando a fúria uma gráve tristeza —
quando vi Theodóra a rir da scena chúla.

XCII

Ella riu! suspirei. — Não viu pois a grandesa
com que eu interpretei o heróe raro e bondoso...
sublime em sua dôr, maior que na realeza!

XCIII

Ella riu! suspirei. — Sou pois um rei chistoso,
um grotesco, um truão, um magro saltimbanco,
um funambulo vil... um palháço precioso!

XCIV

Ella riu! suspirei — Eu, que o meu peito franco
ábro á sublíme dôr das lástimas alheias,
sou o rei d'Yvetot, um *clown* ráro e branco!

XCV

Ella riu! suspirei. — Eu, que nas noites cheias
d'emoções, declamando as tragedias aflitas,
chóro prantos reaes, verto sangue das veias!...

XCVI

Ella riu! Ella riu! — Pois lagrimas contritas
tu chorarás de certo, em breve, ó presunçósa,
— recordando a ação vil das risádas malditas!

XCVII

Travei da minha espada, uma espada preciosa,
uma lamina sã — puro aço de Toledo —
e não um gúme vil de operêta chistosa.

XCVIII

E entrei no ultimo acto, a fronte alta, sem medo,
quando o bom rei Fingal irrompe, vitorioso,
na sála, á beira mar, trazendo o rei Tancredo.

XCIX

Mas quando emfim cheguei ao transe angustioso,
em que increpa a Cativa e que depois se máta,
— fitei Theodóra, e assim disse o trexo famoso: (1)

---

1. A primeira fála do rei Fingal é mais singéla: mas esta tem um heroismo mais barbaro.

G. L.

C

«—Meu amor foi por ti desconhecido, Ingráta!...
«Ele foi da minha alma o rôlo bom d'incenso,
«mas tambem o caxão, a flama, a cataráta!

CI

«Não quizeste escutar este soluço intenso
«de um rôto coração por um léque fendido...
«— por um riso atirado ao Desespero imenso!

CII

«—Mulher toda de gêlo e lutuoso vestido!
«que mysterio é o teu, que enigma é que ocultas?
«Esfinge do Rancôr, por que me quer's vencido?...

CIII

«Desejas a teus pés, como as múmias sepultas
«nas cryptas de Rhansés, no Egypto embalsamádas,
«um povo a decifrar-te?—E' na tréva que exultas?...

CIV

«Pois se adóras a Treva e as noites inflamádas
«por corações a arder, e tú, com olhar féro
«passas revista aos ais d'essas tóchas sagradas...

CV

«como o meu diadema, um peito que é sincéro
«recto, firme, leal, ardeu tambem qual pálha...
«—que mais desejas tú, novo *avatar* de Néro?

CVI

«Cativa já não és! — Deitaste na fornálha
«de um peito, como o meu, as néves do Carmélo,
«sem o poder gelar.—Senhora és sem eguálha!

CVII

«A liberdade dout'a. — Ao teu paiz tão bélo
«com agulhetas mil de trémulos cristaes...
«regressa e sê Rainha.—O gêlo volte ao gêlo!

CVIII

«—Sê feliz, sê feliz, nos teus bosques glaciaes!
»—Sê rainha da Névoa, a Treva, ou da Mortalha!
«—Faze arder corações, passa revista aos ais!...

CIX

«Ardam mil corações, que o vento o fumo espálha!...
«Mas, quanto a mim que fui, n'esta pugna, o Vencido,
«—trespasse a espada o inf'liz vencido na batalha!»

CX

Dizendo isto então — tranquilo, decidido,
com o ferro varei o peito, atravessando-o,
a sério, com furor não postiço ou fingido.

CXI

Toda a turba se ergueu de repente, aclamando.
Foi um delirio louco! — Eis, porem, que os actores
acórrem, em tropel, o meu sangue estancando.

CXII

Revelou-se com pasmo, entre as palmas e as flores,
que eu me varára alí — véra e tragicamente —
como o bom rei Fingal, por infaustos amores.

CXIII

Todos volvem, de chófre, o altar tôrvo e fremente
para Theodóra. — Então cabellos desmanchádos,
vi-a p'ra traz cair — surda, pesadamente.

CXIV

«—Vingança! rouquejei, soltando doidos brádos.
«—Vingança, senhor Deos!... Theodóra desmaiáste,
«por mim! por mim! por mim! *o histrião dos tabládos*!»

AS RUINAS DE UM TEÁTRO

... Pádre execrando,
sobre teu craneo riscarei confusas
Babylónias de horror!

I

A rir! a rir! a rir! — bradáva em meus delirios
estendido no leito e cheio de aparelhos,
trespassado, a morrer, branco, da côr dos lyríos.

II

A rir! a rir! a rir! — bradáva entre os vermelhos
lençoes, já morto quasi, e da febre nas horas
em que o doutor se váe e vém os Evangelhos.

III

A rir! a rir! a rir! — bramia eu, altas horas,
querendo fugir do leito, espedaçar os laços,
que atrelávam á vida as mágoas rugidoras.

IV

A rir! a rir! meu Deos! gemi, alçando os braços,
quando me púde erguer, emfim, convalescente,
e que o olhar alonguei, pelos azues espaços.

V

Não podia esponjar da minha alma doente
—esse diadéma vil de papelão doirádo—
rolando e flamejando, ás luzes, de repente!...

VI

Depois o riso atroz... o rir desapiedádo...
de Theodóra cruel, quando eu transia as magoas
do grande rei Fingal, sublime e desesp'rádo...

VII

—tudo isso me inflingia intradusiveis frágoas,
—tudo isso me crispáva os nervos cambalídos,
—tudo me enchia o olhar de inconsolaveis ágoas!...

VIII

O rei Fingal éra eu! —Minha alma, os meus sentidos,
poséra eu n'este drama agitado e sombrio,
— em que narráva a dôr dos meus sonhos vencídos!...

IX

Theodóra era esse vulto extranho, agreste, frio,
da Rainha da Islandia, encerrada em seu lúto,
como em mistério d'onde escorre um calafrío.

X

Jamais, ante ninguem, no mundo dissolúto,
ante os Grandes, os Reis, Princepes, Financeiros,
ou os Génios que a gloria erriça ao cocurúto...

XI

jamais, ante ninguem, déra tão verdadeiros
brádos d'ancia, terror, tristeza, desencanto...
—como alí, ante a luz dos seus olhos fouveiros !

XII

E Éla não comprehendeu o que havia de pranto
contido, n'esse rei grandioso e despresádo,
matando-se ante a côrte, os ais, a gloria, o espanto !

XIII

Vira apenas, na rampa, um papelão queimádo,
uma c'rôa chué d'um trágico grotesco,
—um diadéma a arder d'histrião no tabládo !...

XIV

Como às vezes um rir de mulher claro e fresco
é fútil, máo, cruel !... Ela ri de um calçado,
d'um geito, d'um esgár, d'um gesto mais burlesco !...

XV

O mediocre e vil fanfarrão emplumádo
seduz-lhe o instinto vão !... No emtanto ri do Génio
se o vir rôto, infeliz, malquisto, mal trajádo !...

XVI

Vê no mundo o esplendor postiço do proscénico,
fascina-a o transluzir da fácha a tiracólo,
—o estrépito, o fragor, o aparáto, o convénio !...

XVII

Como às vezes tal rir é máo, ferino, tôlo !
Como elle faz cair os braços desmaiados,
—que se alçávam aos ceos, a pedir um consôlo !...

XVIII

Como elle val' por mil punhaes dos mais hervádos !
Como elle faz voltar para a trapeira obscura,
—com desalento e dôr... os pés dos desgraçados ! ...

XIX

Mas narremos o fim d'esta extranha aventura
que o labéo me alcançou da enxovia e a grilheta,
e outro mal mais atroz... a *Babel da loucura !*

XX

Já passaste, ó leitor !... com angustia secréta,
pela morada inf'liz da *insania e da demencia*,
—aonde o humano horror tóca do horror a méta ?...

XXI

Já viste o tregeitear da livida Insciencia ?...
Já viste essas feições horriveis e crispádas,
e o olhar airado ou fixo, afastando a clemencia ?...

XXII

—Já viste o inferno em vida e entre grades fechádas ?
—Já soluçaste, ouvindo um canto conhecido ?
—Já choraste, escutando aquélas casquinádas ?...

XXIII

Pois ahi, n'esse inferno, eu rolei afundido
pois ahi eu ganhei mil rôxas cicatrizes!
—ahi eu pranteei meu pranto mais ardído!...

XXIV

Ahi julguei-me rei d'exóticos paizes.
Fui *Mágo, Santo, Heróe, Asceta, deos mitrádo:*
—É, ao certo, o mais inf'liz d'estes mil infelizes!...

XXV

Um dia, n'um clarão... n'estes clarões lavádos
de extranha lucidez, no meu destino átro,
a Theodóra escrevi estes borrões magoádos: (1)

(1) A carta que segue é o documento mais original d'este processo: por que revéla o cumulo da paixão: sobretudo, quando, na desordem do seu cérebro, elle mistura os *espiritos superiores* com os *inferiores* na ancia espiritista de *evocar* tudo que lhe possa revelar alguma cousa da mulher amáda.

G. L.

CARTA A' MULHER DE LUTO

I

«Eu sou o magro Heróe infeliz de teátro,
«o *padre espiritista* um dia excomungado,
«—o insultádo histrião, por ti, no amphiteátro !

II

«Sou esse prégador de olhar iluminádo
«que um dia, n'uma orgía, entre angustias e flôres,
—«rolei, apostatando o deus que hei incensádo !

III

«Sou o moderno Cristo, o grande Rei das Dôres!
«E, como elle tambem, por ter amado ingrátos,
—«aos Infernos desci dos malditos suóres !...

IV

«Sim ! sou esse histrião, a quem os teus máos trátos
«arrancáram, um dia, o juiso, o renóme,
—«meu diadema real e os régios aparatos !...

V

«—Agora sou Gringoire, o histrião com fome.
«—D. Quixóte, apupádo, escarnecido, rôto.
«—Sou Job no seu chiqueiro e que a lépra consóme!...

VI

«Antes eu cavalgasse o meu rocim, a chouto,
«qual D. Quixóte, ao rir dos melros na espessúra,
—«do que aqui vegetar, qual pôdre cão no esgôto!...

VII

«Fôsse eu o Campeão, ai, da *Triste Figúra!*
«mas deixassem-me o hôrto, o meu prado, os moínhos,
«o meu gálo, os meus bois, e a sésta entre a verdùra!...

VIII

«Ao menos ouviria o trino aos passarinhos,
«afagaria a Rússa... e ao olôr dos espinheiros,
—«riria, com meu cúra, à beira dos caminhos!...

IX

«Ao menos, do poente aos raios derradeiros,
«no quinteiro plebeo, debaixo da latáda,
—«narraria aos aldeões os meus feitos guerreiros!...

X

«Sentir-me-hia morrer n'uma paz descansada,
«tendo a gloria de ter defendido o menino,
—«o Oprimído, o Ancião, a Viúva mal trajáda!...

XI

«E ao expirar, afinal, conservando o meu tino,
«daria o ultimo pranto à bella Dulcinéa,
«—e o ultimo sorriso ao escudo de Mambrino!...

XII

«Mas aqui, sem ninguem!.. esta existencia é cheia
«de mil aparições, larvas, cruzes, tocheiros,
—«e espéctros que eu evóco à trémula candeia!...

XIII

«Passo noutes crueis, passo dias inteiros,
«sem ouvir o teu nome, agachádo a algum canto,
—«tremendo, n'um terror servil dos carcereiros!...

XIV

«Horror! a isto cheguei! — A's vezes cáe-me o pranto
«sobre os fios da barba intonsa e já grisálha...
—mas outras, sem rasão púlo, gargálho, e canto.

XV

«Sou um vil animal! — Sou menos que a escumálha
«do andrajoso vilão que anda ao mato e á charrua,
«que lávra, ceifa, póda, esbulha, pisa e málha!...

XVI

«Podésse eu labutar á calma, aos sóes, á lua,
«jovialmente cavar o meu humilde hortejo...
«—mas ser homem, sorrir... pisar a esteira tua!...

XVII

—«Onde está ó Theodora, a aza do meu desejo ?...
«Como estão longe agora as acácias amáveis,
«às ramagens das quaes te dei um casto beijo ?...

XVIII

«Como estão longe agora esses céos impecáveis,
«d'um castissimo azul, que cruzávam gaivótas,
—«n'essas tardes de Agosto em que ha brizas afáveis?...

XIX

«Onde estão, onde estão, as claras praias béias,
«em que canta uma mãe... lento berço embalando...
«ou o barqueiro, na areia... a remendar as vélas ?...

XX

«E onde estás tú tambem ? — Talvez devaneando
«nas sombras do teu parque... ao plenilunio amigo...
—«n'algum chalet em Nice, ou na Escossia sonhando!...

XXI

«Talvez na fria Gallia, em torreão antigo,
«decifrando um ritual de velhos monges Frankos,
—«ou evocando um heróe do pó do seu jazígo !...

XXII

«Talvez lendo Ossian, d'algum monte nos flancos,
«talvez n'um aureo hotel da Mónaco elegante,
—«vendo correr bébés, loiras, de bibes brancos...

XXIII

«Quanto a mim, morro aqui, n'este antro sufocante,
«sem vêr aguas nem sóes... na palha estiraçádo...
—«ruminando o meu mal, dementado e arquejante !

XXIV

«Jázo aqui n'um covil, com olhar baço e airádo,
«procurando no céo um prégo entre as estrelas,
«aonde me enforcar... por te haver muito amádo !

XXV

«Chamáste-me histrião.—Como tú bem martélas
«este craneo onde ha sóes, planetas, cataclismos,
«barrancos... hervaçaes... ruinas amarélas !...

XXVI

«Quéro ás vezes descêr aos mais tôrvos abismos,
«rolar-me, qual Jesus, no seu Gethsmaní,
«p'ra não ver teu olhar de raros magnetismos !

XXVII

«E no emtanto—ai de mim !—o que me trouxe aqui
«a este antro de pavôr, foi o qu'rer evocar
—«espétros, aos milhões, que me fálem de ti !...

XXVIII

«N'estas *evocações*, continas, sem cessar,
«mistúro a imprecação á infáme raça Lára,
«—com a préce... o exorcismo... ou o ritual do Altar

XXIX

«Mistúro a virginal e gentil Santa Clara,
«—aquéla a quem Satan of'receu lindos crávos—
«com a Sapho pagã, de fúria amante e rára.

XXX

«—Mistúro os Serafins aos demónios escrávos.
«—João, o Evangelista, a Simão Nigromante.
«—Catúlo, ao santo Assiz, marcádo com trez crávos!

XXXI

«Mistúro a Ninfa á Deusa, ou a Freira á Bacante,
«a Mystica á Mundana, o Cristo á Madaléna,
«—a loira cortezã de coração flamante!

XXXII

«Mas ninguem dá resposta á minha agúda pena!...
«embalde noite e dia, ou, mal raia a manhã,
«—barálhe Anjos da Luz com Satans da Gehéna!

XXXIII

«Em vão, na minha dôr, confunda a Cortezã
«com a Martyr ideal das tenázes romanas...
«—e o extático Budhá com Dagon ou Satan!

XXXIV

«Eis-me pois a teus pés, em taes dor's sobrehumanas,
«perguntando por quê prohibiste, ó Impiedosa!
«ás almas consolar as lástimas humanas?...

XXXV

«Tem dó d'uma alma êrma, abandonada, anciósa...
«do padre que descreu, do tragico afamádo,
«que já viu a seus pés uma turba luxuósa.

XXXVI

«Aqui tens, a teus pés, o histrião dementádo!
«Eu sou Simão o Mágo, o Doido, o Nigromante,
«—que quiz subir ao Céo e rolou no tabládo!

XXXVII

«Vem pois, acórre aqui, n'este supremo instante,
«a ver o rei Fingal, sobre umas taboas rasas,
«morrer, sempre fiel .. inda chamando a amante!

XXXVIII

«Dulcinéa glacial que não témes as brazas!
«acóde, acóde aqui... com remorsos ao menos:
«—vêr morrer D. Quixote, a quem cortáste as azas!»

CONTINUAÇÃO
DAS
RUINAS DE UM TEÁTRO

I

Um raro amigo bom, vindo n'este comenos,
—a esta caverna atroz—prometeu que a missiva
bréve seria entregue á *Flôr d'olhos serenos.*

II

Bastante original foi esta roda viva
de triunfos, paixões, d'ais, de contrariedades,
n'uma vida—ai de mim!—bem raláda e aflitiva!...

III

Foi móda virem vêr-me as mais ráras beldádes,
—romanescas, gentis, damas aristocrátas—
a quem meu *mal de amor* transíam as piedades.

IV

A Mulher, mais que nós, tem qualidades nátas
de ternura e de amor!—Minha paixão de artista
atraíra até mim, mesmo as mais timorátas.

V

O padre feito actor, o heréje, o *Espiritista,*
que n'um arranco ideal de paixão dementáda,
rasgára o coração do seu amor á vista...

VI

e depois de assombrar a turba eletrisáda
endoidéce de amor, e n'uma ancia *ocultista,*
evóca—a toda a hora—a sombra idolatráda!...

VII

éra uma insania béla, uma insania não vista,
a que a egreja, o teátro, o prestigio, o *mysterio,*
—nimbávam de uma luz bizarra e *cabalista!*

VIII

Agachado n'um canto, o olhar parádo e aéreo,
—tendo ás vezes na fronte um papelão doirádo—
assim via eu passar o cortejo sidéreo.

IX

—Passava a cortezã de topete erriçado:
—a jovem virginal, de bandós côr de mel:
—a matrona imperial, de pizar cadenciádo.

X

—Umas, cheias de pós, rodeavam-me em tropél.
—Outras, meigas sorrindo, enxugavam-me a testa.
—Outras rasgávam d'ais o Céo mudo e cruel.

XI

Eu porem nada via.—Esta ancia atroz que créstа
cá dentro o coração, eu nunca a proclamava.
—Muda era a minha voz, muda a paixão funésta!

XII

—N'uma ancia passional, o braço aos céos alçava.
—Simulava enterrar um ferro crú no peito.
—De joelhos caía... e apoz, múdo chorava.

XIII

D'esta mímica o horror filtráva um tal efeito,
que a Princeza Real que me viu, desmaiára,
—e com fébre, depois, recolhêra-se ao leito.

XIV

A' sua proteção augusta, excelsa, clára,
é que eu devo o sair d'esse *Maelstrom hediondo*,
—d'essa *Babel do horror*, onde ai de mim! rolára!...

XV

A reclusão bestial n'esse Inferno do estrondo,
das risádas, dos ais, dos úrros, dos latídos,
—devo eu ao Lára vil—a esse *chacal redondo*.

XVI

Como o meu triste mal não causáva prurídos,
nem rixas, vexações, agrávos, nem contendas,
—deixaram-me ir em paz... exalar meus gemidos...

XVII

O teátro onde colhí tantos troféos e prendas,
—*palco do meu triunfo e a minha vil baixeza!*...
ardêra ha tempos já.—Restávam lixo e fendas.

XVIII

Fôra outr'ora um mosteiro.—Em toda a redondeza
não havia talvez mais lirica paiságem,
com seus môrros alem... silencio... ideal tristeza !

XIX

Ali eu me ocultei.—Ali, sobre as relvágens,
vendo chorósos sóes... entre pedras musguentas...
eu erráva a evocar mil fórmas, mil imágens !...

XX

Colúnas... capiteis .. architráves poentas...
alva corníja á lua... uma extensa arcaría...
escadórios, balcões, outr'ora náves bentas...

XXI

todo este mixto emfim d'herva e ruinaría...
de mystico e teatral. . de sagrado e profano...
—acordava em minh'alma uma austéra poesia !

XXII

O recoveiro, o escól, o arcipréste, o profano,
aterrádos, seu passo apressavam por vezes,
—vendo eu gesticular... *múdo, sósinho, insano.*

XXIII

Tal mímica do horror, da angústia, dos revézes,
com os géstos teatráes dos heróes infelizes,
—assombrávam, pelo êrmo e o extranho, os camponezes.

XXIV

Ruina êrma ao luar!—Santos, sobrepelizes...
capiteis, torreões, batistérios, altares...
colunátas, florões... tudo hoje ervas, raizes...

XXV

cantos d'orgão, sermões, sálmos, véstes talares...
bailarinas, canções, magnésio, gargalhádas...
—por tudo isto eu roçára e fugíra aos meus láres!

XXVI

Uma noite que errante... á lua, entre as arcádas,
eu, cedendo ao *meu mal*, evocava, altas horas,
a alma de Teodóra... as mãos hirtas e alçadas... (1)

XXVII

como é que o narrarei?... As palavras sónoras
não pódem traduzir a *aleluia encantada*,
em que se ouvem trinar milhões de aves canóras!...

---

(1) Os *Espiritistas* asseguram, unanimemente, que se póde evocar o espirito d'alguem, ás horas tardas em que o seu corpo está adormecido.

XXVIII

Ao pé d'uma colúna alvacenta e truncáda,
um vulto ha muito estava imóvel e transído,
—a face côr de jaspe em lágrimas laváda.

XXIX

Com um garbo real, seu lutuoso vestido
arrastáva no sólo, entre as frias hervagens,
—o olhar porem, no chão, craváva-se dorido.

XXX

O' fórma sem rival! Imágem das imágens!...
se eu não conheceria—inda louco e sem tino!—
mesmo... n'aquelle horror... meu altar de homenágens!...

XXXI

Se eu não conheceria esse pudôr divino...
esse divino andar, esse olhar mysterioso...
púdico e ao mesmo tempo extranho e adamantino?...

XXXII

Teodóra!... exclamei... e um pranto, todo gozo,
me rolou pela barba e a face macilenta...
e um soluço abalou o meu peito radioso.

XXXIII

—Êla a mim veio então, tropêga, arfando, lenta,
ergueu do chão o olhar brando de languidez,
e com a voz, o gésto, um tom que não se inventa...

XXXIV

bradou, rasgáda d'ais, como n'uma viuvez:
Perdóa meu Leandro... heroico rei Fingal...
—à tua vil Cativa arrastáda a teus pés!

A MINHA NOITE DE NOIVADO

Cáem as sombras tôrvas na Capéla.
Rebúscam o palácio... Onde está Ela?

I

—O' flor da larangeira, ó flor da larangeira !
meu symbolo ideal de casta virgindade,
certa noite em ti li minha existencia inteira.

II

Branca e cheirosa flor ! com que doce ebriedade,
o momento aguardei da noiva, *palpitante*,
—sob os teus mil botões, córar, com *suavidade !*...

III

Mystica e alva flor ! a minha rósea amante
coráva que *eu bem ví !*... mas tão languidamente...
tão trémulo batia o seu peito *arquejante !* ..

IV

Mimosa flor nupcial ! ao rôxo sol poente,
quantas vezes a viste errar, contemplativa,
—a regar seus jasmins e orchídeas, lentamente ?...

V

Pequena flor gentil! que vezes pensativa,
não viste a minha noiva olhar nuvens errantes. .
—talvez pensando em mim, aérea sensitiva!

VI

Esbelta flor cheirosa! as suas mãos galantes
quantas vezes não viste a enastrar seus cabelos,
—com myosótis azues, aos sóes agonisantes!...

VII

E agora tu váes vêr seus enleios mais bélos!
—Váes vêr—a um e um—tombar os seus vestidos...
Vaes vêr o alvo marfim de que o marfim tem zêlos!

VIII

Vaes ouvir, ó flor casta, os seus brandos gemidos,
suas queixas, *seus ais*, *os seus ternos lamentos*...
que hão de fazer córar os jasmins esmaecídos.

IX

Que extranhos, celestiaes, que radiósos momentos,
serão esses *subtís*, *deleitáveis instantes*...
em que do seu cabêlo os aneis opulentos...

X

afastando p'ra traz seus dedos com brilhantes,
rósea, toda pudôr, alva, trémula, núa...
—sua carne embrulhar em rendas flutuantes!

XI

Lyrica e amena flor ! acáso a cutis tua
é mais branca que a tez da minha noiva amáda,
mais rija que essa carne aonde o sangue estúa ?...

XII

Não é, clamáva eu. — E em hora tão mimáda,
arranquei um botão d'essa flor melindrosa...
e um pranto me rolou da pupíla queimada.

XIII

Por que foi esse pranto, ó branca flor mimosa ?...
Porquê, n'essa hora ideal de uma *aleluia infinda*,
a Dôr riscou meu céo com áza lutuósa ?...

XIV

Porquê -- quando a estreitei a mim, esbélta e linda,
quando junto ao seu peito o meu tambem arfáva,
essa lágrima veio aziága e malvinda ?...

XV

Porquê, quando de rôjo, ante o Cristo ajoelháva,
no instante em que essa flor tirei do seu vestido,
e com ancia a levei á boca que era láva...

XVI

quando secrétamente a beijei comovído,
esse pranto rolou, rolou, aziágamente...
pelo meu rosto cávo, adusto, emagrecído ?

XVII

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

XVIII

Na noite em que de chófre, ante mim, de repente,
seu vulto ví surgir das ervas das ruinas,
minha razão sofreu um abálo veemente.

XIX

E o abálo me salvou. — Com as mãos pequeninas,
Éla cicatrisou minhas chágas hiantes,
e em minha alma entornou jasmins e balsamínas.

XX

Mas quando emfim sarei e as visões cruciantes
me deixáram de todo, e o Pensamento aládo
de novo alçou ao Amor seus vôos radiantes...

XXI

e *baixo*, *baixo*, *instei pelo nosso noivádo*...
Éla bradou-me triste, a meiga voz tremida,
e seu mimoso peito árfando alanceádo :

XXII

—«Fiz um voto cruel n'uma hora bem dorída,
«á minha mórta Mãe, ante o altar da Capéla
«da grande *Virgem Negra* em marmore esculpída,

XXIII

«de jamais, de jamais, deixar de ser donzéla,
«*por que o Amor é o Páe de monstros e de féras*
«*no Universo feroz*. — Assim pensava Éla.

XXIV

«Não sei até que ponto estas frases tão féras
«de Shopenhauer são certas ou verdadeiras.
—Quanto a mim—ai de mim !—eu julgo-as bem sevéras.

XXV

«Amo-te e resistí dias, noites inteiras,
«a este amor latente, o qual me combustáva,
«e volvia do Inferno ás vizões mais fagueiras.

XXVI

«Punge-me o mal que fiz. — Já que sou tua escrava
«tua esposa serei. — Mas dos terriveis Láras,
«—téme, téme, infeliz, uma vingança ignáva !

XXVII

«As suas almas são tão ruins como aváras,
«tão crueis, tão chatins, que eu nútro o terror sério
«que tramem contra ti suas perfidias ráras.

XXVIII

«Portanto, este consórcio, á luz do bom critério,
«deve ser alta noite, a ocultas, celebrádo,
«no silencio, sem fausto, em sombras, no mystério...»

XXIX

—E assim foi. Assim foi. — No recinto sagrádo,
ao dar da meia noite, um capelão sisúdo
nos uniu ante o Altar á Virgem devotado.

XXX

Mas um sucesso atroz — bem imprevisto e rudo ! —
marcou com tôrvo agoiro esta hora afortunada,
e a espinha me transiu n'um arrepio agudo...

XXXI

Foi que o bom capelão, depois da benção dada,
quando ia a encaminhar-se a sacristía antiga,
a fim de autenticar a dáta assinaláda...

XXXII

caiu de chofre ao chão, como se uma inimiga
móca, ou clava brutal, o abatesse selvagem,
—como a aza do *simun* açoita e dóbra a espiga.

XXXIII

Da extranha *Virgem Negra*, a terrivel Imagem,
o seu braço direito — arcano bem profundo ! —
caiu-lhe sobre o craneo e o esbarrondou na lagem.

XXXIV

Portanto, este consórcio, este enlace, no fundo,
se éra válido e puro ante os olhos do *Altissimo*,
—éra irrito, ai de nós ! no conceito do mundo.

XXXV

Da minha noiva o rosto enturvou-se tristissimo.
Mas quanto a mim confésso... apoz o horror primeiro...
—para a alcôva noival a guiei radiosissimo.

XXXVI

Foi no alto torreão do solar altaneiro,
que Éla fiséra armar o frouxel doce e quente
do meu ninho nupcial de dulcissimo cheiro.

XXXVII

Este alto torreão éra voltado ao Oriente,
nas celestes regiões das estrelas e as áves,
que palpitam, chilrando, á meiga luz nascente...

XXXVIII

Alí, pérto do Ceo, deviam ser mais graves
as queixas musicaes das folhas e os regátos...
nas mil lamentações dos poentes suáves...

XXXIX

Os ais dos rouxinóes deviam ser mais grátos...
mais macios tambem os plenilunios castos...
e os senários do Céo terem mais aparátos...

XL

Apenas penetrei nos aposentos vastos,
fui apagando a luz das brancas serpentinas
emquanto Éla soltava os seus cabelos bastos...

XLI

Oh! como é dôce a luz das frouxas lamparinas...
uma leitenta luz de luar entornando,
n'uma alcôva noival, branca, de rendas finas!...

XLII

Quando esta frouxa luz raiou, como avisando
que outra lua d'amor pelo meu ceo rompía,
e uns braços divinaes me estavam aguardando...

XLIII

entrei, pé ante pé, cáuto como um espía,
trémulo o coração, a alma toda azulina,
—o sangue tempestuando, a mão pálida e fria...

XLIV

Suávemente entrei, á luz casta e opalina.
O mais *mysterio* só... *mysterio* archi-fagueiro...
—mysterio como um céo em concha pequenina!

XLV

....
....
.. ..

XLVI

Mas que horror! Mas que horror!—Ao frouxo alvôr primeiro,
eis que extranho, ao acordar, da minha noiva a ausencia,
—e o vácuo, no local d'ella, no travesseiro.

XLVII

Levanto-me surpreso, hirto, doido, em demencia:
percorro a alcôva toda e enxérgo no tapete
uma flor de laranja, alva flor de inocencia...

XLVIII

Decerto que caiu, — brádo, — do seu corpete!...
Decérto que rolou do seu branco vestido,
do diadéma noival ou o gentil ramalhete!...

XLIX

Sáio da alcôva aflito e outro botão caído
sobre um degráo me indica o regresso á Capéla,
onde ha pouco se déra o sucesso aborrído.

L

Desço a escada, em roldão, empunhando uma véla,
e defronte do altar da *Virgem Negra* austéra,
—branca, expirava em sangue a minha noiva béla.

LI

Mal me viu expirou. — Dir-se-hia estar á espéra
dos meus olhos a fina e extranha noiva amáda,
para o espirito alçar á cristalina esféra.

LII

Jazia sobre o chão... toda em sangue alagáda...
e no emtanto não ví nenhum punhal, nem gúme,
revólver, ferro, adága, ou cruciante espada!...

LII

Que mystério infernal.— Que satanico nume
perpetrára na sombra a tragédia execrável,
que raiáva do horror o apogeu e o cúme ?...

LIII

Que magnetismo atroz, que atração inarrável
a arrastára até ali, a horas tão temerósas ?...
—Que mysterio, que horror, que enigma indecifravel ?...

LIV

Seu cabelo real—mais negro que as lutuósas—
desnastrádo pendia em seu vestido branco,
—tal como abáte a Noite as ázas silenciosas.

LV

Soltei um grito rouco, um brádo, um surdo arranco,
que estrugiu no palacio e retumbou no espaço,
como ruge o leão metralhádo no flanco.

LVI

Depois lancei-me á porta e com rábido braço,
n'um impeto, a arrombei, com dois sacões valentes.
—e o meu pulso dir-se-hia uma alavanca d'aço !...

LVII

Saltei no meu corcel que um d'entre os meus serventes
na escuridão guardava, e, a toda a franca rédea,
cavalguei-o a chorar, rugir, rangendo os dentes.

LVIII

—Mórta ! clamava eu. Justiça a tal tragédia !
Mórta ! clamava eu, correndo á desfilada,
qual lendário campeão da velha Edade Média.

LIX

Mórta ! clamáva eu, com a cabeça airáda,
supondo-me um fatal heróe de vil bruxêdo,
correndo n'um funesto ambiente de baláda.

LX

Mórta ! e a gesticular no meio do arvoredo,
eu via o seu vestido elegante e candádo,
o seu cinto... o seu véo... o meu anel no dedo...

LI

Mórta ! e a recompôr todo o terno passado,
via-lhe a c'rôa ideal da flor da larangeira,
a sua branca alcôva .. o violíno... o bordádo...

LXII

Mórta ! e a reconstruir a nossa vida inteira,
via ao longe inflamado em luzes o alcaçar,
d'archótes aos clarões.—Dir-se-ia uma fogueira.

LXIII

Mórta ! e ao raio, á chuva, ao vento, a galopar,
eu via o negro leito heraldico e as cortínas,
as camélias... o espelho... o piano d'Erard...

LXIV

Mórta ! e eu via a Capéla e o meu sonho em ruinas,
eu via Ela córar ao meu menór desvélo,
e tremerem, na minha, essas mãos pequeninas...

LXV

Mórta ! e eu via sempre, assim qual pezadello,
—desde a cabeça aos pés, como um comprido lúto—
sempre esse negro mar, *sempre*, do seu cabêlo !...

O MEU PROCÉSSO SINGULAR

Lá nas sagradas lagens reclináda,
no sangue a vejo sim !... Mas onde a Espada?...

I

Meu cavalo voáva, espumante, nervoso,
ágil, rápido, ao ráio, á chuva, á ventaneira,
rinchando, ilhaes em sangue, em flécha, impetuoso.

II

O meu pranto roláva e em bágas me caia,
e o meu cabelo, ao vento e á chuva sacudido,
fustigava-me a fáce o Aquilão que mordia.

III

Pela terceira vez do alcaçar repelído,
pela terceira vez, no palacio esmagádo,
voáva, em meu caválo, ao vento, espavorído.

IV

—Mas d'esta vez, então, voáva esguedelhádo,
como um homem que cáe do alto Azul que cubiça,
ao fundo de um caixão de pinho marteládo.

V

Aonde voáva eu? — Eu voáva á Justiça.
Justiça, ó vã palavra! ó fátua e vã quiméra,
como um luar azul em sanguenta carniça!

VI

O que foi que ocorreu? — Fui preso como a féra:
preso tal como a hyéna, a errante carniceira,
que desenterra um morto alta noite e o lacéra.

VII

Fui preso. — E os Láras vís, com sanha bandoleira,
fiséram-me encerrar entre varões e grádes,
com torpes suspeições — fráses de ribaldeira.

VIII

Em ferros súbe então, com tristesa e saudades,
que vivêra inda um pouco e expirára a *cordeira*
sem falar, no outro dia. . ás horas das trindádes!

IX

Ousáram enlamear d'uma ignóbil maneira
o seu nome, ai, de mim! — e atiraram-no á lama,
como desfólha um lyrio, á chuva, a aventureira!...

X

Não podendo apagar do meu talento a chama:
disséram que eu matára a minha noiva — e a *morta*
violára depois. — Que abominável trama! —

XI

Mas a Verdade augusta a alma do bom confórta !...
Éla é que dá ao justo a intrépida firmesa,
—contra a qual o impudôr dos malandrins abórta !

XII

Foram os Láras vís—modelos de torpeza —
que ousáram esvurmar essa mentira horrenda,
—que faz córar a alma e peja a Natureza.

XIII

Com essa infamia mais, penetráram na senda
do escandalo, a ignomínia, o labéo que lacéra,
—contra esse corpo lindo e mais fino que a renda !

XIV

Mas não sábem que férro a minha alma tempéra !
Não sábem que a *Vontade* esmága como o málho:
—é maleável como o áço e tenaz como a héra !

XV

Oh ! quem viu o que eu vi ?... Quem ouviu o assoálho
das cousas mais chués ?... Quem viu espostejáda
—essa carne gentil, qual cordeira n'um tálho ?...

XVI

Quem não chorára assim... com a face alagáda...
como eu... junto da meza... onde um ferro crúento,
—retalhava, sem dó, uma carne amimáda ?...

XVII

Mas eu jurei então com um horror ciumento,
em frente d'essa meza—estranguládo d'ais—
—revoltádo de horror, de mágoa, de tormento...

XVIII

que eu faria a defeza, em pé, nos tribunaes,
d'um modo virginal, sóbrio, púdico, cásto...
—qual ninguem nunca víra ou ouvira jamais!

XIX

Passarei em silencio esse estendal já gasto
de insidias contra o meu *sacrilégio* violento:
—tão infundádo ai! e tambem tão nefásto!...

XX

Passarei em silencio o atroz descaramento
dos dois vilões que eu dei por testemunhas nossas:
—e que hão negádo até o oculto casamento.

XXI

Passarei em silencio as invetívas grossas
dos Láras, contra mim... salariando bandos
de carreiros, espiões, e até sérvos de róças.

XXII

Passarei em silencio os seus protéstos brandos
de angústia e de isenção... com ráro previlégio
—de fazer gargalhar os maráos mais nefandos.

XXIII

Passarei em silencio o delegádo régio,
seu riso encantador... sua caixa de prata...
—o seu tom assoprádo e o seu vão florilégio.

XXIV

Passarei em silencio a sua ária ou cantáta:
seu lenço almiscarádo... o seu garbo gentil.
—rogando á Lei o gladio ou o corisco que máta!

XXV

Passarei em silencio essa protérvia hostil
do Juiz que clamou que eu—*pádre excomungádo,*
fôra um réles histrião... e assassino subtil.

XXVI

Passarei em silencio o meu proprio advogádo,
que disse cousas taes... tão chárras... escabrósas...
—que fariam córar galdérias de tabládo.

XXVII

Defendeu-me, dizendo inépcias horrorósas:
e clamou que não fôra esfolháda em Agosto
—a flôr que o fôra em Maio... o gentil mez das rosas!

XXVIII

Uivou como um possesso e com gráve desgosto
da minha alma, afirmou, com filaucia insolente,
—que o *sangue azul* da noiva éra ardente qual môsto!

XXIX

Citou damas gentís da Veneza ridente,
mascarádas, ao luar, em gondolas, á espéra
do págem de arrabíl e da *guzla* gemente.

XXX

Falou de barbacans e torreões d'outra éra,
de embuçádos fataes, por tárdas horas mortas,
dando saltos mortaes, no ar, como a pantéra.

XXXI

Do seu discurso á luz macilenta, as retórtas
tinham fôrmas fataes e verdes como a héra...
rechinávam punhaes... viam-se fechar portas...

XXXII

Citou Mónaco, a Italia, a Fredegonda féra:
punhaes vís, alçapões, orgías de vituálha:
—com mil tóchas de cêra e cristaes de Baviéra.

XXXIII

Citou Bocácio ainda... e em rouca voz de grálha,
as damas de Florença, altas, de cólo nú,
—atracando histriões com saiótes de málha.

XXXIV

Citou Moral, Direito, o Digésto, Manú:
baralhou o latim, o grego, o hebráico, o ibérico:
—o *Código Penal* e a Historia de Cantú.

XXXV

Que palavreira atroz! — Eu estáva cadavérico,
verde de confusão... aturdído... vexádo,
da insensatez vilã do libélo quimérico.

XXXVI

Segundo o inhábil tom do seu arrasoádo,
a minha noiva fôra, alta noite, ás ruinas:
—e em vez de a violentar... fôra eu violentádo!

XXXVII

Que grotesco e soêz! — E éra entre damas finas
que o meu patrono ousou tracejar, inimigo
de atenções femenís, scenas tão libertinas!...

XXXVIII

Não me contive mais. —Não pude mais comígo. —
Levantei-me a espumar :—e vi olhos anciósos
de ouvir orar, de novo, o prégador antigo.

XXXIX

O juiz disse então — Estamos todos curiósos
de ouvir—por sua vez—desagravar-se o réo
—de acusações ruins e apódos afrontósos.

XL

Ergui a voz então, alçando o olhar ao Céo :
(e na sála se fez cáva mudez funésta,
como alta noite, apóz um sino que tangeu.)

XLI

«E bradei : — Vou rugir a emoção que protésta,
«contra a lingoa vilã da Maldade e a Mentira:
—«que ousou aqui laivar uma *mulher honésta !*

XLII

«A Sombra d'esse Ser inefável me inspira !
«e me ordéna que cite, ante a barra do *Altissimo*,
«—quem bólsa infamias taes, o escandalo por míra !

XLIII

«Repílo insidias táes—O Ente distintissimo,
«A Essencia de eleição, tão cásta em seus recátos,
—«não póde salsujal-a um libélo odiosissimo.

XLIV

«Mal hája quem maldiz. —Mal hájam insensátos
«processos bem chués do enxoválho que ofende:
—«que se afoitam a vir cuspir táes desacátos !

XLV

«Mal hája ao orador que em tramas vís se prende:
«e que, sem pejo, esvurma uma peçonha víl,
«—no cadáver de quem, mórta, não se defende !

XLVI

«Que a sua campa seja assim como um canil,
«e a cóva que lhe encúbra a carcassa aos virótes,
—«seja o ninho da cóbra ou da hyéna o covíl !

XLVII

«Terei mais timbre em ir, no meio dos galeótes,
«remar para as galés—cem annos infamádos—
«que vêr-me livre e são, salvo por taes dichótes.

XLVIII

«Agora, quanto a mim — ouví homens togádos! —
«Não me defenderei.—Fará minha defeza
«esta flôr tão gentil de estames delicádos.

XLIX

Dizendo isto... arranquei, com mimo e subtileza,
alva flôr de laranja inda presa ao vestido,
—da minha *noiva morta*, exposto sobre a meza.

L

Fiz isto grave e triste. — O meu tom compungído,
depois da atroz censúra ao meu néscio advogado,
causou assombro intenso, humano, enternecido.

LI

Calmo, erécto, de pé, a flôr no punho alçádo,
com um sorriso triste e angustioso no emtanto,
—na flôr, mostrei ao juiz, um *ponto ensanguentado*.

LII

E lento, assim bradei, entre o silencio e o espanto:
«—Alva e lyrica flôr, sê minha testemunha,
«n'este processo inf'liz de mystério e de pranto!

LIII

«Já que o máo Fádo quiz que, sem culpa nenhuma,
«me enlaivem como réo de uma bestial gafeira:
--móstra a inocencia, em mim, mais alva do que a espùma!

LIV

«Sê minha testemunha, ó flôr da larangeira!
«jà que aquêles que hão visto o enláce na Capéla,
—«négam-no, quaes vilões dignos de gargalheira.

LV

«Vamos! próva melhor que a falácia e a loquéla,
«que Theodóra deixou seu lúto imaculádo,
«p'ra se enlaçar a alguem.--A próva é bem singéla.

LVI

«Tua presença aqui, n'um trajo de noivádo,
«depois d'Éla rasgar seu tão perpétuo lúto,
--«não próva acaso assás um enláce sagrádo?—

LVII

«E quem foi que seu peito, outróra irresoluto,
«amáva com paixão agora—e com ardencia,
«e um tão precláro amor como outro não repúto?...

LVIII

«--A quem sagráva Éla a sua alma e existencia?
«--A quem foi que velou mil noites doentías?
«—A quem foi que salvou da loucura e a demencia?

LIX

«O noites passionaes, ó noites de ardentías!...
«de ardentías de fébre... e sonhos dementádos,
«—quem vos déra ter hoje, em vez de tão máos dias!

LX

«Agóra nárra mais a estes varões togádos:
«que a mim absurdo é coimar-me de assassino:
—«a fim de profanar bens, *por amor* só dádos!...

LXI

«Dizem que resistiu-me e em casto desatino,
«fugiu, n'um alvorôço honesto e perseguido:
«a fim de se evadir ao meu ardôr tigrino.

LXII

«Néga isto, ó casta flor, que achei presa ao vestido,
tal como n'um saráo — *corrécta* — e a minha amáda
«em que nada se achou magoádo ou contundido.

LXIII

«A flôr da pudicicia... a flôr meiga e mimáda...
«não m'a deu o espumante arranco do assassino.
«—Deu-ma o mimo e o pudôr. Deu-a o Amor, não a Espáda.

LXIV

«Assassinar porquê? — Pelo roubo mofino? —
«Sou rico, e de ambições fui sempre fálho e isento.
—«Nunca corsário fui. Desdenho o Oiro e o Destino.

LXV

«E agora próva mais — alvo botão sanguento—
«que tu sendo, qual és, tão *bréve e pequenino,*
«tens uns laivos aqui d'esse sangue cruento.

LXVI

«Mas como ocórre então, que a mim, réo e assassino,
«ninguem poude encontrar-me uns laivos sanguinosos
«de uma sangueira tal ? — Eis um favor divino ! —

LXVII

«Mudaría eu de tráje ? — Oh ! não ! Angustiósos
«instantes devorei, légoas, frágas caminhos,
«voando a dar á Lei pormenor's horrorósos.

LXVIII

«Soluçando, corrí entre hervaçaes maninhos,
«recordando esse amor caricioso e inocente,
«que eu passei, ao seu pé, ouvindo os passarinhos !...

LXIX

«Portanto, se o seu sangue assim correu fluente,
«ficando eu limpo, e tú com trez manchas apenas :
«— se a não matáste tú — *cérto eu estou inocente !*

LXX

«Acabei, alva flôr. Pairo em regiões serenas.
«Tu demonstráste bem a uma Justiça tórta,
— «como as mil trícas vís dos homens são pequenas !

LXXI

«Tua presença aqui foi-me útil e confórta.
«Tú arrasaste as vãs semrazões dos doutores,
«— branca e pequena flôr da minha *noiva mórta !*

LXXII

Logo que me sentei, mil brádos, mil clamôres
e aplausos de emoção retumbaram na sála :
— brancas mãos femenís me juncáram de flôres.

LXXIII

O juiz fez calar tal celeuma e com fála
de romano pretor, e com sobrôlho austéro,
— assim me interpelou com tramas de cabála :

LXXIV

«—Quem supõe pois que fosse esse homicída féro,
«que violou a inf'liz, depois de chacináda,
«toda, n'um *mar* de sangue ? — um *mar*, não exagéro.»

LXXV

Do banco levantei-me e com a voz turbáda
pela ira e a indignação—fitei de frente os Láras—
e assim lhe retorquí, a mão hirta e espalmáda :

LXXVI

«—Sei d'uns casos bestiaes, sei de umas cousas ráras,
«que a minha noiva quiz que eu me inteirasse outróra,
«—e eu vou préstes aquí expôr a limpo e ás cláras !

LXXVII

Mas quando eu ia a expôr, com rija voz sonóra,
alguem lançou na sala—em voz baixa e espaçáda—
de súbito esta fráse : — *Inda não é a hora.* —

LXXVIII

Volví de chófre o olhar, com a testa enrugáda,
buscando em róda o autor da fráse curta e lenta
—mas ví a sála toda espectante e *caláda.*

LXXIX

E a fráse repetiu-se. Então, minha alma atenta:
notou que a fráse extranha e em tom de quem exórta:
—*clamáva dentro em mim... como quem róga e alenta!*

LXXX

Pezei bem o seu timbre, e quanto a dôr compórta,
com calma e sangue frio, outra vez escutei-a:
—e distinguí, com pasmo, a de Theodóra, a *mórta.*

LXXXI

Votei-me ao sacrificio.—Extasiádo, a alma cheia
de infinda devoção pela *Mulher Radiósa,*
bradei : — Nada ouvirão. Condúsam-me á cadeia.

LXXXII

Mas o juiz urrou-me : — Então d'esta assombrosa
tragedia passional, diga como, na ermida,
dar-se-ia, — quanto a sí — essa morte assombrósa !

LXXXIII

«—Ninguem acusarei, respondí. — O homicída
«não me é dado apontar. —Mas foi com uma espada
«das sete que hão varádo a *Virgem Dolorósa*.»

LXXXIV

«—Mas que homem penetrou na Capéla cerráda ?
replíca inda o juiz. — Que é d'essa espada horrenda ?
«—Aonde o ferro, o gume, a lamina, a macháda ?»

LXXXV

Nada mais retorquí. — A findar a contenda,
com um ar bonachão, meu patrono, em remáte,
— róga clemencia á Lei e á Justica tremenda.

LXXXVI

Recorda ao juiz que fui, já no fim do debáte —
com lagrimas na voz, um pobre doido hystérico,
e que sou inda hoje : — um zóte, um triste oráte !

LXXXVII

«—E' um doido ! — exclamou. Um doido *mezentérico:*
«com a paixão sensual, mesmo das mais chués !...
«—Um doido não ha que vêr!...—Um doido bem quimérico!

LXXXVIII

Em vista do arrasoádo e da minha mudez,
o juiz, d'ar pomposo e grossa voz roncante,
deu-me por pena, o víl, vinte annos de galés.

LXXXIX

Saí, com a fronte alta e plácido o semblante,
no meio de uma plébe insultuosa e avinhada,
que me apodáva réo de um crime repugnante.

XC

Mas eu, sem a escutar, a vista errante e airáda,
gemía dentro em mim:—*Lá nas sagrádas lágens,*
no sangue a ví eu, sim! Mas onde já? a Espada?...

Nota. A singular *defesa da flôr de larangeira*, feita pelo réo no seu processo, não déve sómente ser tida como uma defeza casta e delicáda: mas tambem arrasoáda com rigor. Apesar de ser original é engenhósa, e lógica máo grádo o ser subtil.

De facto: se a flor se achâva presa ao vestido de núpcias decerto, tinham-se celebrádo núpcias:—se as núpcias se haviam celebrádo espontaneamente, deveria ser com o réo, objécto ultimo dos disvélos da vitima:—se a flor se achava *correctamente posta*, como n'um *saráo*, não houvéra tal desfloração:—se o réo é que fôra o homicida, como é que não ficára intacta do sangue uma flor tão pequena, ficando imaculádo o assassino?... Mudaría elle de trajo? Não: pois corrêra imediatamente á Justiça, n'um galópe desenfreádo.

EM QUE AS PÉDRAS CLAMAM

Se estes homens se calárem, as pedras clamarão.
Dico vobis, quia, si hi tacuerint, lapides clamabunt.
S. Lucas. XIX. v. XL

I

Sabeis como tortúra o enigma do *Mystério*?
Sabeis como nos mórde e róe tyranamente ?
Sabeis como verrúma o intelécto e o critério ?

II

Sabeis como atribúla a alma do inocente ?
Sabeis o que é que são vinte annos de grilhêta ?
Sabeis quanto nos róe vêr esse Espétro em frente ?

III

Sabeis quanto é atroz vêr os graõs da ampulhêta
roubar-nos, um e um, riso, ardôr, mocidade:
e sempre o *Enigma* alí... sempre essa Sombra preta ?

IV

Pois assim eu sofrí.—Vinte annos, sem piedade,
a verrúma infernal da sangrenta Charáda
me roeu. . me roeu... me avelhantou na edáde.

V

Verrumou tenazmente o meu cérebro e a ossáda,
com esta obsessão—*atroz como a loucura*—
Quem matou a Theodóra? Aonde jaz a Espada?

VI

Mal supuz no hospital dos loucos—n'essa escura
tréva e inferno do horror—que inda algum dia houvéra
de descer inda mais na Ignominia e a Tortúra!

VII

E mal supúz tambem, nas galés—n'essa esféra
do Cynismo e a Abjecção—que eu não vira a amaréla
hora de mêdo horrendo e o suór que desespéra!

VIII

Ai! eu vía-a afinal.—Chego, leitor, aquéla
crise da minha vida agitada e angustiósa,
—que a voz me faz tremer e sêca põe-me a goéla.

IX

Vou narrar como foi.—A tragédia espantosa
julgára-a finda já, quando, *a pena cumprida,*
—ví, de novo, o *alcaçar* e a fachada ruinósa.

X

«Lá está a torre alta... a torre carcomída...
«cheia d'hera tenaz... os lichens das ruínas...
—disse eu, onde abracei a *Fórma estremecida.*

XI

Lá estão, no Azul amádo, as airósas colinas,
onde a vi a caválo, a doce vez primeira,
—e uma outra em que beijei-lhe as mãos brancas e finas!..

XII

Lá estão tambem, sorrindo, a acácia e a amendoeira,
entornando alvas flor's, nas agoas correntías,
—e o alegre lavadouro, ao sol, da lavandeira !...

XIII

Eis a máta ancestral de bástas ramarías,
onde eu passei com Éla as horas religiosas
—das mil deleitações... pelas lúas macías!...

XIV

Só não vejo os chorões e as dáhlias gloriosas,
e o sedoso capim das orvalhadas ervas,
—onde vinha bordar, pelas tardes leitósas!...

XV

Cuido inda lobrigar duas das velhas servas,
pela hórta, arrastando as tamancas taxeádas :
e ás estatuas feudaes... as Júnos... as Minervas.

XV

Teem mil mutilações e os narizes quebrádos...
O tanque cheio está de folhagens limósas...
As bícas mostram sêde... azulejos rachádos...

XVII

«Na janéla do Sul, de cortinas fumosas,
«lá está da bibliothéca a velha sála austéra:
—«onde Éla vinha lêr, pelas noites pluviósas!...

XVIII

«A sua face, então, solarenga e sincéra
«tinha esse augusto ar de atenção e recáto,
—«das damas do Brabante, em salões d'outra éra.

XIX

«Eis, com ranço e bafio, emfim todo o aparáto!...
«Só, na torre noival, vém a Lua, altas horas,
«—de lampada, e de branco, espreitar seu retráto.

XX

Assim transía eu, nas solidões sonóras,
a minha angustia, ao vêr a face escalavráda
d'esse velho alcaçar... sem faunas e sem flóras...

XXI

Todas as noites ía, em roda da tapáda,
—quasi sem cáça já—recordar tempos ídos:
—reacender os tições da minha alma engelháda!

XXII

Mas, n'uma noite atroz... dois vultos escondidos,
arrojáram-se a mim e amarráram-me os braços:
—tal e qual como é praxe em lendas de bandidos.

XXIII

Fizéram-me descer, com estugádos passos,
carunchosos degraos... aos clarões de uma véla...
fumósa, n'um ar frio, extranho, d'écos báços.

XXIV

Quando acabei emfim de descer toda aquéla
escada que eu supuz a lómbada do Abysmo:
—encontrei-me, por fim, na vetusta Capéla.

XXV

Ao centro um tribunal—Ah! quando, hoje, em tal sísmo
os cabêlos, em pé, se me erriçam, geládos:
—e esfría-me um suór, como n'um cataclismo!

XXVI

Presidía a uma mesa escura, ornamentada
de um Cristo gigantesco, o mais velho dos Láras:
—aquêle cuja vida éra mais torpe e airáda.

XXVII

Alguns outros tambem empunhavam as varas
da Justiça—irrisão!—e os mil clarões das tóchas
punham laivos de sangue em suas rúdes caras.

XXVIII

Dir-se-iam lobos máos que descessem das rochas:
acossádos da fome, o frio, ou da inverneira:
—ou toireiros bestiaes aguçando garróchas.

XXIX

Ia julgado ser pela familia inteira.—
Como em tempos feudaes, armavam-se em juizes
os Láras—A balança atirada á enxurdeira.—

XXX

O velho Lára, então, com gestos infelizes,
alpéstres, buzinou, com uma voz tonante:
—como um clarim que espanta as frageis codornizes.

XXXI

«—Nós, os Láras a tí, *padre maldíto e errante*,
«mandamos-te, por Deos! que confesses o impúro
—«sacrilégio, homicidio, e estúpro repugnante.

XXXII

«Não procedendo assim, com ar contríto e puro,
«condenamos-te a sêr — sem remedio ou perdão —
«vivo, entaipado aquí, entre os mórtos, no múro.»

XXXIII

Que impiedáde feroz!—Com angustia e aflição,
olhei em róda... e ví os archotes roxeados...
—enturvando este quadro atroz da Inquisição.

XXXIV

Mas, no meio de cem sinistros mascarádos,
dois d'elles enxerguei sem mascara:—os sicários,
testemunhas venaes — dos Láras salariádos.

XXXV

Alcei a voz e disse:—«Emprázo estes falsarios
a que afirmem que hão visto o enláce na Capéla:
—por Deos! por Cristo! os Sóes! os Astros! os Sacrários!»

XXXVI

«—Juramos não ter visto.—Eis a resposta.—A éla,
um Lára alçou a voz, e clamou:—«O carrasco,
que cumpra o seu dever. Múre-o na sua céla.—»

XXXVII

Confesso que tal morte aterrou-me com asco,
repulsão, mêdo, horror... O algoz, impaciente,
empurrou-me, sem dó, com um selvagem chásco.

XXXVIII

Lutei com o algoz com músculo valente.—
Derribei dois ou tres... estrebuxei nas lágens...
—Desamarrádo já, debati-me fremente.

XXXIX

Mas nada me valeu.—Não póde haver imagens
que pintem a expressão dos meus olhos abertos,
com horror sem egual!... qual morto nas carnágens.

XL

Óra alongava em torno os meus olhos incertos:
procurando a evasão:—óra, com altos gritos,
suplicáva os chatins de mascaras cobértos.

XLI

Via-me já murádo e os meus olhos aflítos
lobrigávam o horror das trévas *infindaveis:*
—á fome, á sêde, ao frio, em meio de detritos.

XLII

Consegui levantar-me e espumando e arquejando,
com custo, articulei:—*Juro estar inocente.*
E o Lára regougou:—*Próva-o*—achincalhando.

XLIII

—«Intímo-vos, por Deos, mais o Cristo clemente,
«que a verdade digaes!—E encarei os falsarios
«que me haviam negádo alí, ignóbilmente.

XLIV

Ninguem me replicou—Vendo estes salafrários
múdos no seu desdem, vendo tão vís abórtos:
—uivei, alçando a mão sobre estes sanguinários:

XLV

—«Respondo como o Cristo aos Phariseos absórtos:
—«Já que vós, homens vís, caláes minha inocencia:
—«*clamem-na, por vós, estas pédras dos mortos!*—

XLVI

Disse isto, por diser, e quasi sem consciencia...
Sómente como alívio e como um desafogo
—ao inaudito atentádo e á inarráda violencia.

XLVII

Mas, mal eu terminei... *Como o narrar?*... Eis logo
houve um abalo enorme, assombroso, extra-humano:
—como se a antiga Tréva escutasse o meu rógo.

XLVIII

Toda a gente enfiou a tal motin insano.—
As campas se hão chocádo .. e ví pédras, nos ares,
virem matar, fendendo, os espiões do tyrano (1)

XLIX

Um vento não sei d'onde e dos mais singuláres
as luzes apagou:—e uma alva claridade,
pairou, mui semelhante á da Lua nos máres. (2)

L

Um suor me correu d'angustia e d'anciedade:
um terror me esfriou: as pernas se chocáram:
—que os *mortos*, a tal luz, transíam, na verdade!...

LI

Na tréva eu disse então:—«Como os vís se caláram,
«proclamando a inocencia e a justiça d'um réo,
«—as pedras se hão erguído, e, em vez dos vís, clamáram!»

---

(1) Tem-se visto d'estas violencias singulares dos Espiritos.
(2) Luz usual nas evocações.

LII

O Lára replicou:—«Não caluníes o Céo.
«Quem é que, a teu favor, a voz levanta ou fála ?...»
—Da treva, muito ao longe, uma voz disse:—*Eu*.

LIII

Um tremor sem egual os membros nos abála.
Toda a gente volveu os olhos para o escuro,
d'onde vinha essa voz.—A voz vinha da vála.

LIV

Vinha da campa chã, da parte opósta ao do muro
que me iría entaipar—da campa de Theodóra—
que um prodigio fendeu como um frúto madúro.

LV

E *Éla* estava de pé, de branco, como a Aurora:
a mão um tanto alçada, a figura serena:
—e um terno não sei quê que extasía e enamóra.

LVI

O Lara enlividou.—Ella diz: «Tenho pena
«ter de vir acusar *estes* que *foram meus*.
«—Mas a Verdade príma a convenção terrena!

LVII

«Por causa d'um incesto horrendo sob os Céos,
«por uma violação inaudíta e sem nome,
—«d'um irmão contra irmã—eu nasci, Grande Deos!

LVIII

«D'ahi, meu negro lúto.—A Morte que tem fóme
«insaciavel, resguarda ha muito os ossos frios
«da que foi minha Mãe e que hoje a terra cóme.

LIX

«Quando quinze annos fiz,—quinze annos bem sombrios!—
«minha Mãe, sobre o altar d'essa *Virgem Escura*,
«narrou-me o caso atroz que me faz calafríos.

LX

«E sobre aquelle altar constrangeu-me a esta júra
«—júra que faz lembrar os vótos d'outras éras—
«de nunca amar ninguem, de sêr virgem, sêr púra!

LXI

«Regou a historia então com lagrimas sincéras:
«e constrangeu-me a odiar o Amor como um tyrano:
«—*Monstro lindo e feroz, Páe de monstros e féras.*

LXII

«Aludiu minha Mãe a outro caso inhumano:
«Narrou-me que meu páe—páe que eu não conhecí—
«sucumbiu, por ardil, a um assassino insano.

LXIII

«Tudo isto que revélo assim fielmente o ouví.
«O assassinádo jaz em chão—rúde e maninho.
«Minha Mãe está no Céo—O assassino está alí.

LXIV

«E' o Lára.—E' aquele, o mais velho e daninho.
«E' este que encontrei, sempre astúto ou arteiro,
«—navalhando-me, sempre, em pé, no meu caminho.

LXV

«Na noite de noivado, Ele só, traiçoeiro,
«é que fez derribar esse braço da Santa,
«—que, tombando, ruiu o capelão, certeiro.

LXVI

«Aquêle que ali jaz e não mais se levanta
«é um d'esses espiões.—Vendido estava ao Lára
«e tudo denunciou.—Quem viu perfidia tanta ?—

LXVII

«Do meu noivádo inf'liz na noite horrenda e amára,
«dois d'estes espiões, ocultos na Capéla,
«pretendiam roubal-a... e eis se acham cára cára !

LXVIII

«Quando eu desci da torre, empunhando uma véla,
«—por minha morta Mãe *crendo ser perseguida*—
«ocultáram-se os dois, de novo, com cautéla.

LXIX

«E quando eu me matei, alucinada e ardída
«da febre, *e em mim cravei uma espáda da Virgem*,
«—guerreáram os dois em brúsca arremetida.

LXX

Lutáram, corpo a corpo, entre sí—na vertígem
da cubiça feroz dos meus ráros brilhantes:
—com o barbaro ardor dos barbaros na origem.

LXXI

«Mas um, tráva da espada, os olhos flamejantes:
«chacína o seu contrario, a face convulsáda:
«—uma lagem arranca e enterra-o em dois instantes.

LXXII

«Ide do morto vêr a carcassa crispáda!—
«Fendida a campa está, como a minha, e vereis
«—entaipáda tambem, ao pé, a *oculta espáda*.

LXXIII

«Eis prostrados, portanto, os trez entes crueis:
«os espiões servis d'este drama funèreo:
«—punídos todos tres por mysteriosas leis!

LXXIV

Aquí foi o seu crime e aquí seu cemitério—
O Réo está inocente. Ao pé do morto, a *Espada*.
—Eis do confúso enigma aclarádo o mystério.

LXXV

Em quanto aos Làras vís de execrável nomeáda
não os mateis, olháe.—Não lhes toqueis n'um dedo,
nem n'um cabêlo só, com lamina, ou machádа!

LXXVI

«A causa d'este aviso é oculto segrêdo.—
«—*Alguem* os quér punir, com rigor, na verdade.
«—*Alguem*, de cujo nome Anjos e Sóes teem mêdo.

LXXVII

Esse puniu-me já da iníqua leviandade
com que ultrajei o Amor.— A Força das alturas
é a excelsa, a imortal, a tremenda *VONTADE*.

LXXVIII

«Em vez de Força, Fé chamam-lhe as Escripturas.
«Força ou Fé faz amar, Virgens, Estrelas, Féras.
«E' quem faz estalar pedras das sepulturas.

LXXIX

«A alma, a rocha, a flôr, as plantas, as anthéras,
«tudo a faísca tem d'esta *Vontade* sã:
«que atráe mesmo Lusbel aos giros das Esféras.

LXXX

«No abysmo, Lusbel chóra a estrela da Manhã.
«Pela Vontade, aos céos treparão Bórgia e Néro.
«Satan amará Deos, Deos perdoará Satan».

LXXXI

Deos perdoará Satan—gemeu o éco austéro.
Deos perdoará Satan—disse o Lára corrúto,
abaládo, por fim, no seu coração féro.

LXXXII

Deos perdoará Satan—bradei irresolúto.
Deos perdoará Satan—chorar o algoz se atréve.
Deos perdoará Satan—tórna a Mulher de luto.

LXXXIII

Deos perdoará Satán—concluiu n'um tom bréve.
E deixando-me em pasmo... atónito... assombrádo,
agitando alva mão, esvaiu-se, no ar léve.

LXXXIV

Theodóra!—emfim chorei—honra e vída me hás dádo!
Bemdito o augusto Amor que estála e fende as lousas!
—*Tu hás vencido a Sombra!*... e caí, desmaiádo.

A MORTE DO CORVO

EPILOGO DO PROCESSO (1)

I

—Já sobre o caso atroz, doze annos são passados,
Doze vezes a néve ha coroádo os outeiros.
Doze vezes o Inverno esfolhou os valádos.

II

Doze vezes a chuva engrossou os ribeiros.
Doze vezes o vento ha chorádo nas vargens.
Doze vezes Dezembro ha despído os salgueiros.

III

E eu sempre a meditar--qual naufrago nas margens—
no arruinádo solar de desfolhada flóra,
—na *Torre de marfim*, cheia d'hervas selvagens.

IV

Só minha alma não múda—ó pálida Theodóra!—
Só eu, de dia e noite, arrásto esta saudáde
de não poder ouvir a tua voz sonóra.

---

(1) Este epílogo foi escrito, tempos depois, na alta torre do noivado

V

Quantas vezes te *evóco* !—A' tarde, á suavidade
do languido arrebol, nas folhas dos olmeiros,
no poente, e ao luar, nas trévas, na anciedade...

VI

—sinto o teu passo aério em róda dos canteiros,
—sinto o teu môrno báfo, ás horas das vigílias,
—estremeço, se um sôpro agita os reposteiros ..

VII

Eu sei que estás ahi ! — O sol cáe entre as tílias,
e expira, em convulsões, arroxeando as plantas,
eu fito o teu retrato, e esqueço as vãs quizílias...

VIII

N'este dia sentí consolações bem santas !...
Terminei o processo em que descúbro a charra
traição dos Láras vís, chatins e sacripantas.

IX

Terminei — gloria a Deos ! — a historia em que se nárra
as vís maquinações d'esses torpes bandidos:
—que hão forçado caixões, como da hyéna a garra.

X

Aqui deixo estampáda a historia dos latidos
d'esses lobos cervaes, em roda d'uma ovelha,
—inocente e indefeza, a estorcer-se em gemidos !...

XI

Aqui deixo o teôr da tragédia vermelha,
ao asco e à indignação das almas inocentes,
—e tudo que a *Moloch* não se encurva e ajoelha.

XII

Aqui te desafronto--ante os homens e as gentes--
das calúnias chués que te hão lanhádo o seio,
--e feito gotejar prantos bem comoventes!...

XIII

Por mim, tudo esquecia. — O que importa o receio
da dolósa opinião d'um mundo de impostura
--ao sabio e ao infeliz que só p'ra sofrer veio!...

XIV

Por mim, tudo esquecia.—Os prantos d'amargura
que me hão laivádo a face e as palpebras dorídas,
--tudo isso ha de esponjar o pó da terra dura!—

XV

Por mim, tudo esquecia. — As chagas e as feridas,
que me hão rasgádo fundo as insídias danósas:
—nas ervas, florirão, em brancas margarídas!...

XVI

Mas, por ti, não perdôo. — As lingoas insidiósas
de certo hão de escaldar-se ao nitráto irritante:
—e ellas fumegarão sob as brázas queimósas.

XVII

«Tu ficarás aquí neváda e radiante,
«com puro e nóbre tráço, indelével, certeiro,
—«como a um cristal recórta a arésta de um brilhante.

XVIII

«É ao que aspíro só.— Ao desagrávo inteiro
«da tua honra imortal, Sombra lutuósa e fria:
—«por que eu, por mim, só quéro uma cruz n'um terreiro!

XIX

«O que é hoje a minha alma? — Azinhága sombria.
«O que é hoje o meu lar? — Uma torre em ruinas.
«Onde está meu amor? — Sob uma lagem fria.

XX

«Não. N'uma lagem, não. — Está nos azues espaços
«onde pairas, dando ais, rasgáda d'uma Espada,
—«chorando a privação do colar dos meus braços!...

XXI

«Está na pura mansão religiosa e invioláda,
«onde um dia hei de vêr-te e seguir os teus rastos,
«—qual ségue o cordeirinho a mãe, pela orvalháda!...

XXII

«Está nos prádos de luz infindaveis e vastos,
«onde te hei incensar, d'um *Zaimph* cobérta: (1)
—«e beijar o pudor d'esses olhos tão castos!...

(1) *Zaimph* éra o manto resplandecente, todo de prata e brilhantes, da deosa *Tani*, em Carthágo.

XXIII

Quando eu bradáva assim — pela janéla abérta—
entrou um Côrvo atroz, de formas colossaes,
d'áza luzente e negra e a marcha vêsga e incérta.

XXIV

Pousou na secretária onde eu escrevo, aos ais.
E com olhar sinistro e o acento lacrimoso,
—trez vezes a seguir, soluçou :—*Nunca mais !...*

XXV

«Maldito Côrvo horrendo ! — exclamei furioso—
«Não venhas infiltrar-me o odiento Desespero :
«—*por que eu creio no Amor eterno e vitorioso !*

XXVI

«Não.—A Morte não é o fatídico *Zéro*,
«onde váe findar tudo, e onde tudo se sóme :
—«tanto o rei e o pastor, como Jesus ou Néro !

XXVII

«Creio no Amor, vencendo o pó que as cousas cóme,
«e alando-se às regiões inefáveis e astraes :
«—Andorinha da Luz, das estrelas com fome !

XXVIII

Quando eu isto exclamava, em fráses passionaes,
o Côrvo saltitou pela alcôva e, gemente,
—trez vezes, a seguir, soluçou :—*Nunca mais !...*

XXIX

«—Maldito Côrvo atroz, ó Côrvo impenitente,
«eu bem sei quem tu és!... E's o Côrvo lendário,
—«o Côrvo que ouviu Pöe, o hystérico vidente!

XXX

«Quantas vezes não tens, n'esse tom funerário,
«os Tristes afligído, as Irmãs, as Amantes,
—«e a pobre Mãe transída, ao pé do seu larário!...

XXXI

«Quantas vezes não tens, como os comediantes,
«provocádo, n'um tom vasío, mas plangente,
—«os desesp'rádos ais e as lástimas uivantes!...

XXXII

«Eu bem sei que tu és um passaro insciente.
«Mas, n'essa negra áza e esse rytmo sombrío,
«—só vejo o *Desespero* informe e dissolvente!

XXXIII

«Quantas vezes não tens, junto a um cadaver frio,
«às luzes dos brandões, e a um barbaro latim,
—«roçádo os corações de um pávido arrepío!

XXXIV

«Foste tú que aterraste Eva no seu jardim,
—«nosso lendária Mãe—com seu pranto não visto,
—«chorando, esguedelháda, o que matou Kain.

XXXV

«Foste tú, n'esse tom de dôr e escarneo mixto,
«que afligiste Ramá— e, em certa Sexta Feira—
—«ousáste espicaçar o cadaver do Cristo !

XXXVI

«Foste tú que afligiste a Nióbe primeira,
«e atravessaste a alma errante e espavorída
—«da pobre Héro, a uivar, na escarpa sobranceira.

XXXVII

«Foste tú que mataste a Julieta dorída,
«e, um dia, esvoaçaste e pousaste no esguío
—«técto do Fausto... olhando a morta Margarida.

XXXVIII

«Foste tú que ululáste, um dia, no sombrio
«cypreste, e déste a Hamleto a nota desolante
—«d'Ophélia, mórta em flor, boiando à flor do rio.

XXXIX

«Só não desanimáste a alma férrea do Dante.
«Mas quebráste a energia ao scético Manfredo,
—«quando, altas horas ia, olhar o Céo radiante.

XL

«Foste tú que pousaste, um dia, no arvoredo
«do túmulo, onde o Tasso, erguendo a voz divina,
«—carpiu e soluçou por Leonor, mórta cedo !...

XLI

«Foste tú que magoáste a mystica bonina,
«a Rosa de Saron... e anavalháste o peito
—«de Camões, lastimando a loira Catharina.

XLII

«Foste tú, Côrvo infame, iníquo, sem respeito,
«que esguedelhaste Arfet, na solitaria ilha,
—«abraçáda do noivo ao descarnádo peito.

XLIII

«Foste tú,—Côrvo víl — peór que a mancenilha,
«que enfebreceste o magro e ancioso Tintureto,
—«chorando e retratando o cadáver da filha.

XLIV

«Foste tú quem murcháste as flor's de Capulêto,
«quem Cordélia ceifaste... a chorosa Graziella...
—«e perseguiste Pöe com um tôrvo esqueleto.

XLV

«—Pois bem—Vou-te esganar a funérea goéla.
«Não mais da infame gorja expellirás os ais
—«da Negação fatal, desesp'ráda, amaréla!

XLVI

E para elle arranquei, com olhos passionaes,
com a íra a chispar—Mas o Côrvo, à ameáça—
trez vezes, a seguir, soluçou :—*Nunca mais!*...

XLVII

«—Vou-te arrancar a lingoa, arauto da Desgraça!
clamei—e, d'esta vez, segúro, decidído,
fechei a porta á chave e corrí a vidráça.

XLVIII

Durante certo tempo, o Côrvo, estarrecído
da minha decisão, no firme olhar feríno:
—esvoaçává, alto... excentrico... aturdído.

XLIX

Mas emfim empolguei-o e em fúlo desatino,
arrancando-lhe a lingoa, arremessei-o ao chão,
—trez vezes a seguir.—Alem dobrava um sino.

L

Trez vezes o arrojei, com colérica mão,
ás paredes da alcôva—e outras trez ao sobrádo—
—té que emfim expirou na extrema convulsão.

LI

Morto estava afinal.—Já frio e estiraçádo,
¡nda cuidava ouvir o seu thrêno aziágo:
—o horrendo *Nunca mais!* no ar môrno e caládo.

LII

Já mais calmo, porém, com ar de sonho vago,
da janéla acerquei-me e olhei o Céo profundo:
—celestial como o azul de um helvético lago.

LIII

Não mais *Elle* uivará os seus ais n'este mundo!—
Não mais infiltrará seu negro Desespêro:
—nas Amantes, nas Mães, no Triste, o Moribundo.

LIV

E eu calmo expirarei — O *lutuoso Zéro*
não me aterra, Theodóra, ó grande Desgostosa.
—O' trágica Visão, amo-te... creio... espéro!

LV

E quando a *Sombra* emfim... a *Sombra* tenebrosa...
se acercar d'esta torre, onde eu tanto carpi,
—e, com dedo espétral, me apontar para a lousa,

LVI

extático, direi, mãos alçadas p'ra ti:
«Matei o horrendo Côrvo aziágo das almas.
«—Imolei-o ao Amor.—*Eis-me aquí!... Eis-me aquí!...*

FIM

CARTAS A' MULHER DE LUTO

Éra nosso intuito publicar, no fim d'este volume, as cartas *verdadeiramente dilacerantes*, que o heróe do poema escreveu á *Mulher de luto:*—mas, como ellas estão divididas em duas partes, uma em prosa, outra em verso, que não caberiam aqui e que melhor cabimento terão n'outro livro especial: sómente daremos algumas poesias que formam a segunda parte: e que o *sacerdote excomungado:* o amante caluniádo e poluído: o homem condenádo inocentemente aos ultrages maiores da Justiça Humana : o coração orfão dos carinhos da incomparavel Morta, intitulou o *De Profundis da Dôr*. A primeira composição que publicamos, pela ordem que nos pareceu cronológica, intitulada *Sonetos Kabalísticos*, ou é pura composição de fantasía : ou é alusiva aos seus dias de desespero e de vesania, em que fazia evocações aos espiritos inferiores: como se deprehende do canto, intitulado *Ruinas de um teátro*. A poesia intitulada *No alto mar* é, de certo, recordação das noites luarentas e desoladas, quando partia para o seu degrêdo afrontoso. A *Casa deserta* e o *Viúvo*,—esta ultima sem rima—como frequentemente usáva, e melhor se apreciará na coléção que publicaremos,—evidentemente pertencem já ao periodo do regresso das galés: muito antes, porem, de estarem escritos os ultimos dois capitulos do seu processo. Quanto á que termina esta pequena amostra que publicamos, *Miserere Mei!*—a qual faz lembrar algumas das passagens mais aflitivas e desoladoras do poema lutuôso de Job, esta é evidentemente tambem escrita no periodo mais agúdo da sua desolação, muito antes de certo da *Morte do Côrvo*. Eil-as pois por esta ordem :

O DE PROFUNDIS DA DÔR

SONETOS KABALISTICOS

I

Sonnia fallaci ludunt temeraria nocte.
CATULLO.

A Evocação

Eu que fui, n'outro tempo, um fátuo heróe de sála,
e folgava em guiar ligeiramente um *bréack*,
dediquei-me hoje todo á *Sciencia Oculta*, escála
ao cimo da qual fulge o grande Allan-Kardec.

Muito embóra eu revéle o meu mysterio ou péque.
direi que n'um logar, que inda *emoções* exála...
como Hoffman as visões, os seus sonhos Tiék,
—fantasmas evoquei, com rítos da Kabála.

Da meia noite ao dóbre, evoquei dos Avernos
o Rei das grandes dôr's e dos lútos eternos:
—Satan, para me rir, e para o chasquear.

Mas Satan amostrou-me ao coração exausto
uma visão lutuósa e que excéde a do Fausto...
—cujo chôro imortal inda me faz chorar.

II

O Espétro

Na fronte sideral cingia trez diademas.
Veláva-a té aos pés um véo da côr do lúto.
Baixinho soluçava o seu lábio impolúto.
Nos pulsos, e nos pés, tilintavam algemas.

Quem póde — clamei eu — Joia que val' cem gemas,
indif'rente escutar, com frio olhar enxúto,
os écos dos teus ais?—Quem foi o dissolúto
que ao pégo te arrojou das aflições supremas?...

Mas Satan gargalhou: — «Vou-te gelar as veias!
Atenta e fita bem essas grossas cadeias,
se o nome quer's saber do sedutor maldíto!»

Com ancia, e com pavòr, meus olhos as olháram.
Mas os cabêlos, logo, em pé, se me erriçáram.
— Do Espétro nos grilhões meu nome estava escrito.

III

O Crépe

«— Quem és tú ? Quem és tú ? Sombra silenciosa,
«que eu lancei, sem cuidar, no *infindavel Abysmo* ?...
«Pergunto-o ao coração, mas por mais que em tal sísmo,
«só treva ácho em redor, confusão espantosa.

«Ergue, pois, o teu véo, ó Sombra lacrimósa!
«embóra trema o sólo, ou rúa um cataclismo,
«pois teu pranto convulso, o teu ar, teu mutismo,
«despenham-me, sem dó, n'uma noite lutuósa.

Assim clamáva eu. —E, com um punho audaz,
pretendía arrancal-a ás mãos de Satanaz,
rojar seu véo ao chão, fitar o rosto seu.

Mas o Espétro, evitando o meu gesto atrevido,
retirou-se, soltando um soluço *inouvído*...
— como Isis, deosa á qual ninguem ergeu o véo.

NO ALTO MAR.

I

Pádre maldito! expulso dos teus lares,
vibra a tua harpa e chóra,
Canta e solúça na amplidão dos máres.
da meia noite á auróra.
Que te impórta que te hajam infamádo,
se o seu Verbo é poeira?...
Levanta a harpa de David caida,
róça nas cordas tua mão dorída,
róça-lhe a alma... e chóra á ventaneira

II

Onde jázem os lyrios de Ephraim,
e os cédros de Bazan?...
Onde pástam as cabras de Galad,
nos rócios da manhã?...
Onde passam agora as caravanas
de Tyro, formidaveis,
e quem bébe, nas calmas, pela estía,
a agoa de Siloé é clara e macia,
— e as ágoas de Bethlem tão desejaveis?...

III

Onde jázem agóra os velhos muros
da velha *Jersaquem?*...
Onde chóra Ramá filhos futuros,
aonde jaz Sichem?...
Onde se eléva agora a Cidadéla,
toda de oiro e marfim?
Que é da minha *alma*, iluminada e em gálas?
— Vejo um padre demente, a errar nas sálas,
e a chorar :—*Ai de mim!*

IV

Onde jázes ó Poestum perfumada,
reclináda em junquilhos?...
Onde estás, Babel rubra e fabricada
com vermelhos ladrilhos?...
Que vále hoje essa pompa, vã Pompeia,
cidade dos pavôres,
ó Tumba do silencio e da tristeza,
com cem convivas livídos á meza :
— *mortos,* alçando as taças, entre flôres?...

V

Assim és tu, minha alma. — Estas ruinas
são pédras sem raizes.
Ja não teem sombras, águas, nem colinas,
nem paisagens felizes.
As *Ilusões* são os convivas mortos,
em salas silenciósas.
Ja não teem labios com calor de beijos.
Não teem cantos, esp'ranças, nem desejos,
— e alçam as taças, com já mortas rosas.

VI

Padre maldito! expulsò dos teus lares,
vibra a tua harpa e chóra.
Canta e solúça na amplidão dos mares,
da meia noite á aurora.
Canta ó *Viúvo*, ó Doido, ó Desterrado,
sem ter eira, nem beira.
Pulsa a tua harpa, padre excomungádo!
Róça nas cordas o teu éstro irádo.
— Róça-lhe a alma... e chóra a ventaneira.

A CASA DESÉRTA

I

N'aquéla casa ornada de giéstas,
com partídas vidraças,
já luziram clarões de lautas festas,
ao retinir das taças.
E n'essas velhas sálas poeirentas
com velhas galerías...
e nas ruas do párque sonolentas,
não estrúgem risadas turbulentas:
— nem a Música entorna as melodías.

II

Nunca mais passearei nas alamédas
do parque solitárias!...
Atúlham folhas sêcas as verédas.
Crescem as pariétarias.
Nunca mais, pelos múrmuros caminhos,
soarão nossos beijos...
Nunca mais olharão nossos carinhos
os olhos joviaes dos estorninhos,
— e os pagens e ermitões dos azulejos.

III

Onde estão essas tardes tão clementes
as afáveis tardinhas...
em que iamos dar frútos e sementes
e grãos ás andorinhas?...
Onde estão esses tempos de amor cheios,
em jovial cavalgáta...
pela sanguinea auróra, entre gorgeios,
e onde os tempos dos languidos passeios,
— á lua .errando entre os chorões da máta?... (1)

IV

Nunca mais volverão esses bons dias
de orquéstras matinaes,
com árias pastoris de cotovías
e *alégros* de pardaes!...
Tú semelhavas dama donairósa
do saxão rei Arthur.
Invejáva-te a pelle a espúmea rosa.
Cortejava-te a dália, essa preciosa:
e as mimóseas diziam-te:—*Bon jour!*

(1) Esta poesia desoláda, em que predomina a desesperança do *Nunca mais!* foi escrita, evidentemente, antes dos dois ultimos capitulos do seu processo:—muito antes da sua visão, e da *Morte do Córvo*

V

Nunca mais cantarás a *Traviáta*,
e o Chopin, meus delirios,
quando a Lua ábre o pálio côr de práta,
e Vénus jóga lyrios!..
Nunca mais ouviremos, n'um loureiro,
de alguma rôla as mágoas.
Nunca mais, da magnólia ao môrno cheiro,
olharemos a folha de um salgueiro,
— qual viajeira *miss*, á tona d'ágoas.

VI

Hoje tudo mudou.—Hervas daninhas
invádem a Capéla.
E os *myosótis* e as alvas campainhas
gémem: Onde está Ela?...
E, quando eu, dando curso ás minhas dôres,
solúço: *Theodóra!*...
á Lua báça e cheia de livôres,
o éco, pelos largos corredores,
responde ao longe, tristemente:—*Outróra!*

VII

Tudo é desolação, tudo é deserto!—
No quarto solitário,
fêz-me chorar vêr teu romance abérto...
morreu o teu canário.
Tudo fála de ti: télas poentas,
murchas flor's, joias frias.
E quando o sino, alem, tange trindades,
(como um ai, um suspiro de saudades)
géme o piano... ao dar *Ave Marias*. (1)

(1) Hora em que morreu a *Mulher de Luto*.

O VIÚVO

I

Como eu móstro em meus olhos uma Éça,
levantáda em minha alma, sem tocheiros,
sem búxo, círios, liturgias barbaras,
mas *trévas interiores...*
as jovens que me vêem mágro e ascético,
—como o leproso da cidade d'Aóste,—
móstram-me, umas ás outras, cochichando :
—E' elle ! E' o Viúvo !

II

As andorinhas dos telhados róseos,
e dos beiraes florídos—ou nos nichos
das catedraes musgósas—dos Apóstolos
nas barbas chilreando...
ao vêrem-me enroupado em negros trajos,
silente, esguío, passar rente aos muros,
magoádas, suspiram, dando ás azas :
—E' elle ! E' o Viúvo !

III

As larangeiras e as Saudades rôxas,
Scabiósas de funestas côres,
teorías de cyprestes pensativos,
amóras côr do lúto...
mais as magnólias castas á tardinha,
suspirando, como harpas melindrosas,
queixósas gémem, meneando as folhas:
—*E' elle! E' o Viúvo!*

IV

Eu não estou doido, não. A mão da Angústia,
tão férrea! — não varreu-me todo o Intelécto.
Sim: oiço os choupos e amarélos lagos,
mais as párdas lagôas...
e as portas dos palacios em ruínas,
lastimosas chorando nos seus gonzos,
e o catavento:—á chuva rechinando:
—*E' elle! E' o Viúvo!*. .

V

Como o leproso vindo das Cruzádas,
como o maldíto, nas papaes cidades,
como o histrião na *Côrte dos Milagres*,
esgueiro-me entre as turbas...
e cóço a lépra da minha alma em lúto,
que faz clamar ás bordadeiras loiras,
mais aos mendígos das egrejas velhas:
—*E' elle! E' o Viúvo!*...

VI

Hontem entrei n'uma baiúca infame,
—n'uma taberna de bandidos réles—
pois que eu desci ás espiraes misérrimas
do lameiro de Jób!...
e até estes de mim se condoêram,
e remechendo os sórdidos barálhos,
rosnáram baixo, meneando as frontes:
—*Ai d'elle! E' o Viúvo!* .

MISERÉRE MEI ! . . .

I

Eis-me sentado só, na *Rua da Amargura,*
como um mendigo vil, de rôta capa escura,
sem ter pátria, nem lei.
Descí, mais do que Jób, ao lameiro corrúto.
—O' piedosa Mulher das tranças côr do lúto,
Miserére mei ! . . .

II

Por teus olhos subtís, mais ráros que as safíras,
as áras poluí, fiz a batína em tiras,
minha estóla rasguei.
Agora sou *Dagon,* Rei das dor's insondáveis.
—O piedosa Mulher, dos olhos admiraveis,
Miserére mei ! . . .

III

Por teu amor, descí ás trevas lacrimosas.
Por teu amor, vaguei nas ruínas leprósas.
Por tí, uivei, chorei . . .
nas galés, hospitaes, na Insónia, na Demencia.
—O piedosa Mulher, Senhora da Clemencia,
Miserére mei ! . . .

IV

Como Saúl, cruzei as estradas devassas.
Nos cardos, nos tojaes, nas alfurjas, nas praças,
os farrápos larguei
da minha alma sangrenta, estreláda em martirios.
—O' piedosa Mulher, dos dedos côr dos lyrios,
Miserére mei!...

V

Por teu amor, desci ás pávidas gehénas,
dos não ouvídos ais, das não ouvídas penas.
Por tí, eu blasfemei.
Por tí, eu me estorci, nas palhas da enxovía...
—O' piedosa Mulher, Flor da Melancolía,
Miserére mei!...

VI

Brádam que te ofendí.—Mas os teus olhos cástos
mal conhecêram como, as mãos postas, de rástos,
eu pulí e escavei,
com meus prantos de sangue, as lápas dos retiros.
—O' piedosa Mulher, Senhora dos Suspíros,
Miserére mei!...

VII

Arrastei-me no pó das solidões tisnádas.
No inferno das galés, nas insónias suádas,
de nostalgía, uivei...
como o proscrito inf'liz, nos grandes gêlos russos.
—O' piedosa Mulher, Senhora dos Solúços,
Miserére mei!...

VIII

O suór empastou meus pávidos cabêlos.
Junto ao leito febril, tôrvo de pezadelos,
Páe, nem Mãe encontrei!
Só teu pranto sorví, nas angústias agúdas....
—O' piedosa Mulher, Mãe das lagrimas múdas,
Miserére mei!...

IX

Agóra, livre emfim dos *Cyclos da Loucura*:
já transpondo os portaes da *Babylonia Escura*,
mais orfão me encontrei.
Orfão, meu Deos, de tí, dos teus ais, teus cuidádos...
—O' piedosa Mulher, Mãe dos Abandonádos,
Miserére mei!...

A SOBREVIVENCIA DO AMOR

Nóta á Morte do Côrvo

Todas as theogonías, todas as liturgías, todas as religiões, se teem apropriádo dos mysterios, ou melhór da sciencia do *espiritismo*, em proveito dos seus sacérdótes

(E não seja extranhavel que lhe chamemos uma *sciencia*, porque adiante demonstraremos que o é: e não uma religião taciturna, votada ao dominio das trévas, ou uma perniciosa theodicéa.)

E' averiguado hoje que — todas as religiões conhecêram os fenómenos tão ráros do magnetismo e do hysterismo: — as crises tão singulares da catalépsia: — e as tão invulgares maravílhas da *dúpla vista*.

Os oráculos de Delphos : os livros da Sybilla de Cúmas : as evocações da Pythonissa d'Endôr: ou os sortilégios de Moisés, ante os feiticeiros de Pharáo, claramente atéstam que estes prodigios, que ainda hoje são discutidos, com assombro, entre os sabios do Ocidente, éram ha muito letra correntia entre os *fakirs* da India, os *Mágos* do Egypto: — ou os cavádos Apostolos judaicos.

Simão, o *Mágo*, desafia cérto dia os Apostolos S. Pedro e S. Paulo, a elevárem-se aos ares conjuntamente comsigo, —em pleno Circo,--deante do povo romano, e do tédio curioso e doentío de Néro.

Assegúra-se que Simão, o *Mágo*, rolára e fóra despe-

nhado das nuvens, ou que viéra fracturar as tibias em pleno chão do amphiteátro. Tudo isto, porem, caréce de uma exegése séria : e é provavel que seja uma lenda espalhada pela seita nascente dos Nazarenos. (1) Por que quasi todos os *médiuns* modernos, sem a nomeáda de Simão, o *Mágo,* fázem invariavelmente esta scena de ascensão, nas sessões dos *espiritistas:* e os *fakirs* asiáticos tambem. E' tambem pouco verosomil que os Apóstolos acceitassem o répto de Simão, o *Mágo*, a exibirem-se ante Néro e deante da Plébe, no Circo Romano, dando-se em espectáculo entre os gladiadores, os retiários, os histriões. O que é irrecusável é que Apollónio fasía tantos prodigios como fiséra o Cristo : e que os Gymnosophistas da India,—que adorávam o Fogo sagrádo—produsiam cousas mais assombrosas do que toda a legião dos Santos e dos *Illuminádos.*

Ora, isto o que nos próva ?—

Isto próva-nos trez cousas:—a primeira que todo o homem, mesmo o mais infimo, possúe em si, latente, uma faculdade *maravilhosa,* da qual desconhece a *magía*—e que mais adiante diremos qual é—magía que o tórna rival dos antigos e terriveis deoses: —segunda, que todos as theocracías aproveitáram e exploráram essa faculdade mágica, não revelando nunca, senão aos iniciados, os seus mysterios, a fim de dominarem a fanatisada gentálha:—terceira, que os prestigios não são monopólio privativo das intenções púras, dos caracteres imaculádos, ou da santidade dos costumes. Todos os padres de Apollo, d'Esculapio, de Diana, os exploráram :—todas as bruxas da Etrúria : todas as ságas da Syria : todos os negromantes da Thessá-

(1) Simão, o *Mágo*, teve um culto como um deus, teve discipulos que foram filósofos, e foi-lhe decretada pelo Imperador, uma estatua n'uma rúa pública de Roma. A ter-se dado este facto, elle não mantería o seu prestigio

lia: todos os charlatães da Caldea: todos os feiticeiros da Edade Média.

De résto, a Critica bíblica vulgarísa hoje que o Cristo fiséra uma viagem ao Egypto: e que lá aprendera, como outróra Moisés, a sciencia interdíta dos Mágos.

Ora a passágem dos Reis Magos que vém no Evangelho de S. Matheus, faz-nos meditar implacavelmente, n'este alvítre.

Que a passágem dos ditos reis e da fugída para o Egypto seja uma lenda, póde documentar-se hoje, visto que, na dáta em que S. Matheus collóca o facto, Heródes, *o Grande*, não reináva já na Judea, pois finára-se quatro annos antes do Cristo. (1)

Desába, assim, por terra a lenda da crueldade Heródes, da degolação dos inocentes, da estrela dos Mágos, e mais da fugída do menino para o Egypto, conduzido celestemente pelo Anjo bíblico. Mas essa intervenção dos *Mágos*, na vida do Crísto, e a sua estáda no Egypto, alguma outra cousa de mais verdadeiro deixa entrevêr. A sua estáda no Egypto e a sua communicação com esses sábios *ocultistas—Feiticeiros* chama-lhe indistinta e genéricamente o Vulgo — póde ter sido um facto verdadeiro, mas sucedido de maneira diferente, e em época muito diversa do da lenda, florída e idealisáda. Essa época verdadeira poderia bem ser o da sua maioridade: época de sonho, de meditação, e delineamento de doutrina.

A Egreja de cérto reprovará esta interpretação; mas a diplomacía de todas as religiões tem sido invariavelmente esta:—todos os prodigios feitos pelos seus sacerdótes são milagres inspirádos pelo *Altissimo*: todos os prestigios feitos por extranhos são maleficios inspirádos por Belzebúth. Era o que a Synagóga Judaica dizia dos milagres do Crísto: foi o que, mais tarde, a Egreja Ro-

(1) — *Antiguidades Judaicas*.

mana disse de tudo que não éram os prestigios dos Santos. Decérto que o sublime e apedrejado *Doido*, o Profêta estremecído e ao mesmo tempo apupádo pelas gentálhas, o Lunático Poéta, o Prégador dos Lágos o Sonhador Virgem, éra um *medium* de extraordinária for ça, como o haviam sido os profétas dos hébreos, em que de résto éra assás frequente o *medianismo*. Como homem, elle não podia desdenhar os meios mais transcendentes dos homens, para atingir o seu fim invulgar: que éra o seu socialismo cosmopolíta e a sua *theodicea*.

Mas isto de fórma alguma amesquinha a envergadura d'esse espirito singular: d'esse suave e altissimo Rei dos lyricos de todos os paizes: d'esse filósofo maior que todos os platónicos, todos os pythagóricos, e todos os ocultistas macilentádos da India.

Isto unicamente próva que esse vidente espirito—original e doutrinador—soubéra faser convergir todo o maravilhoso da Sciencia da Volição para a sua obra de pacificação, de pureza, de amatividade. Servira-se já do mesmo instrumento Moisés: mas Moisés, instituindo a classe sacerdotal dos *Levitas* tão cheia de privelégios, prohibe ao poviléo judaico o frúto da Sciencia e inventa no seu *Genesis*, em que a interpretação da Natureza é tão rudimentar, o mytho da arvore *interdíta:—a bem famosa arvore da Sciencia do Bem e do Mal*. E, n'isso, elle não fez mais que reservar-se o monopólio que se reserváram os cléros de todas as theocrácias, inimigas nàtas de toda a Sciencia vulgarisada.

Cristo, pelo contrario, popularisa os seus mysterios pela arraia-meúda da Judéa: pelos publicanos de Israel e de Samaría: pelos cabreiros de Galad: pelos bateleiros da Judea. Os Apostólos impunham as mãos—tal e qual como os modernos magnetisadores—áquêles que julgavam dignos, e cummunicavam-lhes a virtude dos prodigios: o dom das lingoas, da telapatía, da dúpla vista. E tal e qual,—como hoje, nas sessões *espiritistas*,—viam-se, en-

tão, lingoas luminósas pairar sobre as cabeças dos assistentes. Mas, não é, pelos seus prodigios, que o Inegualavel Suavisador dos costumes se impõe ao culto enternecido das almas:—todos os seus prodigios da resurreição do Lazaro, do filho da Viúva de Naim, da multiplicação dos pães, da visão do Thabôr, cédem ao enternecimento sublime do *Sermão da Montanha*—d'esse inefavel Sermão prégado talvez ao declinar de uma tarde macía, quando revoádas de pombas brancas regressavam, entre nuvens rôxas do poente, ás palmeiras de Jerichó—*a cidade das palmeiras,* como lhe chamáva o proféta,—ou quando, em longa récua, os dromedarios da Syria estendiam o seu longo pescoço cansádo, e aspirávam, com delicias, as bafagens dos eloendros e dos tamarindeiros. Não ha, para os animos subtís, e delicados, mais deleitosa paisagem, nem mais sublime poema em todos os tempos, em quanto hája humanidade e poesia!...

Depois que a Egreja perdeu o espirito de humildade e pureza do Méstre, perdeu tambem de facto o seu scéptro sobre as almas, e tornou-se inimiga náta do pensamento humano. Sentou-se, de facto, no throno dos Cesares Romanos: póz-lhes muita vez a sua chinella sagrada sobre as cabeças coroádas:—mas perdeu, para sempre, as inspiradas lingoas de fogo e as chaves celestes.

Ainda hoje fulmína, no seu *Index*, os pensadores, e illógicamente prohibe e excommunga o *espiritismo:* do qual se devería recordar que se serviram, para a sua propaganda social, os primitivos Apóstolos.

Sempre contraditória e sofística esta clericálha felina e famélica de todos os cultos!..

Muitas pessoas ultimamente me tem julgado um fervente *Tolstoïano:* outras um *pessimista*, como Shophenhauer: ao qual, é certo, já votámos um convicto culto: outras um *Budhista*, pelas paginas que dedicámos ao grande filosófo coroádo de Benarés: e outras, finalmente, um *espiritista*, pelo prefacio que escrevemos acerca de um poe-

ma de um poéta esclarecido, hoje entre as hostes politicas.

Muito cathegóricamente nos cumpre declarar que não seguímos Tolstoi, por que elle não comprehendeu o pensamento divino de Cristo, e fanatisou-se a ponto de repellir o amor sexual e o proprio amor paterno, ou o dos filhos pelos Paes: não somos Shopenhaueristas, por que, bem que conheçamos que cada planeta, na sua relatividade, é um mundo imperfeito: no emtanto, não possúimos dados suficientes para avaliar se o Universo, no seu conjunto, não será um todo completo e harmónico, e realisando o ideal da perfeição absoluta: não somos incondicionalmente *Budhistas*, por que não acreditamos no *Nirvana*, nem tão pouco no seu quietista repouso das almas. Pelo contrário, achamos lógico que ahi onde começa a Eternidade e céssa completamente a noção do Tempo, ahí a actividade moral chegue ao seu apogéo, por que ahí — que é a fonte inicial do Movimento—ahi tambem a Acção moral deve deixar a perder de vista a carreira vertiginosa dos sóes e dos cometas vagabundos, de longas cabelleiras de fogo. Quanto á designação de *espiritista*, faremos, primeiro que tudo, as nossas reservas sobre o termo, que achamos improprio, pelas rasões que vamosexplanar. Assim como achamos impróprio o nome de *Espiritismo*, assim tambem consideramos menos exacto o termo de *Sobrenatural*, para designar o que paréce afastar-se das leis conhecidas da Dynamica e da Substancia.

Figúra-se-nos mais preciso o termo do *Ignóto*, o *Desconhecido*, o *Indefenído*: por que o Sobrenatural briga realmente com todas as leis, não só da Fisica, como da Hermeneutica, como da Mechanica, pois não é possivel á nossa percepção conceber alguma cousa que seja superior ás leis da Natureza.

Não existem cousas sobrenaturaes, realmente:—o que existe são leis de Materia que nos são desconhecidas: propriedades d'ella que ainda nos não tenham sido reve-

ladas ou manifestadas. A palavra *Espirito* tambem a achamos vasia, inexácta, confusa. Não podemos fasera idea nitida de alguma cousa que seja imaterial, por mais intángivel que seja: como os atomos, os gazes, os fluidos, ou o proprio pesamento humano, que, como é sabido, tem movimento, acção, transmissão, velocidade, energia. *Espirito*, portanto, só póde ser tomado como uma expressão convencional, sem realidade, condusindo á idea do Vacuo e ao Náda. Ora nem o *Vácuo*, nem o *Nada* existem, senão como termos de comparação e de convenção.

Esta deploravel palavra *Espirito* é que tem embaraçádo sempre os sábios, e os teem levado a refutar os fenómenos do *Espiritismo*, por que, na realidade, é inadmissivel que alguma cousa de imaterial, — isto é *que não existe*—possa ter acção fisica sobre os objectos e sobre a materia em geral. Esta falsa expressão fêz o desespero de Wiliams Crookes e de Lombroso, para poderem explicar o que, na realidade, é inexplicavel e absúrdo. Admittindo-se, porem, a unidade e a existencia *única* da Materia, comprehende-se que tudo que ha de sublime. como luz, soes, nebulosas, constellações, almas, estrelas, e o proprio Deos, não são senão Movimento, Acção, Vida, Amor, Electridade, Pensamento, — emfim tudo Substancia,—e comprehender-se-há como os chamados *Espiritos*, isto é:—almas sob uma nova forma diversa da da terra—pódem agir sobre cousas fisicas, e produzirem todas as materialisações conhecidas.

O que é pois a alma humana?... Aquillo que em nós pensa, sente, e *quer:*—um *quid* formado d'uma substancia mais perfeita:—talvez o éther em perpétua vibração:—emfim uma certa substancia sublime, porem integral, e que jamais se desagréga.

Em todo o caso não é imaterial: e a palavra *espirito* não lhe convém, por que tal expressão symbolisa inanidade e impossivel A palavra *Espirito*, n'estes casos, só póde con-

vencionalmente ser empregada como synónimo de alma humana, ou d'um *quid* subtíl. D'esta forma, comprehender-se-há bem a *Sobrevivencia* e a imortalidade da Alma, visto que Materia e Movimento são realidades coetérnas.

Dissémos,—repetindo o que é rudimentar em Psychologia,—que a alma é esse *quid* que em nós pensa, sente, e *quér*. Dissémos mais, no principio da nossa nóta, que ha uma faculdade *prestigiosa* na nossa alma, que nos torna rivaes dos deoses. Que faculdade é essa mágica e prestigiosa?..

È a faculdade volitiva, aquillo que em nós *quér:*—é a soberania maravilhosa, surprehendente, extraordinaria da *VONTADE.*

Eis a causa unica de todos os fenómenos do magnetismo, do Ocultismo, da Telepathia, e até do *magismo:*—o velho *feitiço* dos tempos obliterádos.

A VONTADE reúne em sí todas as energias, que se acham separadas em varios outros corpos:—acção, movimento, fluido, luz, calor, electridade. Não ha motor nenhum: nem a luz solar: nem as rugidoras quédas d'agoas: nem o furacão do ar comprimido: nem o gaz e a força espantosa do vapor d'agoa: nem o Pensamento e a propria electridade do raio, que se equipárem com a energia d'esta grande actividade concentráda.

E' essa grande energia que o sabio naturalista inglez Wiliams Crookes procurava em vão, para explicar os fenómenos das mezas de uma espessura consideravel se elevárem ao alto, sem contacto visivel de mãos, e que elle, não sabendo como a exprimir, chamáva:—uma *força psychica inteligente, desconhecida.*

A VONTADE actúa por *sugestão* nos hypnotisados:—e nos moveis, e outros objectos vulgares, por meio d'éla e da electricidade que de si desprende. Comprehende-se pois que o contacto das mãos desenvolvendo fluido, ajúde qualquer operação *espiritista:* mas comprehende-se

tambem que ás vezes possa ser dispensavel, como na oscillação das mezas que observou Crookes.

A VONTADE é, pois, uma força fisica e ao mesmo tempo psychica: por que representa a maior actividade da alma, e é o seu principal agente e motor.

Deos é a symbolisação mais vasta da VONTADE: e o Universo não é, de forma alguma, uma *Creação*,—pois nada se cria na Natureza e tudo se transforma — mas é só uma expansão—uma *emanação*—uma reprodução colossal d'essa colossal VONTADE. D'ahi a origem divina de todas as cousas, e esse fluido vital que tudo anima e em tudo se revéla!... Desde o atomo vagabundo e errante, até a flor do *lótus*, ao cédro, ao basalto, ao marmore. á Estrélla, á Via Láctea, e á distante e vertiginosa puálha de oiro dos sóes doidos e esguedelhados de luz, rolando vertiginosos em roda dos seus Sistemas, tudo isso contém uma ou mil milhões de moléculas d'essa Vontade: tudo para Ella caminha, tudo para Ella vôa, como para o seu *núcleo central*: como para o seu foco único de Atracção. Cedros, plantas, florestas, animaes dos bosques, coriscos que cruzam o espaço lividos, brisas afaveis e clementes das colinas azues, tudo isso: *são os nossos irmãos do Indefenido que gemem: os nossos irmãos do Ignóto, que passam: os nossos irmãos que suspiram: e se lamentam: ou os nossos irmãos do Desconhecido que já choráram, e vão levar o colar de diamantes de suas lagrimas a Deos.*

Julgais decérto que isto é Poesia?...

Pois sabei que a Poesia é a intuição mágica da Verdade: e que a Sciencia não faz mais do que constatar e registar as mais das vezes, o que Ella, primeiro que ninguem, adoravelmente destrinçou.

Alem d'isso, ficai convictos que a Poesia, nos seus sonhos mais desmanchados, fica sempre áquem da vasta Realidade Ideal Hoffmann — façamos justiça ao extraordinario psychologista alemão ainda hoje incomprehendido! — Hoffmann foi o primeiro que penetrou n'esse

mundo indefenivel e mysterioso que nos cerca de todos os lados, e que lá achou esses sublimes acordes das almas com as Coisas: essas relações inexprimiveis dos aromas e os sons com as sensações ou os sentimentos: tudo isso emfim, intangivel e vágo, que depois os doutos chamáram o *magnetismo*, o *hysterismo*, a *telepatia*, ou a *transmissão do pensamento*, atravessando espaços infindaveis, e cumunicando com outras almas sensiveis. Todavia, esta poesia tão delicada e invulgar e que báte uma áza tão esbélta e ideal, porque agita problemas superiores, e em que vem filiar-se obscuramente *A Mulher de Lúto*: — poesia de meias tintas, de penumbras, de sentimentos e de relações mysteriosas — é um manjar pouco substancial para o estomago macisso da massa inculta, que se deixa facilmente elétrisar pelas retumbancias clamorosas. Mas a vasta solidariedade da nossa alma com as Coisas é irrecusável: — e o *Violão de Cremona* do contista alemão, espedaçando-se espontaneamente, depois da morte da donzéla que muitas vezes lhe vibrava as cordas, é d'uma realidade tão concebivel, como a da mesa que vós vêdes elevar-se — torcer-se, oscilar, ranger, dar estálidos prolongádos e sêcos — como uma alma que sófre e quér quebrar o seu invólucro grosseiro, ao contacto do fluido das mãos de um *médium*. O que significa isso? —

Significa que uma *vontade* — a do *médium* — ou mesmo de vários individuos, por meio do seu *fluido invisivel* e *poderoso*, se pôz em contacto com uma outra, a da mesa por exemplo: a qual serve de intermediária ás vontades errantes, ás *almas*, que, por sua intervenção, cummunicam com o mundo das fórmas. E' a alma das Coisas, latente e adormecida, mas por instantes despérta do seu somno espesso e grosseiro, que afirma a solidariedade universal. Sob a influencia d'esse fluido mágico, frequentes vezes a grosseira pedra de um escabroso caminho acórda... e entreabrindo súbitamente as suas pesádas palpebras de calcáreo, de granito, ou de bazalto, obsérva

o estrepitoso ruído e o clamor universal, á luz radiante dos astros ou dos sóes, e—n'uma curta visão rápida,—recorda-se talvez, quem sabe!... de ter sido heróe, soldado, rei, sátrapa magnifico, ou tangedor de lyra. E isto porque? — Por duas causas: — a primeira por que a *mtempsychóse* é uma realidade lógica, visto que todos os seres obedécem passivamente á influencia solar, e que o Sol tanto se eléva ao Zenith, como desce em seguida ao Nadir, para de novo periodicamente se alçar outra vez ao Zenith: e lógo, portanto, todos os entes teem periodos de elevação e de retrocesso, retrocessos todavia sempre *aparentes*:—segunda, por que a Vontade humana é assombrosamente insaciavel. A Vontade ambicióna todas as formas, todos os prazeres, todos os paizes, todas as viágens doidas, todas as sensações exageradas: —tanto o perfume da *flor impossivel* como a claridade da nebulósa excepcional: tanto o grão de poesia de Platão como a rasão fria de Archimédes: tanto o rútillo brilho, impassivel e cristalisádo do diamante, como a harpa melancólica de Ossian. A Vontade Humana está bem vincáda e tracejáda a fogo, na *Tentação de S. Antão de Flaubert*, quando o mortificado Santo exclama, esguedelhádo n'um delirio: — «O' felecidade! O' felecidade! eu «ví nascer a Vida, vi começar o Movimento!... O san«gue nas minhas veias tão fortemente estúa que váe «rebental-as!... Tenho vontade de voar, de nadar, de «ladrar, de balir, de dar úrros!...

«Anceio bater ázas, arrastar a concha de um crustá«ceo, ter a casca d'uma arvore, lançar fumo pelas fauces, «possuir uma tromba, torcer o meu corpo, dividir-me «em tudo, estar em tudo, exalar-me como os aromas, «correr como a agoa, vibrar como o Som, resplandecer «como a Luz, insinuar-me sob todas as formas, penetrar «cada atomo, descer ao fundo da materia — ser a pro«pria Materia»

Eis o que é a Vontade:—eis o que é a sua aflíta e eterna insaciabilidade.

E, de fórma em fórma, de desejo em desejo, de decepção em decepção, Ella em tudo se encarna, Ella em tudo se transforma, tudo experimenta, tudo obtém. Tudo *obtem?* — perguntareis vós, assombrados. Sim: tudo obtem. Ainda que não seja n'uma encarnação, será em duas: será em dez: será em vinte: será em cem: — por que a Vontade é eterna, e o Tempo é um misero grão de areia, na ampulheta do Indefenido, ou uma humilde gota d'agoa, n'uma antiga clepsydra de vidro. Rireis talvez d'essas eternas e infindaveis encarnações?...

Assim faria talvez a inconsciente e volátil borboleta, se ella podésse, e lhe fossem dizer que ella já tinha sido uma réles lagárta, e pastára prosaica e ronceiramente n'uma verde folha de amoreira.

A VONTADE,—e queremos diser com isto, a *férrea*, a verdadeira VONTADE—jamais esquéce, jamais morre, como não morre o Amor, que, como Ella, sobrevive sempre, e como Ella é eterno.

Estamos muito longe, hoje, d'aquelle typo extranho, scéptico e nihilista do velho *Heréje*, que nós descrevemos, certo dia, tombando inerte e desalentádo sobre uns gêlos poláres remótos, mas escrevendo ainda, com o seu dedo cadavérico e revoltado, na néve, á semelhança de um espétro de Goya, a palavra fatídica *Nada*. Esse typo éra o symbolo terrivel e frio d'estes tempos de Negação e de anarquía mental.

Mas Leandro d'Aguilar, o homem invulgar e emotivo que, na historia do seu processo, desagráva o nome de uma querida *mulher morta:* e que—na *Morte do Córvo*—afirma a sobrevivencia e a imortalidade do Amor, é o symbolo de uma aurora clára que arraiará, talvez mui breve, n'alguma manhã suáve.

E' lacrimavel vêr que um ilustre escriptor radioso e d'um brilhantismo de estylo raro, mas frio por vezes e

sêco de coração, talvez esterelisado pelo seu *dandysmo* literario, ao descrever um typo de *janóta*, paradoxal e *frasista*, que caracterisa tambem esta época de abjeção moral, escrevesse estas mal reflectidas palavras: «—Todos nós que vivemos, n'este globo, formamos uma immensa caravana, que marcha confusamente para o Náda.» (1)

Nós somos sim, uma caravana que marcha confúsa, e as mais das vezes inconscientemente, mas não é para o *Nada*:—é para o Imenso *Tudo*.

O *Nada* não existe. O *Nada* é uma aspiração de almas mórbidas e cansadas, que estão pedindo a longinqua quietúde passiva do inorganico, da rocha, ou do minério. Mas, nem assim, infelizes!... a obterão jámais, senão aparente e transitóriamente.

Nem todos, todavia, — nóte-se isto bem, — sábem *querer*:—nem todos sábem servir-se d'esse instrumento maravilhoso, como a vára mágica de Moisés, que em nós mesmo existe latente.

Os sacerdotes da India é que a eleváram á altura assombrósa d'uma Sciencia omnipotente. E' esta *sciencia* da *VONTADE* decerto impropriamente conhecida pelo nome de *espiritismo*, ou, com muita mais razão, de *occultismo*:—sciencia que o Ocidente déve decerto um dia reconstruir.

O regimen que elles fasiam usar aos seus iniciados, impondo-lhe frequentes jejuns que, debilitando-lhe o músculo, lhe excitavam a sensibilidade nervosa: o pertinaz método que elles seguiam para provocar o *extase* e as crises da epilépsia: todos os segredos que elles pacientemente estudaram e aprofundaram da *Sugestão*, da transmissão, ou da leitura do pensamento, tornáram-os divinamente omnipotentes, e déram verdadeiramente inicio a

(1) Eça de Queiroz. *Correspondencia de Fradique Mendes*

todos os prestigios das religiões: a todos os oráculos dos velhos deoses: e a todos os subtis fenómenos, que inda hoje são objecto de assombro, do espiritismo contemporaneo. Gravai bem todas estas nossas palavras, que formam a verdadeira *Teoria Universal,* de que amanhã alguns se quererão dar como unicos descobridores, e que a Sciencia muito em bréve assinalará como axiomas indisputáveis.

Uma verdade entretanto, sublime, augusta, transcendental, irrevogável, resáe d'isto tudo :—é a *Sobrevivencia do Amor.*

O *Amor*, como a Belleza fisica e moral, ou como a Sciencia — os trez objectivos unicamente grandiosos da VONTADE—vive sempre e coadjúva as almas n'uma solidariedade incomparavel e deliciosa: jamais esquéce, jamais finda, jamais esmoréce, jamais desaparéce, como as Formas ou o Tempo.

Decérto,irrecusalmente o *Córvo* fatidico de Edgar Poe no seu desoládo e gutural, terrivel e angustioso *Never, oh never more !...* soltou um grito blasfémo e de Desesperança !

Mas o heróe do nosso livro, o ente singular mas emotivo, que escreveu o seu processo, desafrontando uma cristalina Mulher desaparecída lavrou a condenação d'esse nihilismo amargo e sinistro, e proclamou a sympáthica, delicada, e amoravel thése da sobrevivencia infinita do *Amor Humano.*

Portanto, almas delicadas e feridas pela ausencia transitoria d'um ente querido : Amantes, Mães, Irmãs inconsolaveis e dorídas, enxugae vossos prantos infindaveis e lancinantes,—que pézam mais, na balança invisivel do Altissimo, do que o diamante *Excelsior,* na balança de um joalheiro — enxugai-as, consoládas e extasiádas, por que algum dia contemplareis de novo essas almas peregrinas... e transitoriamente esvaecidas.

E vós— homens frios e scéticos do meu tempo—quan-

do a Morte se abater sobre alguem que vos foi cáro: quando escuteis crocitar lá dentro, no coração, o rytmo aziágo e fúnebre do *Nunca mais! Nunca mais!*... obráe resoluta e inabalavelmente como o heróe do meu poema:—**Estrangulae, dentro de vós, o Côrvo.**

NOTA ORTOGRÁFICA

A ortografia, que se impõe incontestavelmente como a *única racional* é, decerto, a ortografia sónica. Como porem a Razão léva sempre séculos a impôr-se, emquanto que o Absúrdo senhoreia e avassála tudo logo, o que e racional é que é menoscabádo como absurdo: em quanto o Absurdo soberanamente tripudia. Em taes casos, o que é sensáto é ir evolucionando pouco a pouco, sempre, no caminho da verdade e da luz, a fim de não escandalisar, em demasia, os morcêgos. A lingoa déve ser um instrumento facil e correntío, para uso da massa geral. Quem fáz uma lingoa é o povo cheio de imaginação e pitoresco : são os poetas que de ordinario teem esses mesmos dótes peculiares : e depois, os escritores geniaes, que impõeem o seu estílo, a sua lingoa, as suas idéas. Os académicos e eruditos veem depois, e em nada mais se deveriam intrometer decerto, senão em registar o que encontraram e a pôr em ordem o que lêram, isto é : — em *fazer gramáticas e dicionarios*. Sucéde porém que elles se não contentam com esse papel subalterno, e quérem tambem dar leis, e formular códigos. Então a lingoa passa a ser uma cousa massante, sábia, erudita, académica e empalháda, que é preciso cem annos, — sem fazer mais cousa alguma — para se bem estudar, aprofundar, ador-

mecer e escabacear. Inventa-se então a *phonologia*, a *morphologia*, a *etymologia*, *ou a glótica* : sciencias muito respeitaveis decerto, mas pelas quaes finalmente ninguem se vem a regular nunca, por que afinal o *uso*, a *necessidade*, o *costume*, a *evolução*, e o embate dos tempos e dos homens altéram constantemente o que essas venerandas régras legisláram.

Algumas vezes cáe no caminho, um *t*, um *o*, um *l*, ou um *v*, do meio, do principio, ou do fim, de alguma d'essas sublimes palavras tão sábiamente comentadas pelos académicos: e com tanto recáto arquivádas. Os sabios então ficam embaraçados para explicar como taes desacatos e taes sacrilégios sucederam a vocabulos tão bem vigiados, e a expressões outrora tão comedidas e enclausurádas em tão boas regras. *Corolário final* : — Foi o povo, foram os poetas, foram os escritores de génio, que perpetráram taes violações, por que só elles teem o poder de fazer, ou de desfazer lingoas. Em taes casos o que é logico é aproximar as lingoas cada vez mais do povo: fazel-as correntías, fáceis, sem preocupações etymológicas — que são ridiculas sempre em lingoas que ás vezes tem mil origens diversas — e ensinal-as a escrever *tal e qual*, *como se fála*. E' isto decerto o mais lógico, e que acabará por ser letra correntía qualquer dia, a despeito dos académicos e dos filólogos.

Uma das cousas mais racionaes a fazer, portanto, é acabar de vez com as letras duplicádas, como já fizéram os nossos visinhos, os castelhanos, e deitar tambem para o cemitério, como inuteis o *ph*, o *th*, o *ch*, ou o chamado *y* grêgo. Foi o que nós pretendemos fazer n'este livro: e n'esta orientação nos guiámos, como a mais lógica, e única racional.

Mau grádo, porem, a nossa boa vontade, varios erros contrarios a tal propósito, no texto se insinuáram.

Não insistiremos mais n'isto, portanto, visto que já fica conhecido aqui o nosso alvitre, a tal respeito. Oxa-

lá seja comprehendido, e ainda mais, seguido!...

Ha porem erros contra a fidelidade da idéa, que é forçoso tambem corrigir, e para a emenda dos quaes pedimos atenção.

Na estancia X, á *Memoria da minha Irmã*, déve lêr-se:

afim de que te lembre e te recorde os sonhos,

Na *Mulher de Luto*, terceto XXX:

entre as prágas do jogo, entre a dança, entre a flauta.

Nos *Vaticinios Máos*, terceto XXXIX:

aquéla acácia mal nos encóbre o telheiro,

No *Sacrilégio*, terceto XXIV:

só ao impulso cedí, tomado de surpreza.

No mesmo, terceto XXXVI:

de ramos, de hervaçaes, negros, entrelaçados.

No *Sermão de Lágrimas*, terceto XXII:

proclamou-me orador de tal facundia e plana,

No *Diadema de papelão doirádo*, terceto XXXIX:

Como eu interpretáva a paixão nobre e franca

No terceto XLIII:

o Hamleto, taciturno, oculto entre os cyprestes...

No terceto CXIII:

Todos volvem de chófre, o olhar tôrvo e fremente

Nas *Ruinas de um Teátro*, terceto XVI :

Vê no mundo o esplendor postiço do proscénio.

No terceto XXIV :

E ao cérto, o mais inf'liz d'estes mil infelizes !...

Na *noite do Noivádo*, terceto LX :

eu vía o seu vestido elegante,

Em que as Pédras clamam, terceto XV :

pela hórta arrastando os tamancos taxeádos.

No terceto LIV :

Vinha da campa chã, da parte opósta ao muro.

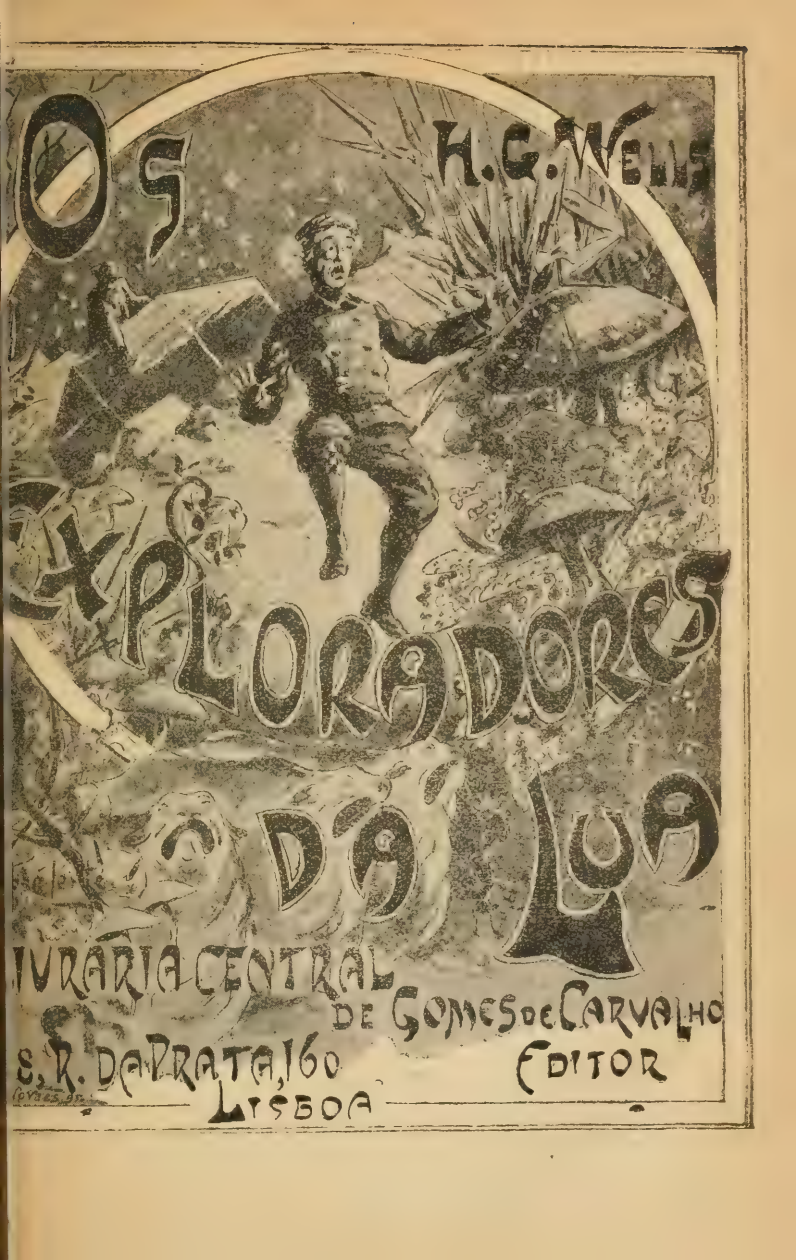
No alto mar, estancia II:

a agoa de Siloé clara e macía,

Sobre outros, que não alteram o sentido, em cousa alguma, fasemos omissão, por desnecessidade.

INDICE

Á Memoria de minha Irmã	5
Processo ruidoso e singular	11
Antes do meu Processo	17
A Mulher de Luto	21
Os Fantasmas Noturnos	27
Vaticinios Máos	35
Os Espiritos	41
O Vaticinio Enigmático	45
O Sacrilégio	47
O Sermão de Lágrimas	55
A Batina Rasgáda	66
O Diadema de papelão doirádo	76
Ruinas de um Teátro	96
Carta á Mulher de Luto	101
Continuação das Ruinas de um Teátro	108
A minha noite de Noivado	115
O meu Processo Singular	127
Em que as Pedras clamam	143
A Morte do Corvo	158
Cartas á Mulher de Luto	168
A Sobrevivencia do Amor	184
Nota ortografica	199


Os
H. G. Wells
Exploradores
do Ar
Livraria Central
de Gomes de Carvalho
R. da Prata, 160
Editor
Lisboa

OS EXPLORADORES DA LUA

Ninguem ignora que papel principal tem desempenhado o maravilhoso na litteratura, — ora mediante a intervenção de deuses, anjos e demonios nos assumptos do homem, ora apresentando regiões mysteriosas da terra habitadas por creaturas extra-humanas ou supra-humanas. — Mas o maravilhoso envelheceu já; não se póde dizer que a alma moderna o desdenhe, isso não; mas o ambiente realista e naturalista da civilisação influe até n'elle. Lendo-se alguns auctores actuaes do occultismo, nota-se-lhes uma nova concepção do mysterioso. O sobrenatural encorpora-se no natural, é uma prolongação d'este. A telepathia e o hypnotismo, são pontes entre o imperio da Sciencia e o reino do Mysterio.

Ora, esta evolução do maravilhoso tem nas obras de Wells uma applicação litteraria eminentemente moderna.

E' elle um novel escriptor inglez; a sua fama data de ha poucos annos apenas. E essa fama alcançou-a com o extraordinario dos seus assumptos. Representam elles uma restauração do maravilhoso em litteratura, mas aproveitados habilmente com os materiaes da actual cultura scientifica.

Muitos o teem comparado a Julio Verne, mas essa comparação é inexacta. Nem nos processos, nem nas fórmas, nem nas tendencias, existe a menor similhança. Julio Verne creou coisas sem alma; Wells dá ás suas concepções esse raio divino, que é a unica relação dos sêres com o Ente Supremo. A humanidade de Julio Verne é o vulgo, e as suas machinas nada possuem que nos espante. Wells pro-

cura no fundo das consciencias humanas as coisas extraordinarias cujo espectaculo nos offerece.

E Filon, referindo-se aos dois escriptores, diz: «A sciencia de Julio Verne, é de hoje; a de Wells pertence a um dia mais longinquo, a um dia que talvez nunca chegue; e comtudo, todos os seus livros pertencem á sciencia, pois que se podem conceber scientificamente coisas que não sejam verdadeiras, — como se podem representar objectos reaes por processos anti-scientificos.»

Tal é a critica sobre o novo escriptor inglez, cujos livros tanta sensação teem causado em todo o mundo culto, e que pela primeira vez se apresenta ao nosso publico.

D'entre todos os seus romances, podemos destacar

OS EXPLORADORES DA LUA

em que Wells põe em acção toda a sua extraordinaria e brilhante força imaginativa e poetica, afim de dar côr de realidade historica ao fantastico.

Dois aventureiros corajosos decidem ir explorar as mysteriosas regiões do nosso satellite. Graças a uma esfera da sua invenção, chegam á Lua. E vêmos então — a par de peripecias interessantissimas, mas todas ellas obedecendo a um fim scientifico — Wells pôr em scena os segredos d'aquelle planeta, apresentando-nos os seus habitantes, os seus monstros, as suas vegetações extraordinarias e expontaneas, os seus abysmos, as suas cavernas.

Em

Os exploradores da Lua

assim como em toda a obra do illustre escriptor, as «idéas-forças», esta nova theoria filosofica, constituem o seu principal nervo. Sente-se, á sua leitura,

o calafrio do pezadello, a suggestão d'um infinito inabordavel.

Pensando nos progressos que a sciencia dia a dia realisa, a idéa que presidiu á feitura de

Os exploradores da Lua

não será possivel dentro de um espaço de tempo mais ou menos longo?

E que quadro tão vivido d'um mundo desconhecido, em que assistimos, com os dois aventureiros, ás coisas extraordinarias d'um planeta cujas creaturas excepcionaes, cabeças enormes com tentaculos de alimarias extra-terrestres, são vistas pelo romancista sob a feição psycologica!

Começando a serie dos livros de Wells com

Os exploradores da Lua

em 1 bello volume de 336 paginas, por 600 rs.

TRADUCÇÃO DE

OLYMPIO MONTEIRO

dependerá da acceitação que lhe dispense o nosso publico, que a obra monumental do illustre escriptor seja publicada pela

Livraria Central

DE

GOMES DE CARVALHO

158, Rua da Prata, 160

Lisboa

Do mesmo auctor, no prélo:

NARRATIVAS DO TEMPO PRIMITIVO

UMA HISTORIA DO TEMPO FUTURO